

## 6

### **Uma abordagem exploratória sobre as disposições – *habitus* escolares**

Procuramos trilhar um percurso diversificado de pesquisa nestas escolas do ponto de vista metodológico. Estar em instituições com origem em diferentes setores de ensino e com a ambição de compreender o conjunto de disposições escolares favoráveis (cognitivas e comportamentais, objetivas e subjetivas), caracterizando práticas e hábitos que são base da qualidade de ensino, nos levou a produzir um grande volume de dados. Tínhamos em mente todo o tempo a variação de escalas de observação (Revel, 1998) nesta investigação exploratória do *habitus* escolar.

Assim, investimos na construção de um *survey* (2009), com posterior análise destes dados; observamos espaços e práticas escolares recorrentes (2010-2011), que julgamos representativas do estímulo e manutenção das disposições escolares, em particular as reuniões de pais e professores. Conversamos com os agentes escolares (diretores e coordenadores pedagógicos) que foram entrevistados em dados momentos do ano letivo e por diferentes integrantes do grupo. Pais e filhos foram entrevistados em casa, na escola, numa tentativa de nos aproximarmos da microssituação (Collins, 2000), concebendo a entrevista como um espaço para a reflexão sobre as ações e como momento privilegiado para delinear as impressões pessoais sobre as rotinas e valores constitutivos do *habitus*. Entrevistamos adolescentes, vendo-os como capazes de oferecer uma descrição de suas rotinas escolares, ao tempo em que mantem um posicionamento crítico sobre seus valores, ações e posturas, para explorar os *habitus* escolares.

Este panorama metodológico de pesquisa poderia retratar a articulação de perspectivas gerais (de longe) com as mais próximas (de perto). O complexo conceito de *habitus* pode funcionar neste contexto como um elo entre macro e micro abordagens, na medida em que carrega em seu significado as disposições e valores individuais, bem como os elementos estruturais do campo social em que foi forjado. Da análise da sociedade a uma sociologia do indivíduo, o conceito de *habitus* e das disposições cultural e socialmente herdadas ilustra a conexão entre ações individuais e coletivas.

O olhar situado nas reflexões a respeito dos hábitos e rotinas estudantis não nos levou à descrição de elementos de disposições escolares, mas à interpretação dos diferentes conjuntos de influências presentes na escolarização. Construímos sínteses sobre os alunos entrevistados (Anexos 6 e 7), com o objetivo ilustrar as experiências de escolarização individuais dos adolescentes. Ao interagir com estes meninos e meninas conhecemos elementos de cotidianos escolares distintos, que convivem nestas instituições reconhecidas pela qualidade de ensino. De forma semelhante, porém ampliada, à análise das impressões familiares, apresentamos estas sínteses, antecedidas de quadros contextuais, como o estabelecimento de possível argumento de autoridade, emoções identificadas durante as entrevistas (empatia, timidez, apatia), procurando destacar a linguagem do corpo – entendido como elemento que contribui fortemente na modelagem do *habitus* (Bourdieu, 2011a: 234). Na análise das entrevistas, além de procurarmos respeitar a integridade dos textos (transcrições dos depoimentos), mantendo expressões nativas dos entrevistados, inspirados pelo estilo sugerido por Bourdieu, na intenção de “fornecer ao leitor o instrumento de leitura compreensiva” (*idem*, 2011b: 712).

A produção destas sínteses, que tem como objetivo contextualizar os momentos das entrevistas e apresentar aspectos da personalidade dos alunos foi feita após a reunião de diferentes elementos: o acompanhamento de reuniões e encontros escolares, dados das famílias oriundos de conversas e entrevistas com os professores, coordenadores pedagógicos e diretores, análise das entrevistas com os familiares (pais, mães e responsáveis pedagógicos) e principalmente, através das entrevistas realizadas com os alunos, bem como da observação sistematizada de todas estas etapas (locais das entrevistas, comportamentos dos entrevistados, clima).

Por meio das entrevistas com os alunos pudemos sistematizar hábitos, rotinas e valores que se apresentaram enquanto regularidades na experiência escolar dos alunos destas escolas. Neste momento, nos guiou-nos especialmente o referencial teórico de Pierre Bourdieu sobre o senso prático, que procura compreender as ações que os indivíduos engendram de forma razoável (e sem organização consciente) e que se situam além de uma “ação racional” ou “reação mecânica” (Bourdieu, 2009: 85). Foi também partindo da premissa de que através do conhecimento de situações e vivências familiares, os “fatores estruturais mais fundamentais” aparecem (*idem*, 2011a: 236), que investimos nas entrevistas dos pais para compreender as lógicas familiares e escolares que repercutem na escolarização dos adolescentes:

“Isso faz com que, através da narrativa das dificuldades mais “pessoais”, das tensões e contradições, na aparência, mais estritamente subjetivas, acabem se exprimindo, muitas vezes, as estruturas mais profundas do mundo social e suas contradições”. (*idem ibidem*)

Foi através das narrativas das famílias e dos profissionais da escola que pudemos conhecer as características de algumas destas tensões tão evocadas pelo senso comum, por professores, mídias e literatura especializada. A ambição na investigação do *habitus* e os limites dos instrumentos usados nesta pesquisa devem ser lembrados, tendo em vista que “as estruturas mentais não são o simples reflexo das estruturas sociais” (*idem ibidem*). Esta citação nos recorda as fronteiras e as possibilidades que estão disponíveis na junção dos depoimentos pessoais, associados às respostas objetivas aos questionários. *O que se conhece sobre estas experiências escolares? O que funciona nas rotinas e o que parece não funcionar? Em quais comportamentos investir?*

As entrevistas com os alunos não objetivaram mergulhar na trajetória escolar ou biográfica dos adolescentes, mas flagrar a experiência destes estudantes no nono ano do ensino fundamental, concebendo esta ocasião como capaz de denotar, estilos no estudar, níveis de autonomia e dependência, inseguranças e expectativas, associando-as a outros aspectos sociais, como posição na fratria, composição familiar e posição social. Foram retratos de expectativas, desejos, tensões, contradições e pensamentos de adolescentes em vida escolar que se manifestaram.

## 6.1

### **Alunos: adolescentes na escola pública e na escola privada**

As entrevistas realizadas com os adolescentes aconteceram após a entrevista com os pais, com os quais obtivemos autorização. A este respeito, cabe diferenciar o clima de aceitação entre os pais da escola pública e da escola privada. Na primeira, a aceitação imediata, positiva e sem ressalvas (mesmo antes de consultar os filhos) foi uma postura que prevaleceu entre todas as mães entrevistadas, como já destacamos. Quando voltávamos à escola pública, os adolescentes (maioria gentil e sempre educada) se apresentavam dispostos à entrevista: “Minha mãe falou que a senhora vinha conversar comigo” foi uma das frases que escutamos algumas vezes antes das conversas. Na escola privada, a

aceitação também foi unânime, no entanto, com a reserva de que os filhos somente fossem entrevistados, se assim o quisessem. Um dos pais da escola privada (*Gustavo*) argumentou que os adolescentes dificilmente estariam disponíveis. De fato, *Ingrid*, filha do *Gustavo* foi a única aluna da escola privada que se negou a conversar conosco, quando entrevistamos seu pai em casa. No entanto, quando procurada mais tarde na escola foi entrevistada sem maiores problemas.

Estas entrevistas com os adolescentes apresentaram algumas particularidades. Em geral foram entrevistas mais curtas, comparadas com as dos adultos. Apesar de a maioria receber bem a proposta, alguns jovens acreditaram (principalmente na escola privada), que aquela conversa estava acontecendo por algum problema, a respeito de desempenho ou comportamento na escola. Tomamos certo cuidado na entrevista dos alunos, procurando explicar bem os objetivos da pesquisa e nossa intenção em conversar com eles. As entrevistas seguiram de forma semiestruturada, tratando dos seguintes tópicos: Caracterização Inicial; Comportamento e Escola; Rotina Doméstica e Dever de Casa; Comportamento Acadêmico, Rendimento e Desempenho Escolar e Relação com os Agentes Escolares (Anexo 4). Em alguns momentos, apesar de insistirmos para que descrevessem suas rotinas, quando sentimos que não estavam à vontade para prosseguir em determinado tema, seguíamos para outra questão, procurando diminuir possíveis situações de violência simbólica no momento da entrevista. Por esse motivo, algumas questões do roteiro foram mais exploradas com determinados estudantes, do que com outros.

Em diferente medida, os alunos compartilharam suas experiências de escolarização, na maioria das vezes se posicionando criticamente sobre a escola. O material produzido a partir das entrevistas é fruto desta dinâmica de trabalho que construímos.

Entre os pais que se voluntariaram durante as reuniões escolares, procuramos garantir um conjunto que contemplasse alunos de diferentes turmas de nono ano em cada escola. Nos quadros abaixo (Quadros 53 e 54), estão sistematizados os estudantes entrevistados na escola pública e na escola privada.

Quadro 53: Alunos entrevistados na escola privada

Sexo/Idade/ Turma	Bairro onde reside	Ano/Série de ingresso	Repetiu algum ano?	Local de entrevista
1. <i>Ingrid</i> , 14 anos, 903	Cosme Velho	1º ano	Não	Escola
2. <i>Thais</i> , 14 anos, 904	Flamengo	3º ano	Não	Casa
3. <i>Amanda</i> , 15 anos, 902	Humaitá	6º ano	Não	Escola
4. <i>Olga</i> , 14 anos, 904	Laranjeiras	2º ano	Não	Escola
5. <i>Carlos</i> , 14 anos, 903	Laranjeiras	1º ano	Não	Casa
6. <i>Vicente</i> , 14 anos, 902	Laranjeiras	1º ano	Não, mas quase repetiu 7º e 8º anos	Escola
7. <i>Fábio</i> , 14 anos, 901	Lagoa	8º ano	Não	Escola
8. <i>Rodrigo</i> , 14 anos, 901	Laranjeiras	1º ano	Não, mas quase repetiu o 8º ano	Casa

Fonte: Elaboração própria.

Quase todos os entrevistados tinham quatorze anos de idade, alguns deles completariam quinze anos em 2011 e apenas um aluno da escola pública tinha dezesseis anos no momento da entrevista. Também obtivemos uma representatividade equilibrada em relação ao sexo, com quatro meninas e quatro meninos entrevistados na escola privada e três meninos e cinco meninas na escola pública. Todos frequentaram a educação infantil, nenhum deles repetiu o ano, mas dois alunos da escola privada já haviam estado na iminência de repetir alguma série, estes também apresentavam dificuldade em algumas disciplinas naquele ano letivo. Um aluno da escola pública disse ter “voltado um ano” no primeiro segmento do ensino fundamental por decisão da mãe, pois estudava em uma escola do município, cuja qualidade de ensino era considerada ruim.

Quadro 54: Alunos entrevistados na escola pública

Sexo/Idade/ Turma	Bairro onde reside	Ano/Série de ingresso	Repetiu algum ano?	Local de entrevista
1. <i>Otávio</i> , 14 anos, 1902	Santa Teresa	5º ano	Não	Escola
2. <i>Bianca</i> , 14 anos, 1902	Botafogo	6º ano	Não	Escola
3. <i>Sabrina</i> , 14 anos, 1903	Urca	6º ano	Não	Escola
4. <i>Nicolas</i> , 16 anos, 1902	Glória	6º ano	Não, mas voltou um ano	Escola
5. <i>Gabriel</i> , 14 anos, 1902	Glória	6º ano	Não	Escola
6. <i>Rafaela</i> , 14 anos, 1901	Botafogo	3º ano	Não	Escola
7. <i>Laila</i> , 14 anos, 1902	Laranjeiras	8º ano	Não	Escola
8. <i>Clarisse</i> , 14 anos, 1903	Botafogo	1º ano	Não	Escola

Fonte: Elaboração própria.

Em relação ao local da entrevista, conseguimos entrevistar mais alunos na residência – uma de nossas intenções iniciais para a caracterização das rotinas – na escola privada. Isso ocorreu por diferentes fatores, houve certa recusa das mães da escola pública em nos receber em suas casas, sob diferentes alegações: por motivo de trabalho ou pela presença de outros familiares que dividiam a residência. Cabe destacar aqui, que a clientela popular desta escola não se assemelha ao que poderíamos denominar como uma camada popular tradicional. Há indícios de que estejamos lidando com famílias em um trânsito de ascensão, ao mesmo tempo, parece não se tratar de uma nova classe média (caracterizada pelo aumento no poder aquisitivo), mas de uma classe de status ambíguo, a qual chama atenção o volume de informações que possui sobre as boas escolas. Na escola privada, quando não havia um familiar em casa, existia outra pessoa (secretaria, empregada doméstica) para receber-nos. Ainda assim, apenas três alunos da escola privada foram entrevistados em casa. Outros motivos levaram a este quadro, o volume de atividades extraescolares ou a ausência de outro adulto em casa.

A atividade extraescolar é um aspecto que diferencia muito as rotinas destes alunos, enquanto na escola privada identificamos uma variedade de atividades esportivas e artísticas, na escola pública, o foco encontrava-se na preparação para o ensino médio e a busca de oportunidades. Todos os estudantes tinham alguma atividade extraescolar na escola privada (Quadro 55), todos frequentavam algum curso de língua estrangeira, três faziam cursos de algum instrumento musical (piano e violão), dois tinham atividades esportivas fora da escola e uma das alunas tinha aulas de dança. O reforço semanal do tipo ‘A’ representa as aulas particulares que perduram por alguns meses, quando o aluno descreveu esta atividade como presente em um ou dois trimestres e o reforço semanal de tipo ‘B’ aulas esporádicas, aquelas marcadas em véspera de prova ou pra sanar alguma dúvida.

Quadro 55: Atividades extraescolares na escola privada

ATIVIDADES EXTRAESCOLARES ALUNOS – ESCOLA PRIVADA					
Sexo/Idade/ Turma	Línguas/ Frequência Semanal	Esporte/Dança Frequência Semanal	Música/ Frequência Semanal	Reforço/ Apoio escolar Frequência Semanal: (A); Esporádica (B)	Dias da semana sem atividade extra
1. <i>Ingrid</i> , 14 anos, 903	2	2 (jazz)		B	1
2. <i>Thais</i> , 14 anos, 904	2		1 (violão)	B	2
3. <i>Amanda</i> , 15 anos, 902	2			B	2
4. <i>Olga</i> , 14 anos, 904	3 (inglês/ espanhol)				3
5. <i>Carlos</i> , 14 anos, 903	2		2 <sup>1</sup> (guitarra/violão /outros instrumentos)	B	2
6. <i>Vicente</i> , 14 anos, 902	2			A	3
7. <i>Fábio</i> , 14 anos, 901	2	2 (remo)		A	-
8. <i>Rodrigo</i> , 14 anos, 901	2	2 (tênis)	4 <sup>2</sup> (guitarra/ piano)	A	-

**Fonte:** Elaboração própria. <sup>1</sup> Tem aulas particulares e cursa uma escola de música particular.

<sup>2</sup> As aulas de piano acontecem em uma escola estadual, especializada em ensino musical.

Na escola pública (Quadro 56) apenas uma aluna fazia curso de inglês e cinco entre oito estudantes frequentavam de cinco a três vezes por semana algum curso preparatório para os concursos de ingresso ao ensino médio. *Laila* e *Clarisse* também faziam à época um curso preparatório aos sábados, oferecido gratuitamente por uma escola privada. As alunas foram indicadas por professores da escola a pedido desta instituição.

Dois alunos faziam um curso profissionalizante como aprendizes de trabalhos administrativos. Estes mesmos alunos (*Gabriel* e *Nicolas*) praticavam atletismo, de quatro a cinco vezes por semana. As atividades esportivas e de preparação para o primeiro emprego eram gratuitas. Os cursos preparatórios feitos por cinco alunos eram financiados pelas famílias, que despendiam quantias que variavam em torno

de R\$ 200,00 (duzentos reais) a R\$ 400,00 (quatrocentos reais) mensalmente, dependendo dos descontos conquistados pelos estudantes nas mensalidades<sup>64</sup>.

Os cursos de língua estrangeira eram valorizados pelos estudantes desta escola pública, que nos disseram que gostariam de estar cursando, mas que naquele momento sacrificavam esta vontade, devido aos cursos preparatórios. *Bianca*, por exemplo, precisou interromper o curso de inglês que fazia para se dedicar ao curso preparatório e nos disse que gostaria muito de voltar. A aluna disse que tomou a decisão de abrir mão do curso junto com os pais. *Laila* gostaria de continuar no curso de espanhol, mas nos conta que sua família não pôde arcar com a despesa, somada a do curso preparatório, que chegava à quantia de R\$ 300,00 (trezentos reais). *Sabrina*, que frequenta um curso de inglês nos diz que gostaria de estar fazendo um curso preparatório, no entanto, sua família também não tinha condições materiais para arcar com duas despesas extras. Esta mesma menina fez teatro gratuitamente em uma universidade pública, próxima à escola durante um ano, mas, contra sua vontade, precisou parar.

**Quadro 56: Atividades extraescolares na escola pública**

Sexo/Idade/ Turma	Línguas/ Frequência Semanal	Esporte/Dança Frequência Semanal	Reforço/Apoio escolar Frequência: 5 vezes na semana (A); 3 vezes na semana (B)	Curso Profissionalizante/ Frequência Semanal	Dias da semana sem atividades extra
1. Otávio, 14 anos, 1902			A		-
2. <i>Bianca</i> , 14 anos, 1902			A		-
3. <i>Sabrina</i> , 14 anos, 1903	2				3
4. <i>Nicolas</i> , 16 anos, 1902		2ª a 6ª feira		1	-
5. <i>Gabriel</i> , 14 anos, 1902		2ª a 6ª feira		1	-
6. <i>Rafaela</i> , 14 anos, 1901			B		2
7. <i>Laila</i> , 14 anos, 1902			B		2
8. <i>Clarisse</i> , 14 anos, 1903			A		-

Fonte: Elaboração própria.

<sup>64</sup> Os valores das mensalidades dos cursos preparatórios variam com base no desempenho dos alunos na escola e em avaliações feitas nos próprios cursos. Alguns alunos que tem ou tiveram irmãos estudando nestes cursos também dizem conquistar bons descontos por conta disso.

Ao analisarmos os depoimentos dos alunos traremos outras informações importantes sobre as rotinas, tais como horas de estudo diárias e o local de preferência para fazer os deveres e estudar (casa, biblioteca, quarto, sala). As entrevistas com pais e alunos possibilitaram ampliar a caracterização dos hábitos e rotinas escolares. Vimos através da descrição dos pais, por exemplo, que algumas aulas eram muito criticadas, as de literatura da escola privada e as aulas de matemática na escola pública, por exemplo. Associar as informações familiares às estudantis e vice-versa foi ponto de partida e parâmetro importante para compreender algumas influências familiares e escolares na constituição das disposições.

Serão analisadas as ações de manutenção e alteração da rotina de estudos que os jovens realizam, em um sentido que pode ser interpretado a partir de questões, como: Quais são as influências perceptíveis da herança cultural e financeira das famílias? Como os adolescentes usam seu tempo escolar e tempo livre? Quais relações estabelecem com os profissionais da escola e que os levam a estruturar seu *habitus* escolar? Como estes jovens se mobilizam para o trabalho escolar?

## **6.2**

### **As entrevistas com os alunos da escola privada**

#### **6.2.1**

##### **Rotinas**

Uma pergunta sintetiza a orientação das entrevistas com os alunos. Quais são as rotinas escolares e domésticas dos meninos e meninas que estudam em escolas de reconhecida qualidade? Nosso roteiro de entrevista (Anexo 4) se preocupou muito em investigar a rotina de estudos dos alunos em casa e o comportamento acadêmico na sala de aula. Neste item, vamos discutir o objetivo de cada pergunta do roteiro, que foi dirigido aos estudantes da escola privada e escola pública. De forma semelhante às entrevistas feitas com os pais, os alunos também foram entrevistados em dupla. A maior parte destas entrevistas foi dirigida por mim (entrevistador 1) e minha companheira de pesquisa (entrevistador 2) tinha um pequeno roteiro, com cerca de três perguntas destinadas aos alunos, com foco na relação com a família. Vamos focalizar neste momento os pontos de convergência e de divergência entre as disposições escolares destes

adolescentes, tendo em vista as concepções de educação familiar (os valores e projetos destas famílias em relação à escolarização) e à forma como as identidades institucionais (*singularidades institucionais*) se manifestam nas rotinas e valores expressos pelos alunos. Neste momento, será possível identificar tipos de disposições – *habitus* escolares – sintetizados nas posturas dos alunos, na forma como se expressam e valorizam ou desvalorizam determinadas rotinas e tarefas, nas expectativas de futuro e impressões sobre a vida escolar. Nas falas dos meninos e meninas vem à tona de forma coerente muito do que foi ressaltado pelos pais, coordenadores pedagógicos e diretores, contrassensos e conformidades, condensado nas atitudes e nos hábitos descritos por eles.

Veremos que as diferenças são grandes entre as rotinas escolares domésticas dos estudantes da escola pública e da escola privada, principalmente no que se refere aos cursos e atividades extraescolares, como vimos anteriormente. Chama atenção o tempo que dispendem no computador, as páginas que mais acessam na internet e o período que os meninos dedicam aos jogos eletrônicos, por exemplo. Tais hábitos estão no bojo das mudanças a que todos de uma forma geral estão passando, pela popularização da internet a inserção destes novos hábitos nas rotinas. No item seguinte (5.3) analisaremos examinaremos os depoimentos dos alunos da escola pública.

### ***Chegada à escola***

Identificamos na descrição das rotinas familiares e escutamos de professores e coordenadores pedagógicos da escola privada, a dificuldade que enfrentam diariamente em relação à entrada dos alunos na escola. As regras a este respeito apresentam flexibilidade na escola privada, apesar de se ter um horário oficial de entrada, “meninos e meninas devem sempre ser acolhidos” – esta é uma foi fala constante do diretor. Na prática, alunos e alunas entendem que a regra existe, mas que o seu descumprimento não acarreta maiores problemas, possíveis advertências e telefonemas aos pais se apresentam como adversidades de pouca importância para estes alunos<sup>65</sup>.

Cinco alunos residem no bairro onde se localiza a escola (*Ingrid, Olga, Carlos, Vicente e Rodrigo*) e entre estes todos dizem chegar no horário. Os outros

---

<sup>65</sup> Evidências deste comportamento serão trazidas em seguida, quando analisarmos as impressões dos alunos sobre as regras escolares.

três alunos (*Amanda, Thais e Fábio*) moram em bairros vizinhos, mas não muito distantes da escola. Três alunos (*Ingrid, Amanda e Thais*) entrevistados disseram costumar chegar um pouco atrasados na escola:

**Entrevistadora1:** Que horas você chega, qual é a primeira coisa que você faz quando chega à escola?

**Thais:** Normalmente eu chego em torno de umas 7:30h mesmo, principalmente quando está frio, é bem difícil de acordar. É, chego em cima mesmo, mas a primeira coisa que eu faço é separar o meu material, depois eu vou no armário, eu vejo as aulas que tem...Aí eu separo o material e só depois eu sento e começo a prestar atenção de fato na aula.

**Entrevistadora1:** Então se você chega às 7:30 h, você leva mais quanto tempo para chegar à sala?

**Thais:** Mais uns dez minutos.

**Amanda:** Tá. Então, eu acordo 6:30 h. Acordo a minha mãe, faço café. Umas 7h eu vou para o ponto, venho de ônibus. Às vezes demora [o ônibus]. Quando tá atrasado a gente pega carona com alguém ou racha um táxi, assim, as pessoas que pegam ônibus juntas. Geralmente eu chego na hora. Ultimamente é que eu tenho chegado um pouco mais atrasada porque eu tenho dormido mais. Aí eu volto de ônibus também. Aí eu vou pra casa ou da minha mãe ou do meu pai, dependendo do dia.

Nessa rotina alguns alunos (*Olga, Vicente e Amanda*) destacam problemas com o sono, dificuldade para dormir sempre no mesmo horário e para acordar cedo. Esta situação, que foi ressaltada pelos pais, é reconhecida pelos alunos. *Olga* (filha de *Zilda*) associa o problema à agenda de atividades extraescolares, especialmente aos cursos de inglês e espanhol, aos quais tem se dedicado. *Vicente* (filho de *Celia*), por sua vez, descreve que a televisão é um obstáculo para dormir cedo, relatando uma dificuldade para se desligar.

**Olga:** Eu tenho ido dormir muito tarde porque com esse negócio de inglês e espanhol, eu estou com provas [...]. Quando eu faria o dever da escola, eu estou estudando para o inglês e para o espanhol. Então, essa semana eu estou indo dormir 11:00h, 11:30h, 12:00h. Mas, pra mim é muito difícil acordar no dia seguinte. Meus pais, eles ficam me acordando. Jogam água na minha cara. Põem meu cachorro em cima de mim pra ver se me acorda. O olho não abre. Eles falam que me acordam. Passam meia hora me acordando.

**Entrevistadora1:** Você costuma dormir tarde? Que horas você dorme todo dia?

**Vicente:** Às vezes eu vou pra cama tipo 10h e durmo 2h. Não é insônia, eu não sei também. Eu acho que eu me distraio também. Eu não consigo dormir com a TV desligada. [...] Aí eu boto em algum programa que eu não gosto, aí eu durmo.

Apesar do problema aparente para acordar, *Olga* nos diz que o excesso de sono não lhe causa maiores problemas na escola e que costuma despertar quando as aulas começam, diferente de amigos, que segundo a aluna, tem o hábito de dormir na sala:

**Entrevistadora1:** Quando você vem pra escola, você continua com sono? Já dormiu na sala?

**Olga:** Quando eu chego aqui alguma coisa me desperta. Começo a conversar e tal. Não [nunca dormiu]. Mas o pessoal dorme. Ficam no cantinho, na última cadeira. Aí, baixa a cabeça e dorme. Todo dia [...] as mesmas pessoas.

A rotina de entrada dos alunos nesta escola foi apontada como um problema, desde a primeira reunião de pais. Neste primeiro encontro, direção e coordenadores pediam às famílias que acordassem os filhos, garantindo sua entrada no horário estipulado. O fato da escola não assumir uma postura punitiva com os alunos, fez com que alguns deles relativizassem o cumprimento desta regra, e assim, para lidar com atividades extraescolares e outros interesses, assumem seus atrasos como limites aceitáveis. Durante as reuniões de pais, professores e coordenadores pedagógicos associavam os atrasos e “alunos sonados” a dificuldades de aprendizagem e ao fraco desempenho de alguns. Nas entrevistas com os alunos atrasados (*Olga, Vicente e Amanda*); apenas *Vicente* era considerado um aluno de baixo desempenho.

### ***Tarefas, estudo diário e outras atividades em casa***

Outro problema recorrente destacado pelos professores, gestores escolares e pelas famílias refere-se ao estudo diário em casa. Recomendar aos alunos tarefas para fazer em casa é uma prática na maior parte das escolas, que tem se configurado cada vez mais precoce, quando vimos que até mesmo os alunos mais novos (educação infantil) já levam tarefas para casa, as quais em muitos casos no início ou no final do ensino fundamental, é necessário auxílio direto dos pais para realizar (Carvalho, 2004; Resende, 2006).

O comportamento acadêmico dos alunos em casa é uma incógnita para os professores, não se sabe como os meninos e meninas fazem as tarefas passadas para a casa, se e como estudam os conteúdos ensinados em aula ou mesmo como utilizam seu tempo fora da escola. Saber sobre as atividades semanais extraescolares dos alunos apareceu como uma preocupação dos profissionais da escola privada durante todo o ano. A coordenação pedagógica chegou a distribuir fichas para os alunos preencherem com as atividades semanais fora da escola e o tempo dedicado as mesmas. O objetivo principal era saber “quando tempo sobrava” para as tarefas escolares e para o estudo individual, momento importante

para a sedimentação das informações e conteúdos discutidos em aula, como defenderam muitos professores. Mas a forma como os alunos estudam ou mesmo se estudam diariamente em casa, se configurou como desconhecido mesmo para as famílias, que como vimos, não souberam nos oferecer detalhes destas atividades: “ele diz que estuda”; “ela diz que faz”, foram algumas das frases que ouvimos dos pais e mães da escola privada.

Quando questionamos os alunos a respeito da rotina de estudos em casa, um tipo de resposta difusa foi predominante. Quando chegam a casa, todos os alunos da escola privada apontaram ter um tempo de relaxamento, vendo televisão, ficando no computador, videogame ou dormindo. Além disso, como vimos (Quadro 55) os oito alunos entrevistados tinham algum tipo de atividades extraclasse semanal, com as quais dividiam os horários de fazer as tarefas de casa e estudar:

**Entrevistadora 1:** Qual é a primeira coisa que você faz quando chega da escola? Que horas você chega?

**Thais:** Eu chego normalmente em torno das 13:00 h. A aula acaba meio dia e meio. Eu chego, olho o computador, aí eu almoço, tomo banho, faço o dever e às vezes eu durmo.

**Vicente:** Depois da aula, terça e quinta, eu tenho inglês 18:00 h, por isso eu não tenho tempo de fazer alguma coisa que vá demorar muito durante à tarde. Os outros dias, sei lá, eu estudo um pouco. Ultimamente eu estou estudando bastante, eu estou com umas notas meio ruins. E, sei lá, eu jogo videogame, eu entro no computador.

**Entrevistadora1:** Que horas você joga videogame?

**Vicente:** Eu jogo a partir de 18:00 h. Eu jogo até 21:00 h, mas eu fico... Eu jogo só durante uma hora, mas entre seis e nove. Eu jogo ‘jogo de tiro’. Playstation... Jogo de futebol também, esportes em geral. [...]. Cada dia muda a hora que começa.

Devido à variação do volume de tarefas em cada disciplina, os alunos apontam que existem dias da semana nos quais não estudam em casa. O tempo em que passam estudando alterna, aumentando em função de provas ou testes. A maioria dos alunos entrevistados na escola privada não dedica muito tempo do dia para fazer as tarefas da escola. *Amanda, Ingrid e Olga* são as únicas que apontam estudar entre uma e duas horas por dia, ainda que se deem folga um dia na semana. As duas primeiras alunas não estudam às sextas-feiras e *Olga* (tira um dia da semana para se dedicar apenas a estudar para os cursos de inglês e espanhol.

O lugar preferido de todos os alunos para o estudo é o quarto, na mesa/escrivania ou na cama, quando se trata de uma leitura mais longa ou “dependendo do dever”. Esta última menção refere-se aos exercícios cujas disciplinas

são consideradas mais difíceis ou com as quais devem ter mais concentração. Dois alunos (*Vicente e Amanda*) apontaram à época da entrevista (último trimestre daquele ano letivo) que preferiam estudar em espaços mais tranquilos ou com menos distração, como a biblioteca da escola ou a mesa da sala em casa.

**Entrevistadora1:** Onde você estuda na sua casa?

**Amanda:** Bom, na minha casa eu estudo na mesa, na minha escrivaninha. Mas eu gosto de estudar na biblioteca da escola, também. Porque acho que em casa tem muita distração, você tem computador pra entrar, tem telefone pra falar. Na biblioteca é mais tranquilo.

**Entrevistadora1:** Como que você estuda em casa? Explica aonde você estuda e como é a sua rotina para fazer os deveres de casa.

**Vicente:** Às vezes eu estudo no meu quarto, mas aí meio eu perco o foco. Ultimamente eu estou estudando na minha sala, que é tudo fechado, não tem nada, eu consigo me concentrar mais. Faço os deveres lá também. Ultimamente eu estou tendo aula particular [...] de uma a uma hora e meia. Todo dia. Nesse período agora de final do ano.

**Entrevistadora1:** Como é que você perde o foco no seu quarto?

**Vicente:** É que eu me distraio com as coisas que tem no quarto. Tem vídeo, têm jogos, tem videogames, tem computador... Eu vou me distraindo.

O quarto também é descrito como um local de distração para outros alunos, que confessam realizarem as atividades rotineiramente ao mesmo tempo em que veem televisão ou que estão no computador ou ao celular. Três alunos (*Thais, Olga e Fábio*) admitiram a simultaneidade nestas atividades. Para *Thais* e *Fábio*, este estilo de estudo é uma situação sob a qual exercem controle.

**Entrevistadora:** Quando você faz o dever, você só faz o dever? Ou você faz outra coisa ao mesmo tempo?

**Thais:** Não. O meu celular tá sempre do lado, mas isso não interfere. Nunca foi um problema. Eu faço... Tento me concentrar porque normalmente eu demoro muito tempo pra focar mesmo em uma coisa só. Eu não consigo sentar e estudar, mas aí [...]. Normalmente eu faço os deveres e consigo organizar as coisas.

**Entrevistadora1:** Você faz o dever usando a internet?

**Fábio:** Não. Se precisar da internet pra fazer o dever... Depende do dever. A maioria não. Só que tem dever que pede. Só que eu costumo fazer bastante dever vendo televisão, assim.

**Entrevistadora1:** Você faz o dever vendo televisão?

**Fábio:** Alguns... bastante [...] Depende do dever. Tem dever que é mais fácil, aí eu deito na minha cama, boto um livro e faço. Tem dever que é mais difícil. Dever que é muito grande, eu penso um pouco, desligo a TV, sento na minha bancada e faço. Dever pequenininho, eu deito na minha cama com o livro e a folha com a TV ligada e faço.

A relação rotineira dos alunos, se dividindo entre o uso do computador e o tempo de estudos, é reconhecida pelos profissionais da escola privada e pelas famílias, como vimos anteriormente. E esta conciliação aparece como um desafio, mesmo na visão dos alunos. *Olga* expõe o esforço no equilíbrio entre as atividades e acaba admitindo que o uso do computador se configure como uma distração do estudo.

**Olga:** Eu estudo na mesa. Na mesma mesa que tem o meu computador. Que às vezes é uma distração, o computador, o livro. O computador ali.

**Entrevistadora1:** Entendi. E depois, em casa, você falou que vê muita TV.

**Olga:** TV não. Muito computador, mesmo. Eu vejo tudo no computador.

Entre os alunos que admitem não estudar todos os dias (*Fábio, Vicente, Rodrigo, Carlos e Thais*), alguns confessam também que não fazem todas as tarefas recomendadas para casa. *Rodrigo* (filho de Lígia), por exemplo, admite que as baixas notas que tem apresentado em algumas matérias estejam associadas ao não cumprimento do dever de casa:

**Entrevistadora1:** Quais são suas notas nessas matérias [aluno comentava sobre disciplinas que gostava: história, geografia, inglês]?

**Rodrigo:** Ah, não sei. Às vezes varia. Eu posso ir bem, tem vezes que eu tiro oito, oito e alguma coisa, e tem vezes que eu não vou tão bem, seis, seis e alguma coisa. Isso tem mais a ver com os deveres, que têm vezes que eu faço e têm vezes que eu não faço.

**Entrevistadora2:** Por que você não faz?

**Rodrigo:** Preguiça.

**Entrevistadora2:** É chato fazer o dever?

**Rodrigo:** Toda hora sim.

A respeito deste costume, perguntamos ao aluno como funcionava esta rotina de não executar as tarefas e qual era a consequência deste hábito no seu desempenho e na relação com o professor na sala de aula. *Vicente* e *Fábio* nos explicam como funciona o monitoramento das tarefas, apresentando indícios de um comportamento diferente a depender do professor. Cada aluno apresentou uma desenvoltura diferente, enquanto *Vicente* parecia estar tentando recuperar as notas, que admitiu terem sido prejudicadas por não fazer as tarefas, *Fábio* (filho de Sílvia) demonstrou equilíbrio e domínio da situação, sabendo quais deveres podia ficar sem fazer e quais não podia, avaliando o estilo de cada professor:

**Entrevistadora1:** Você falou que alguns [professores] descontam ponto por causa do dever. Você faz o dever de casa todo dia?

**Vicente:** Não. Não. Agora eu estou começando a fazer, mas em termos de dever eu sou muito relaxado. Fazia alguns. Às vezes eu fazia de geografia e de história porque acho que são as que têm mais também. Geografia eu gostava de fazer porque tem mapa, que eu gosto de fazer.[...] História vale bastante na média, me esforçava mais pra fazer, mas [...]. Agora eu estou tentando me esforçar mais pra fazer isso.

**Entrevistadora1:** Você faz todos os deveres?

**Fábio:** Não.

**Entrevistadora1:** Quais são os deveres que você não faz? Como que é não fazer o dever? O que acontece com quem não faz?

**Fábio:** Você simplesmente ignora. Não. Não. O que acontece com quem não faz? Depende do professor. Tem professor que anota e que cobra ponto. E tem professor que fala: Ah, é você que sai perdendo mesmo.

**Entrevistadora1:** Sei. E quais são os professores que cobram mais e os que cobram menos?

**Fábio:** De história e geografia. A de geografia, um terço da nota é dever de casa. Aí faço tudo de geografia. De história, ela cobra muito, mas vale pouquinho, aí você faz mais ou menos. [...]. A de história cobra tipo: Ah, fez o dever. Anota o nome, mas vale pouco na nota, no final. De português, cobra. A de literatura também, mas... Matemática e desenho, eles só chegam: Ah, corrigir o dever de casa. Corrige. Não ficam perguntando quem fez e quem não fez.

As posturas de *Fábio* e *Carlos* (filho de *Nádia*) corroboram os indícios do peso diferenciado de dedicação em cada disciplina. Os alunos demonstram uma avaliação apurada do estilo de acompanhamento que cada professor tem, bem como da forma deles atribuírem as notas. Para cada professor, os alunos adotam um tipo de comportamento de modo a facilitar a própria rotina escolar, burlando determinadas tarefas de casa em que não haja prejuízo tão grande em termos de nota:

**Entrevistadora1:** Quando esse professor que cobra, quando ele te pergunta, o que você fala? Como você se comporta?

**Fábio:** Se eu não tiver feito? Eu falo: Ah, não fiz. Aí ele anota meu nome.

**Entrevistadora2:** Faz diferença pra você, por exemplo, a professora de geografia que considera um terço da nota o dever e outro professor que nem pergunta quem fez? Isso faz diferença na hora de você escolher qual dever você vai fazer ou não?

**Fábio:** É. Concordo. Muda muito. Total. Tipo um dever de matemática, é muito difícil fazer um dever assim. A de geografia tem que fazer todo. Você faz mais por... É... Porque se não, nem faz.

**Entrevistadora1:** Quando você chega à aula, você não fez o dever, o que acontece? Como que é essa cobrança da tarefa de casa?

**Carlos:** O professor faz a chamada, vai perguntando quem fez e quem não fez o dever. Aí, quem fez mostra pra ele que fez lá na mesa dele, e quem não

fez diz que não fez. Aí, às vezes, ele fala alguma coisa. Ele marca se... A maioria das matérias tem nota de dever, então se a gente não faz, não ganha. Nota do teste, nota de prova, nota de algum trabalho ou não, e nota de dever. Você soma todas e divide. Aí, se não faz o dever fica com uma nota menor.

**Entrevistadora1:** Entendi. Isso tem te prejudicado muito ou você... Como é?

**Carlos:** Não. Eu deixo de fazer alguns. Não prejudica muito. Todo mundo faz isso. [...] a minha turma é uma das melhores assim, [...] normalmente, a maioria faz. Alguns não fazem e falam. Alguns dizem que não fazem e o professor normalmente não briga muito, não.

Outro tipo de conduta que pode ser identificada é semelhante ao tipo de comportamento apontado por Perrenoud (1995: 17), uma espécie de *atitude dissimulada* dos alunos que não conseguem atender a demanda dos professores, mas que camuflam estas ações, lançando mão de outros artifícios, como copiar de colegas alguns deveres de casa e outras ações “para salvar as aparências”. A situação descrita por *Thais* (filha de Ítalo) ilustra bem este tipo de atitude:

**Thais:** Tento cumprir. Nem sempre dá pra fazer os deveres todos, às vezes é muita coisa e fica pesado. Mas eu sempre tento fazer, tipo, prestar atenção durante a aula e...

**Entrevistadora:** Quando você não consegue fazer todos os deveres como é que você faz?

**Thais:** Ah, não faço nada.

**Entrevistadora:** Assim, fala para o professor que não fez? Como você fala para professor?

**Thais:** Sim. Não... Depende do dever. Às vezes eu até copio, mas é como... Por exemplo, uma matéria tipo, se eu tivesse tido mais tempo, eu teria feito, mas como não deu e aquela matéria é importante e porque eu preciso da nota, aí eu acabo copiando.

**Entrevistadora:** Quando você tem que copiar porque não dá tempo e você não tem outra saída, como que você faz? Que horas que você copia?

**Thais:** Antes da aula. Na sala mesmo.

**Entrevistadora:** Na sala mesmo. Os professores percebem?

**Thais:** Não sei. Nunca percebeu. Eu também faço pouco isso. Só quando... Nos casos mais extremos assim.

Entre as diferentes disposições para dissimular a execução das tarefas de casa há o aluno que opte por assumir o malogro. *Rodrigo* reitera que prefere dizer ao professor que não fez. A postura deste aluno é indiferente em relação ao cumprimento das obrigações escolares, sem qualquer constrangimento a respeito durante a entrevista. Também não há preocupação em relação a algum tipo de punição ou de fuga desta situação:

**Entrevistadora1:** Como você administra isso, de às vezes fazer o dever, às vezes não fazer? Como é que você sobrevive na escola assim?

**Rodrigo:** Nem eu sei, acredita? [risos]. Normalmente eles falam com a gente, com a turma que não faz os deveres, e falam que a gente tem que fazer porque é uma, digamos assim, obrigação nossa de ter que fazer os deveres de casa. Isso aí também conta ponto e ajuda pro seu estudo. Não copio. Prefiro dizer que não fiz.

***As atividades extraescolares: o dever de casa antes ou depois de um dia cheio***

As atividades extraescolares aparecem como um desafio para os professores e coordenadores pedagógicos da escola privada. Este foi um aspecto ressaltado desde o início do ano nas reuniões de apresentação aos pais e nos encontros de pais e professores. A coordenação pedagógica desta escola parecia estar sempre preocupada em mapear a rotina dos estudantes, demonstrando estarem preocupados com a manutenção de um horário livre para os meninos e meninas se dedicarem às tarefas escolares e ao estudo em casa. Todos os alunos da escola privada apresentam uma agenda cheia, mas aparentam ter prazer nestas atividades, na maior parte relacionada à música e línguas estrangeiras. Nenhum dos alunos demonstrou fazer alguma atividade para atender uma vontade dos pais, por exemplo. Ao contrário, muitas destas atividades foram escolhidas pelos próprios alunos, nas quais obtiveram apoio das famílias, como podemos verificar em diferentes trechos das entrevistas com os pais.

Quando os alunos nos descreveram suas rotinas semanais, pudemos perceber que o tempo consagrado às tarefas escolares passadas para casa era estruturado em função destas atividades extras. Tal fato parece tornar diminuto este tempo de estudo doméstico (que geralmente durava cerca de uma hora), em vista do objetivo de fazer as tarefas rapidamente para ir ao curso ou fazer as tarefas depois de um dia cheio:

**Entrevistadora1:** Descreve uma semana típica sua.

**Rodrigo:** Eu entro na escola umas 7:15h, 7:20h, um pouquinho antes da aula. Saio de lá meio dia e meia. Aí eu venho aqui pra casa, tomo banho, almoço e, dependendo do dia, tenho inglês ou aula de música ou tenho... A segunda-feira é livre. A tarde é livre. Hoje, terça-feira, eu tenho inglês de noite. Nas quartas-feiras eu tenho aula de piano e guitarra, quinta-feira eu tenho inglês de novo, e na sexta-feira eu tenho mais uma aula de música.

**Entrevistadora1:** E como você se organiza para fazer essas atividades e os seus deveres da escola?

**Rodrigo:** Normalmente, eu faço os meus deveres antes, aí depois vou pras minhas atividades.

**Entrevistadora 1:** Você faz os deveres de casa?

**Carlos:** Eu faço, às vezes, quando tem dever, eu faço quando eu chego, mas normalmente eu faço depois que eu volto da aula de inglês ou da aula de guitarra, dá mais tempo. Normalmente, uma hora dá pra fazer todas as matérias. Mas nem sempre. Depende do dia. Têm dias que têm mais deveres.

As aulas dos cursos de línguas geralmente duram entre duas a três horas e as aulas de dança ou de algum esporte entre uma hora e uma hora e meia, ocupando boa parte da tarde ou manhã destes estudantes, sem contar com o tempo de deslocamento para tais atividades. Nestes termos, assumir uma postura de fazer ajustes, regulando a programação semanal, elegendo uma ordem de prioridades, é manifesto entre os alunos, principalmente quando há testes ou provas na escola.

**Ingrid:** Depois eu volto pra casa do jazz com essa amiga que mora na minha rua [...]. A gente volta andando, encontra pessoas na rua que fazem inglês, que acaba 19:30h. Eu volto pra casa, tomo banho, como, aí eu faço dever de casa.

**Entrevistadora1:** E você leva quanto tempo mais ou menos pra fazer o dever de casa?

**Ingrid:** Uma hora. É. Estudar é que é mais forte... Tipo, amanhã vai ter teste de química. Eu vou estudar hoje. Amanhã também tem que ler o livro Dom Quixote, de literatura. Aí na quarta é a mesma coisa que segunda. Quinta a mesma coisa que terça. E sexta eu às vezes saio depois da escola com as minhas amigas. A gente fica por aqui mesmo.

**Entrevistadora:** Que horas você estuda? Depois que você chega destas atividades?

**Thais:** Normalmente no final da tarde, de noite. Porque às vezes eu chego muito cansada da escola e não consigo fazer nada. E também depende do dia. Segunda, quarta e sexta eu tenho a tarde toda livre. Terça e quinta, já não tenho. Então, terça e quinta eu vou demorar mais tempo pra começar a estudar ou começar o dever de casa. Na quarta ou segunda, eu chego e não tenho nada pra fazer, aí vou fazer o dever de casa.

A boa vontade cultural típica das camadas médias superiores e das classes em ascensão, ressaltada em diferentes estudos de Bourdieu (2011a, 2007b) é perceptível na forma como os alunos descrevem as suas atividades. A relação prazerosa com as artes (dança/música), o esporte e línguas estrangeiras podem ser apontados como uma disposição estruturante do *habitus* escolar destes alunos, que demonstram manter rotinas relacionadas a estes afazeres a pelo menos três ou quatro anos. A escola, que respira uma atmosfera de atividades artísticas e culturais, com um grêmio, que promove festas, um coral reconhecido por suas apresentações, que às vezes costuma fazer apresentações para os alunos nos intervalos funciona também como um ambiente estimulante à dedicação nestes tipos de atividades

extraescolares. Em relação à preocupação da escola sobre estas atividades, para nós, ficou a impressão de que apesar de conhecerem parte da programação semanal dos alunos, a coordenação pedagógica não estaria a par exatamente do tempo dedicado às tarefas escolares em vista da dinâmica destas rotinas.

### ***Atividades no computador, uso da TV e internet***

Um dos nossos objetivos na tentativa de mapear as disposições escolares ocorreu por meio de perguntas sobre o uso do tempo semanal em casa, tanto no *survey* aplicado em 2009, como nos roteiros de entrevistas realizadas em 2011. Cientes da influência das mídias e principalmente do uso do computador e internet na vida de todos e do alcance destes na vida dos adolescentes, perguntamos aos alunos qual o tempo diário que permaneciam ao computador (acessando ou não a internet) e quais sites costumavam visitar. Perguntamos também, se e como usavam esta ferramenta para os estudos escolares. Todos os alunos entrevistados disseram usar o computador diariamente para checar e-mails, trocar mensagens com os colegas ou acessar redes sociais e pelo menos sete alunos (com exceção do *Rodrigo*) descreveram estas ações como intensas:

**Fábio:** Eu almoço, depois eu fico no computador um tempo.

**Entrevistadora1:** Quanto tempo?

**Fábio:** Ó, eu fico bastante tempo no computador. Devo ficar umas duas horas assim, todo dia.

**Entrevistadora1:** Você costuma entrar muito na internet, usar muito o computador?

**Carlos:** Costumo. Eu fico uma boa parte do dia. Mas eu não uso muito pra rede social.

**Entrevistadora1:** Quais páginas que você acessa mais?

**Carlos:** Eu fico a maioria das vezes no computador e tocando guitarra. Então eu fico navegando nas letras, estudando música e tal [...].

**Entrevistadora1:** E o computador, você entra sempre?

**Vicente:** Ah, eu entro... Entro nas redes sociais pra falar com os amigos. Todo dia. Eu entro bastante durante o dia, com pausa. Então, talvez some umas cinco horas. Entro 5 minutos, aí saio. [...]. Eu entro, vejo se tem alguma coisa, aí saio. Aí mais tarde eu entro de novo.

*Ingrid* e *Olga* apresentam indícios de um uso diferenciado da internet, experimentando “novas modalidades de composição, publicação” e “autoria” (Santiago, 2010: 109) mantidos em uma rotina quase diária, assistindo pelo computador séries de televisão, que passam nos canais fechados e mantendo

páginas na rede, na qual fazem comentários ou possuem seguidores, como é o caso de *Ingrid*. Apesar do uso diário, as duas alunas dizem conseguir organizar bem o tempo dedicado aos deveres com a manutenção destas atividades:

**Ingrid:** [...]. Sexta eu não faço nada à tarde. Eu fico no computador. Faço o dever de casa, quando tem que fazer.

**Entrevistadora1:** Você faz o que no computador?

**Ingrid:** Eu tenho Facebook e Thunder. Conhece o Thunder?

**Ingrid:** É tipo um twitter [...]. É um negócio que você bloga fotos e texto que você gosta e coloca. As pessoas te seguem, também. Eu tenho dois. Um com uma série que eu gosto e outro. Eu sigo... São pra várias coisas... Aí eu 'reblogo' textos e imagens da série. Tem algumas coisas que... Tem uns vídeos também, que são animados. É meio que um blog. Eu tenho quatrocentos seguidores. [risos]

**Entrevistadora1:** Quantas horas mais ou menos você acha que gasta por dia. Estando no computador, vendo as séries e estudando?

**Olga:** Por dia, acho que umas duas, três horas no computador. Vendo série... Às vezes também, não vendo série. Mas depende muito do dia. Quando tem teste, tem muito dever, eu nem mexo, sabe? Eu tento me controlar e deixo ele desligado, e estudo.

Dada a influência do tipo de informação veiculada na internet e do uso que os meninos e meninas fazem destas ferramentas, perguntamos aos alunos sobre a forma como eles lidam com os conteúdos nas aulas. E também, se a escola em que estudam estava modificando a abordagem, trazendo o uso de novas tecnologias. Todos os alunos nos disseram que preferem ler no papel a ler na tela do computador, principalmente quando se tratam de textos maiores, por exemplo.

**Entrevistadora2:** Pra você ler um texto grande, você prefere ler no computador ou no papel? Por quê?

**Amanda:** No papel. Só por causa da vista, mesmo. Porque no computador às vezes eu me perco nas palavras. Eu acho que se eu for ler um texto muito importante, eu gosto de fazer anotação em volta, marcar as páginas importantes. No papel dá pra fazer isso melhor

Ao mesmo tempo, sete entre os oito alunos entrevistados disseram gostar quando o professor utiliza as tecnologias educacionais e que isso facilita as aulas para eles. Na escola privada, apenas as professora de história e geografia faziam o uso de *slides* com frequência, os quais depois eram disponibilizados no site da escola.

**Olga:** Pra explicar a matéria ela passa uns slides no computador, no projetor, e ela explica pra gente. O que é muito bom. Aí depois, na hora da prova, em véspera de prova, ela põe os slides no site do colégio pra gente poder acompanhar e tal, tirar as dúvidas [...].

**Entrevistadora1:** Ela é a única professora que faz assim?

**Olga:** Não, não é. A professora de geografia, ela também começou a fazer assim porque a gente pediu pra ela explicar mais através de slides. A gente mostrou o que a professora de história fazia, a gente sugeriu pra de geografia, ela explicou a última matéria assim.

Nesta situação vemos o exemplo de como a habilidade dos alunos para analisar o trabalho docente e forma como exercem influências na dinâmica das aulas. Apesar da desenvoltura aparente de alguns alunos para avaliar e dar sugestões sobre o andamento das aulas, a maioria das disciplinas mantinha uma forma de organização pedagógica essencialmente “tradicional”.

### ***Dificuldades: dias puxados e aulas difíceis na escola***

Seis alunos apontam dias puxados ou aulas difíceis na escola. Em geral, as percepções dos estudantes sobre as aulas mais difíceis e os dias “mais puxados” na escola estavam associadas às disciplinas nas quais os professores passam muito dever de casa ou às aulas nas quais não saem da sala:

**Entrevistadora1:** Quais são os dias em que você tem mais dever?

**Carlos:** Segunda que eu tenho história, geografia, português e literatura. E quinta que eu tenho desenho, matemática, geografia e história. Normalmente quarta não tem muito dever porque eu tenho artes, educação física, inglês.

**Entrevistadora1:** Nesses dias mais puxados, como é pra você? Como é a rotina na escola nesses dias?

**Carlos:** Normalmente são mais monótonas porque a gente não sai muito da sala, só no recreio. A gente não vai pra outras salas pra ter outras aulas. Mas não é muito... É. Tranquilo.

**Entrevistadora1:** Por que é difícil na quinta-feira?

**Rodrigo:** 5ª feira a gente não sai da sala. É só aula na sala. Português, história, matemática, redação. É tudo no mesmo dia [...] a gente sai da sala quando tem, por exemplo, artes, educação física. Aí dá uma variada. Não fica o tempo todo.

*Vicente e Amanda* apontam dificuldades relacionadas a conteúdos de algumas disciplinas e à forma como os professores procedem com a avaliação. Ao mesmo tempo, os dois alunos culpam o próprio comportamento nas aulas ou durante as provas como parte importante da causa destas dificuldades.

**Entrevistadora1:** Além de história, qual outra matéria que você tem alguma dificuldade?

**Amanda:** Então, no trimestre passado eu fiquei com muita dificuldade em física. [...] Eu fiquei em recuperação e agora eu: Ah, não. Vou focar. Eu estou estudando mais física. E eu estou achando química também um pouco difícil. Porque

também, são matérias que eu comecei a dar esse ano. Então eu ainda não sei muito bem como é.

**Entrevistadora1:** Por quê você não ficou bem em física? O que aconteceu?

**Amanda:** Física? Eu não prestei muita atenção na aula. E na hora de estudar eu achei que fosse só teórico, sabe? Eu decorei as fórmulas e pronto. Mas eu não soube aplicar na hora da prova. Aí não deu. [...] Eu fui muito mal na prova.

**Entrevistadora1:** Quais são as suas maiores dificuldades em português? O que você não entende?

**Vicente:** Ah, não sei. Eu confundo as regras, eu esqueço as conjugações... Eu em literatura sou bem melhor. Mas aí quando tem as provas de recuperação ou prova bimestrais que eu me esforço mais. Mas eu também fico muito nervoso durante as provas. Eu erro algumas besteiras.

**Entrevistadora1:** O que você sente quando tem prova?

**Vicente:** Eu não sei. Tipo, a matéria toda começa a confundir na minha cabeça. Eu fico nervoso achando que eu vou tirar zero, aí eu erro coisas muito simples. [...] Eu acho que eu sou meio preguiçoso em casa pra estudar.

Nas falas destes alunos aparecem aspectos destacados pela coordenação pedagógica ou pelos pais e professores durante as reuniões. Em outras palavras, é como nos ouvíssemos seus próprios pais ou professores falando, quando o aluno relata que “não prestou muita atenção na aula” ou quando o outro diz que é “meio preguiçoso em casa para estudar”. Além de identificarmos que os alunos assumem não saber como estudar, aqui também cabe questionar: até que ponto tais impressões podem estruturar as disposições dos alunos em determinada disciplina, podendo mantê-lo na mesma situação? A evidência se reflete na importância destas percepções das famílias e dos professores na construção das disposições escolares em determinada disciplina.

### *O que fazem nos fins de semana? Estudam nos finais de semana?*

Nos finais de semana os alunos da escola privada costumam sair; frequentar cinema, teatro, festas, ir à praia ou a casa dos amigos. Todos os meninos e meninas entrevistados descrevem algum programa cultural ou, pelo menos, uma ida à praia ou visita a familiares nos fins de semana.

**Entrevistadora1:** Onde você vai no final de semana? O que você faz?

**Amanda:** Ah, vou pra praia, pra casa de amigos, às vezes eu vou pra festas. Casa das pessoas, em play. Por exemplo, hoje tem uma festa na Hípica, tem uma festa de quinze anos. Durmo na casa das minhas amigas.

**Ingrid:** Cinema, teatro às vezes. Quando eu era pequenininha a gente sempre ia ao teatro, mas agora eu vou um pouco menos. Eu vou muito ao cinema. Vou quase todo fim de semana [...]. Com as minhas amigas, com meus pais, com meu irmão.

Às vezes a gente vai pra praia [...]. Às vezes a gente vai pra minha casa ver um filme, aluga um filme, ou vai à piscina.

**Carlos:** Eu saio com meus pais, com meus amigos. Normalmente eu vou pra casa deles, fico em casa jogando jogo. Eles jogam PlayStation 3, Xbox. Mas eu não jogo muito, não. Eu costumo sair com eles [com os pais] de manhã cedo pra praia. Caminhar na praia, normalmente com o cachorro.

Também perguntamos aos estudantes se estudavam nos fins de semana. Esta é uma questão recorrente nos *surveys* (2005, 2009) que temos aplicado em escolas de prestígio no Rio de Janeiro (Brandão *et al*, 2005; Brandão, 2007) e o panorama que temos encontrado é que o tempo dedicado aos estudos nos fins de semana ocorre em função de provas ou testes marcados para a semana seguinte. Nesta escola privada, cinco dos oitos alunos entrevistados disseram ter o hábito de fazer as tarefas de casa no domingo à noite. Os estudos aos sábados e domingos em função das avaliações também foi presente.

**Amanda:** [...] Mas aí eu acabo fazendo nos domingos, eu faço os deveres pra segunda. Geralmente, sexta feira eu não recebo muito dever de casa, então [...] sexta-feira é um dia que eu não estudo, mas domingo eu sempre arrumo a minha mochila, aí eu dou uma olhadinha. Quando é prova, eu estudo o fim de semana inteiro. Agora, quando eu sei que tem um teste muito difícil ou uma matéria que eu não me dou muito bem, aí eu estudo no sábado, um pouquinho de manhã.

**Entrevistadora1:** Você estuda final de semana?

**Fábio:** Domingo à noite enquanto eu vejo o Pânico [um programa humorístico da TV aberta]. [...] Depende. Se tiver uma prova ou um teste no dia seguinte, não. Domingo de tarde. Se é uma prova, não. Se for pra fazer um dever, eu faço domingo à noite enquanto eu vejo o Pânico.

Os alunos que fazem as tarefas domingo à noite mantem esta rotina, devido ao volume de exercícios recomendados por um professor que dá aulas na segunda-feira. Para alguns alunos, estes e outros hábitos denotam uma relação utilitarista com o ensino, na medida em que a regra para o tempo dedicado ao estudo acorda com diferentes interesses particulares.

## 6.2.2

### Comportamento acadêmico na sala de aula e na escola

No item anterior sobre as rotinas pudemos dimensionar e caracterizar o comportamento acadêmico dos alunos em casa, no presente item será explorado o comportamento acadêmico dos alunos na escola e especificamente na sala de aula.

O modo e intensidade de fazer anotações, as dificuldades para realizar tarefas na sala de aula, fazer perguntas ao professor e mesmo os lugares escolhidos para sentar na sala, serão comportamentos concebidos enquanto disposições escolares estruturantes do *habitus* escolar.

### ***Deveres feitos em sala de aula***

O comportamento dos alunos no que diz respeito aos exercícios recomendados em aula (prontidão para as tarefas, atitudes dissimuladas, subterfúgios utilizados) pode nos dizer muito sobre a relação dos estudantes com os estudos, e com os professores, bem como, sobre o clima disciplinar<sup>66</sup> vivenciado na sala de aula. Quatro alunos (*Ingrid, Thais, Fábio e Carlos*) disseram fazer as tarefas que o professor requisitava para fazer em aula e *Olga* (considerada uma das melhores alunas da sua sala) disse preferir fazer estas tarefas em casa, onde conseguia se concentrar mais.

**Entrevistadora1:** E na sala, você consegue fazer todos os deveres que o professor pede?

**Olga:** Não. O professor fala: Tarefa de casa. Tarefa de aula. Eu: Ah, sério? Eu normalmente faço a primeira questão, depois desisto, ponho na mochila pra fazer em casa.

**Entrevistadora1:** Você é tão dedicada. Por que você não gosta de fazer o exercício na aula?

**Olga:** Não sei. Sei lá. Converso. Quando o professor termina de explicar, ele passa um exercício aí eu fico conversando. Eu acho que se eu posso fazer em casa, eu prefiro fazer em casa a fazer no colégio. Porque em casa eu posso consultar o livro e tal. No colégio tem que ficar pensando. Quando o professor fala: Ah, vai valer ponto. Eu termino assim, em cinco minutos. Mas aí, quando ele fala “na aula seguinte”, eu prefiro terminar em casa.

*Olga*, assim como seus colegas que fazem os exercícios na sala de aula apresenta uma postura diletante. Há certo domínio sobre esta situação na sala de aula: para *Fábio* é cômodo fazer essas tarefas em dupla, para *Thais* as atividades em aula usualmente se transformam em tarefas para casa. Com exceção de *Ingrid*,

<sup>66</sup> A partir de dados do *survey* (2009), construímos um índice sobre o clima disciplinar vivenciado na sala de aula. Os seguintes itens, nos quais pedíamos aos alunos que apontassem a frequência com que aconteciam nas aulas, compuseram o índice: os professores têm que esperar muito tempo pelo silêncio dos alunos; há barulho e desordem na sala de aula; os alunos prestam atenção ao que o professor fala; os alunos prestam atenção às perguntas feitas pelos colegas; os alunos não conseguem estudar direito; os alunos entram e saem da sala sem pedir licença; os alunos procuram o professor quando precisam de ajuda. Nesta escola privada, 82,7% dos alunos indicaram que o clima disciplinar da sala de aula era regular; 12,9% dos alunos indicaram que era bom e 4,3% disseram o clima era ruim.

em nenhum depoimento vemos indícios de receio a respeito da autoridade do professor e da possibilidade de alguma penalidade ao não realizar tais atividades.

**Entrevistadora1:** Quando o professor passa algum exercício para fazer na sala, você faz?

**Ingrid:** Eu faço. Depende. Eu faço, eu vou fazendo, entendeu? E vou conversando também. Se eu não terminar eu deixo pra casa, mas eu nem sempre termino. Às vezes falta uma questão ou outra. Depende se for muito grande, tipo desenho, têm que fazer várias folhas, eu vou fazendo o que eu posso. Geralmente ela passa muitos exercícios para casa, de matemática.

**Entrevistadora1:** Você olha novamente em casa ou acaba ficando esquecido?

**Ingrid:** Eu faço porque depois vai dar o visto e tal. É importante dar o visto. [...] A maioria dos professores dão visto. Eles meio que sabem as pessoas q fazem e q não fazem, mas eu sempre... Professora de matemática dá às vezes. De história dá quase sempre. Português dá quase sempre. Geografia dá sempre. [...] Eu fico tentando fazer na aula, mas eu vejo que a turma também não tá acompanhando muito. Porque eu tinha feito umas dezoito [folhas] e muita gente não tinha feito. Geralmente, quando a turma toda não faz é que ninguém lembrou. Então, ninguém lembrou, ninguém lembrou ninguém, então ninguém lembra, então ninguém faz.

A habilidade para o domínio desta situação acadêmica é comum entre os alunos desta escola privada. Aqui também identificamos a importância e influência do comportamento dos pares. Além de demonstrar conhecimento sobre o estilo dos professores, prevendo certos tipos de comportamento, a fala de *Ingrid* ilustra uma disposição comum entre estes estudantes, que sabem dosar o esforço e muitas vezes com vista a minimizá-lo, em vista dos contextos.

### ***Fazer perguntas***

Consideramos o fato do aluno se sentir à vontade para fazer perguntas como um elemento sintetizador, capaz de denotar uma disposição para o aprendizado e certo domínio e desenvoltura da situação de aula. Através desta questão, estávamos procurando caracterizar o grau de autonomia do estudante e outras características do seu comportamento acadêmico na sala de aula<sup>67</sup>.

Chamou-nos atenção o número de alunos com vergonha de fazer perguntas ao professor durante as aulas. Apesar do aparente impudor e desenvoltura com

<sup>67</sup> A partir de dados do *survey* (2009), também construímos um índice sobre o comportamento acadêmico na sala de aula, com o objetivo de identificar perfis de engajamento. Os seguintes itens, nos quais pedíamos aos alunos que apontassem a frequência com que aconteciam nas aulas, compuseram o índice: acompanho a matéria exposta pelo professor; copio no meu caderno a matéria apresentada; fico à vontade para fazer perguntas; fico perdido durante a explicação do professor; discuto a avaliação realizada pelo professor; realizo as atividades que o professor propõe. Nesta escola privada, 56,7% dos alunos indicaram um comportamento regular; 39,7% dos alunos indicaram que um bom comportamento acadêmico e 3,5% disseram ter comportamento acadêmico ruim na sala de aula.

outras situações acadêmicas, cinco entre oito alunos (*Vicente, Olga, Rodrigo, Ingrid e Fábio*) assumem ter vergonha de fazer perguntas ao professor. Entre os alunos que disseram não se envergonhar (*Carlos, Amanda e Thais*), um estudante apontou a convivência com a mesma turma a mais de um ano como a razão para se sentir à vontade para perguntar:

**Entrevistadora1:** Você fica à vontade para fazer pergunta, para tirar as suas dúvidas?

**Carlos:** Fico. Os professores tiram as dúvidas direito. Eu acho que como a nossa turma tá junta há muito tempo, não tem muita vergonha de perguntar, tirar dúvidas.

**Entrevistadora1:** Você tira dúvida mais com o seu colega ou você pergunta para o professor?

**Carlos:** Os dois. Para o professor. Ou na hora do recreio, alguma coisa assim, quando não esta na aula do professor, tiro as dúvidas com os amigos. Mas como a nossa turma é a mesma do ano passado, ninguém fica com vergonha de perguntar para o professor.

Se para os alunos que fazem perguntas ao professor, a turma é motivo para se sentirem à vontade, para os que se sentem intimidados o clima da turma também é apontado como motivo de intimidação. Apenas *Fábio* (aluno bastante comunicativo) disse se sentir traumatizado pela atitude passada de um professor. A transcrição mais longa abaixo é válida para representar esta dinâmica acadêmica:

**Entrevistadora1:** Você faz pergunta para o professor quando você tem dúvida?

**Fábio:** Eu não faço pergunta porque... Eu não faço muita pergunta. Eu não faço. Não tem por quê.

**Entrevistadora1:** Nem para os seus colegas?

**Fábio:** Não. Eu faço mais... Quando eu não entendo uma parada, eu pergunto: Ah, o que é isso? [...] Pra pessoa que esta sentada na minha frente, só que... Muitas vezes o professor esta explicando, aí ele vira: Ah, alguém tem dúvida? Aí todo mundo fala: não. Aí eu viro pro lado: eu não entendi direito. Aí viro pro lado: Você entendeu isso? Não. Não entendi. Aí eu pergunto para o professor. [...] Vergonha? Tenho um pouquinho. Eu sou meio traumatizado, que eu tive um professor de matemática que toda aula ele falava assim: “Se você tiver dúvidas, por favor, perguntem! Eu quero que todo mundo tire as dúvidas.” Aí, quando você perguntava, ele ficava: “Caraca! Não sabe isso.” Eu fiquei meio traumatizado com esse meu professor. Isso foi na sexta série em matemática. [...] Ninguém perguntava na aula dele. Era horrível.

**Entrevistadora1:** Mas e agora? Você entrou na escola esse ano e parece estar bem adaptado, ainda tem vergonha de perguntar para o professor.

**Fábio:** Mais ou menos.

Entre os cinco alunos que disseram se sentir intimidados, quatro (*Olga, Rodrigo, Ingrid e Fábio*) preferem perguntar aos colegas. *Olga* ilustra a dinâmica da sua turma, quando algum aluno apresenta dúvida e *Vicente* expressa sua evasiva para se dirigir ao professor.

**Entrevistadora1:** Você tem vergonha de perguntar?

**Olga:** Às vezes. Por causa da turma. A minha turma é muito amiga, mas às vezes a gente brinca e tal, brinca na hora errada, e acaba deixando a pessoa assim [...]. Às vezes uma pessoa faz uma pergunta, e toda turma já entendeu. A matéria foi dada há dois dias e a pessoa: Ah, ainda não entendi isso. A turma: Pô. Já explicou isso há um tempão. Essas coisas assim: “Pessoa devagar.” Essas brincadeiras. Mas é brincadeira... “Ah, ainda não entendeu!” Faz aquele Hãammm... Burro, não entendeu! [...] Que é pro cara adiantar, né? Passar pra próxima matéria.

**Entrevistadora1:** Você tem vergonha de fazer perguntas?

**Vicente:** É. Quando o professor esta na frente com todo mundo quieto, falando, eu não me sinto muito à vontade, não. Mas quando ele esta passando nas mesas tirando dúvidas, aí eu me sinto à vontade, sim.

**Entrevistadora1:** Então, você não tem vergonha de fazer pergunta em voz alta?

**Vicente:** Eu tenho. Tenho. Quando ele tá passando nas mesas pra perguntar particularmente pros alunos, aí eu faço.

Os comportamentos de *Vicente* e *Olga* podem levar seu desempenho escolar a depender muito da atitude e estilo do professor. Nestas situações verificamos a proporção da influência da turma e da relação entre pares nas disposições escolares dos alunos desta escola privada.

### ***Uso da biblioteca***

Apenas dois alunos (*Amanda* e *Carlos*) utilizavam a biblioteca da escola. *Amanda* (filha de *Rita*) costumava estudar na biblioteca e *Carlos* (filho de *Nádia*) parece apreciar a atividade de estímulo à leitura na escola, na qual livros são selecionados e organizados em containers que são direcionados às turmas para os alunos escolherem obras para ler em casa. Tivemos a chance de visitar a biblioteca da escola, que conta com uma equipe de bibliotecárias para atender os alunos. No espaço pudemos visualizar um amplo acervo, com exemplares novos. No dia em que conversamos com funcionários haviam chegado uma remessa de livros, que estavam sendo organizados por série, com indicações para cada faixa etária. A principal orientação pedagógica é a “indicação de uma leitura de lazer”.

**Entrevistadora1:** Você costuma estudar na biblioteca?

**Amanda:** Não. Eu tenho começado a estudar na biblioteca esse ano, assim. Fui umas quatro, seis vezes... Mas eu gosto. Quando eu vou, eu acho que rende mais. Às vezes eu também não tenho muito tempo, então eu estudo em casa.

**Entrevistadora1:** Você gostou desses livros [recomendados na aula de literatura: *Mil e Uma Noites*, *A Odisseia* e *Contos e Lendas da Europa Medieval* ]?

**Carlos:** Eu gostei. Não senti muita dificuldade, não. Normalmente, eu alugo livro na biblioteca da escola, mas esse ano eu não aluguei muito porque os livros que ela [professora de Literatura] passou são grandes e tal. Tem a ciranda de livros que a

professora leva uns livros pra sala e a gente aluga eles. [...]. Aí normalmente um mês depois você pode devolver ou continuar com ele. Ou você pode ir na biblioteca mesmo e pegar um também. Tem um prazo, acho que é um mês também. Pode renovar. Eles têm vários livros lá.

Apesar de outros alunos (*Thais, Ingrid, Olga, Vicente*) terem indicado o gosto pela leitura, como destacaram seus pais, a maioria não tem utilizado recentemente este espaço da escola privada.

**Vicente:** Eu gosto muito de ler. Eu leio revista, livro. Eu leio tudo. ‘O Mundo Estranho’. Leio ‘Superinteressante’. Eu leio às vezes quadrinhos também.

**Entrevistadora1:** E de livro? Fala o último livro que você leu.

**Vicente:** Eu tô lendo Dom Quixote pra escola. Sozinho foi o Harry Potter.

**Entrevistadora1:** Você tá gostando do Dom Quixote?

**Vicente:** Tô. é uma estória que o meu pai disse que gostou muito, então é bom ler. Ainda não conversei com ele sobre o livro porque eu ainda estou muito no começo, mas [...] aí eu pretendo conversar com ele.

No nono ano, com a inserção da disciplina de literatura no currículo, os alunos tem experimentado a leitura direcionada, particularmente de obras consideradas clássicas. Em algumas impressões sobre a disciplina, veremos que a forma como as atividades têm sido relacionadas a estas leituras não tem agradado outros alunos.

### ***Lugares de sentar na sala***

O lugar onde os alunos sentam na sala parece exercer interferência na forma como os estudantes se comportam nas aulas. Estar perto dos colegas ou dentro do campo de visão do professor pode mudar a dinâmica das aulas, por exemplo. Perguntamos aos alunos o local onde costumavam se sentar nas aulas, estimulando-os para que falassem sobre o próprio comportamento acadêmico. Analisando os depoimentos dos alunos a este respeito, identificamos que cinco deles (*Ingrid, Vicente, Fábio, Rodrigo e Amanda*) assumiam que o lugar de sentar na sala pode interferir no comportamento ou desempenho nas aulas. Os alunos se mostram conscientes de que estar perto dos colegas pode significar prestar menos atenção nas aulas e assumindo de forma mais ou menos tranquila esta conduta.

**Vicente:** Eu sento na primeira fileira. [...] Converso. Eu tenho alguns colegas também de outras turmas, então não têm tantos na minha turma, mas converso. Converso bastante. Aí às vezes eu sento longe deles pra tentar evitar conversa.

**Fábio:** Porque eu sento na fileira da parede. Eu sento em penúltimo. Tem um amigo meu que senta em último, naquele canto assim, aí eu fico de lado conversando com ele, meio que prestando atenção.

**Entrevistadora1:** Você consegue realmente pegar alguma coisa da aula assim?

**Fábio:** Mais ou menos.

**Rodrigo:** Na sala eu geralmente sento naquele típico fundo. Naquele fundo onde tem a bagunça [risos] [...] Porque lá é divertido. [...] às vezes, na verdade eu converso e outras vezes eu presto atenção. Muito variado, depende do meu... humor. Depende muito do meu humor. Varia.

*Olga*, por exemplo, diz que consegue prestar atenção na aula, independente do lugar onde esteja, mas que observa a mudança de atitude dos colegas quando se deslocam para as primeiras fileiras para melhorarem as notas. A atitude de *Amanda* de mudar de lugar a depender da dificuldade em alguma disciplina reforça a impressão sobre este comportamento.

**Entrevistadora2:** Aonde você senta na sala?

**Olga:** Eu sento no final da sala. Na penúltima fileira.

**Entrevistadora1:** E você consegue prestar atenção numa boa? Os colegas te atrapalham?

**Olga:** Consigo. Mesmo lá trás. Não atrapalham, não. É um grupo assim bem tranquilo. [...] A gente senta atrás e esta entre os melhores da sala, mais assim, estudiosos da sala. É porque no último trimestre bate o desespero nos alunos que não estudam no primeiro e segundo semestres. Então eles sentam na fileira da frente. Se mudam. É tipo uma manada... [risos].

**Entrevistadora1:** Mas você sentou desde o começo do ano na frente?

**Amanda:** [...] Eu sentava com as minhas amigas da turma e tal. Às vezes eu sentava com os meninos [...]. Aí quando é uma aula assim, eu falo: Ah, não. Agora eu vou prestar atenção. Eu foco, sabe? Tipo uma aula de matemática ou de desenho, eu sento bem na frente. Fico centrada. [...] Ou pra copiar também, pra ficar mais atento. [...] A gente agora vai aprender função, por exemplo, aí eu sentei lá na frente pra poder entender.

### *Sobre anotações e material escolar*

Todos os alunos entrevistados afirmaram fazer anotações durante as aulas. Ao analisarmos os depoimentos percebemos que a forma como os alunos utilizam suas anotações é diferenciada, manifestando disposições mais ou menos autônomas, e que podem ter influência no desempenho escolar. Identificamos basicamente dois tipos ou estilos de anotações dos estudantes em aula. Os alunos podem anotar apenas o que o professor escreve no quadro, bem como fazer esquemas (usar abreviações, setas explicativas), anotando informações faladas pelos professores durante as aulas. *Ingrid*, *Amanda*, *Olga* e *Fábio* anotam o que o

professor escreve e o que ele fala. As meninas dizem emprestar o caderno para colegas e *Olga*, por exemplo, destaca o quanto suas anotações são concorridas na turma, pela quantidade de informações e esquemas que consegue fazer.

**Olga:** Eu faço anotação. O meu caderno é um dos concorridos da turma. Tem gente que fala [...] Me empresta o seu caderno? [...] Porque eu anoto o que o professor escreve no quadro e eu também faço comentários, as minhas observações. São coisas que eu entendo, sabe? Aí, isso me ajuda bastante a estudar, porque eu presto atenção... Têm coisas que o professor não põe no quadro, ele só explica. Então eu anoto, ponho observações, setinhas, essas coisas.

*Fábio*, que anota também o que o professor escreve, diz ter esta atitude apenas quando a aula “é importante”. Ele, como outros alunos, apresentam critérios coerentes (trata-se de uma “aula de falar” ou “este professor geralmente dá folhas”, etc.) para adotar uma postura mais ou menos atenta na sala de aula.

**Entrevistadora1:** Como é a tua organização no caderno?

**Fábio:** O meu caderno é aquele caderno grande dividido por partes. [...]. Aí eu tenho uma parte pra cada matéria. Eu copio tudo que esta no quadro. Eu copio o que o professor tá falando, às vezes, quando a aula é importante. Tipo a de história, por exemplo, que bota um slide e tem que copiar mesmo.

**Entrevistadora1:** Quais aulas não são importantes?

**Fábio:** A aula de inglês é legal, mas não é muito importante. Mas é muito... É irado.

Os alunos da escola privada desfrutam de certo conforto em relação ao material escolar, como o acesso a armários na escola, que alguns usam para se organizar e levar menos peso. Também nos foi relatado que quando algum aluno esquece um livro, que há exemplares disponíveis na biblioteca para uso dos alunos em aula. *Amanda*, *Thais* e *Vicente* foram alunos que nos disseram lançar mão destas conveniências.

*Carlos*, *Thais* e *Rodrigo* dizem anotar apenas o que esta no quadro, acompanhando sem problemas o conteúdo exposto pelo professor e *Vicente* é o único aluno que diz ter problemas para organizar suas anotações.

**Entrevistadora1:** Fala pra mim como é o seu material. Como é o seu caderno?

**Vicente:** Agora no nono ano eu comecei a usar um fichário porque os meus cadernos estão realmente muito bagunçados [...]. Tudo misturado. O caderno que eu levava todo dia pra fazer as coisas, deveres. Esquecia. Achei que o fichário seria melhor. Faço a folha avulsa e depois coloco. Fica mais fácil. [...].

**Entrevistadora1:** Você usa o armário da escola?

**Vicente:** Eu parei agora porque eu levei todo o material de casa pra arrumar, mas eu uso sim.

### 6.2.3 Expectativas de futuro

#### *Expectativas de futuro para o Ensino Médio*

Basicamente fizemos duas perguntas a respeito das expectativas escolares para os alunos da escola privada; sobre um futuro mais próximo (onde gostariam de fazer o ensino médio) e sobre o futuro profissional. Seis alunos nos disseram que gostariam de permanecer na escola durante o ensino médio. Como esperado, o aspecto da sociabilidade, tão ressaltado em diferentes estudos (Abramo & Branco, 2005; Sposito, 2002) como aspecto mais significativo da experiência escolar foi destacado pelos alunos como motivo para a permanência na escola. Apesar disso, chama atenção a preocupação de duas alunas (*Amanda* e *Ingrid*) com o vestibular, reconhecendo que a escola privada em que estudam não dá muita ênfase à preparação para o ENEM.

**Entrevistadora1:** Você quer fazer ensino médio em qual escola? Já pensou em mudar de escola?

**Amanda:** Aqui. Olha, esse ano eu tive duas amigas que foram pro CAP da UFRJ. Então, a minha mãe perguntou se eu queria fazer prova pra lá. Eu falei que não, que não... Meu pai gostaria muito que eu fosse pro CAP, mas eu não tenho muita vontade. Eu gosto muito daqui. Apesar de... Tem uma amiga da minha sala que a irmã dela tá no terceiro ano agora, e a irmã dela tá dizendo que acabou que a nossa escola não preparou muito ela pro ENEM. Ela vai fazer o ENEM amanhã. Eu fico com um pouco de medo de pensar, achar que talvez não me prepare bem, entendeu?

**Entrevistadora1:** Você vai estudar aonde no ano que vem?

**Ingrid:** É. Eu pensei em fazer prova pra outros lugares só pra testar o meu conhecimento e tal, porque eu gosto de fazer provas pra saber como é que eu estou. Às vezes você tá num colégio, você não sabe como estão os outros colégios, né? Você não sabe se a matéria esta maior ou esta menor. Eu ia tentar fazer pro CAP da UFRJ, mas eu perdi o prazo de inscrição [risos]. Porque eu tenho amigos lá e tal.

**Entrevistadora1:** Mas você vai continuar aqui até acabar o ensino médio?

**Ingrid:** Vou.

*Thais* e *Rodrigo* mudariam de escola no ensino médio, por motivos diferentes. *Thais*, que aparenta estar tendo problemas interpessoais na escola, destaca a possibilidade de ter ensino gratuito de qualidade em uma escola pública federal, ainda assim, vislumbra continuar na escola. *Rodrigo* (filho de *Lígia*) assume implicitamente o baixo desempenho na escola, dizendo não ter o perfil adequado para estudar ali. Além disso, o aluno apresenta uma percepção diferente sobre a preparação para o vestibular na escola, o que aponta para uma mudança na

orientação pedagógica, provavelmente com base nas recentes colocações de ex-alunos nos últimos exames nacionais do ensino médio.

**Entrevistadora2:** Se você pudesse mudar de escola, você gostaria?

**Thais:** Eu acho que sim. Às vezes cansa um pouco de tudo, pelo fato que eu já conheço tudo e todo mundo. Às vezes eu queria mudar só pra... Por exemplo, eu mudaria de escola nesses últimos seis meses de aula, só pra esfriar a cabeça e tal. Mas depois eu voltaria porque o ensino médio aqui as pessoas consideram muito bom. Eu acho que eu voltaria. A minha outra opção seria fazer prova pro CAP, mas é mais difícil de passar.

**Entrevistadora2:** Se você passar, você prefere ir pro CAP ou ficar aqui?

**Thais:** Eu acho que eu iria pro CAP. Eu acho importante. Amizades podem ser mantidas, independente da onde você esteja. Se é pra ir pra um lugar com ensino melhor e de graça, eu prefiro.

**Entrevistadora1:** Você mudaria de escola?

**Rodrigo:** Eu já pensei nisso, mas ainda não achei nenhuma outra escola. Porque o meu perfil não é bem desse tipo de escola. Porque aqui é aquele tipo de escola que quer que você vá para o vestibular e passe pra uma faculdade. Não estou falando que eu não vou fazer uma faculdade. Eu ainda não sei.

**Entrevistadora1:** O que você quer fazer [em relação ao Ensino Médio]?

**Rodrigo:** Uma escola construtiva. Escola Parque, por exemplo.

Nas falas de *Thais* (filha de Ítalo) e *Rodrigo* (filho de Lígia) identificamos um reflexo do teor apresentado nos depoimentos de seus pais sobre o perfil desta escola privada. No entanto, enquanto *Ítalo* parecia se preocupar com o aspecto financeiro e a preparação para o vestibular, *Lígia* relativizava esta importância, afirmando que o vestibular é uma massificação do ensino. *Célia*, mãe de *Carlos*, também critica o foco excessivo nos conteúdos e exames, mas reconhece a necessidade de tal enfoque da escola e diz não ter como arcar uma formação superior privada para o filho. Vale destacar também que o alcance do novo exame (ENEM), facilitando a entrada e possíveis descontos em universidades privadas de qualidade vêm mudando as expectativas de alguns pais em relação à preparação para o vestibular nesta escola privada.

### ***Expectativas sobre o ensino superior e futuro profissional***

As perguntas sobre o futuro profissional objetivaram saber se os meninos e meninas gostariam ou não de fazer uma faculdade e qual área profissional ou carreira gostariam de seguir. Tais questões suscitaram entre os alunos desta escola privada respostas em tom tranquilo. O sentido que prevaleceu foi o de que ‘ainda

há muito tempo’, ‘isso ainda pode esperar’, ‘há muito por viver’, mesmo entre os alunos que já tinham planos mais consistentes para o Ensino Superior.

*Carlos* e *Vicente* assumem não ter ideia sobre o que querer profissionalmente e não demonstram qualquer angústia em relação a esta indecisão, a qual ainda tem tempo para fazer.

**Entrevistadora1:** Você pensa em fazer o que quando terminar o ensino médio?

**Carlos:** Eu não decidi ainda.

**Entrevistadora1:** Já passou pela sua cabeça alguma profissão? Alguma coisa que você queira fazer?

**Carlos:** Não. Ainda não decidi nada.

**Entrevistadora1:** Quando você terminar de estudar aqui, o que você quer fazer?

**Vicente:** Ainda não sei.

**Entrevistadora1:** Tem ideia de alguma coisa?

**Vicente:** Não.

*Rodrigo*, *Ingrid* e *Olga* pretendem fazer cursos no exterior. Os três alunos já demonstram interesse em alguma área específica: cinema, moda e música. Estes alunos demonstram autonomia na forma que experimentam estas escolhas, com indícios da influência dos valores apresentados por seus pais durante as entrevistas: a associação entre conhecimento e prazer, a liberdade e a felicidade enquanto projeto de vida profissional.

**Entrevistadora1:** Depois, o que você pretende fazer?

**Ingrid:** Eu estava pensando em fazer cinema na PUC. Meu irmão disse que a PUC tem um convênio com o NYU [New York University] e aí eu queria ir pra lá. Porque a minha mãe disse que em Nova York esta uma das melhores faculdades [...] Eu queria fazer cinema porque eu gosto dessas coisas.

**Entrevistadora1:** O que você quer fazer no futuro? Você já pensou sobre isso? Em alguma profissão?

**Olga:** Não. Eu sempre quis fazer moda desde pequena, mas aí eu... O pessoal da turma falou um negócio que eu realmente fiquei pensando. Falaram com essas palavras assim: Você é tão boa aluna em tudo, você tira nota dez em tudo, porque você vai fazer moda que não tem nada a ver com nenhuma dessas matérias, né? Que você tira dez. Eu fiquei pensando nisso. Não sei o que eu vou fazer...

**Entrevistadora1:** Não sabe... Mas vai fazer uma faculdade?

**Olga:** Um, hum. Eu quero estudar no exterior também.

**Entrevistadora1:** E o que você pensa fazer no futuro como profissão?

**Rodrigo:** Profissão? Ah, não sei. Sei lá. Criar uma banda e tocar por aí [risos].

Os conselhos dos colegas de *Olga* expressam a influência das famílias (capital cultural e informacional) e da escola sobre o futuro profissional dos

alunos. Uma aluna “tão boa quanto” *Olga* deve se interessar por profissões tradicionais e nas quais se sabe é preciso grande empenho e bom desempenho nas disciplinas do currículo escolar, como apontam seus colegas. A mãe de *Rodrigo* (*Lígia*) nos demonstrou estar disposta a incentivar a habilidade musical do filho e que gostaria que ele fizesse isso no exterior. À época da entrevista, que foi realizada na residência da família, mãe e filho tinham acabado de voltar de uma viagem ao Canadá e nos contavam entusiasmados sobre os momentos que passaram no país.

*Fábio*, *Amanda* e *Thais* também indicaram algumas profissões de interesse. As falas de *Fábio* e *Amanda* expressam o apoio dos pais para uma decisão que deve ser tomada com mais calma e *Thais* foi a única aluna que parecia um pouco mais preocupada com o aspecto financeiro de suas escolhas, reflexo do esforço familiar para a manutenção da sua escolarização.

**Entrevistadora1:** Quando você terminar o ensino médio, o que você pretende fazer?

**Fábio:** Eu já pensei em fazer direito, já pensei em fazer gastronomia, pensei em fazer arquitetura. Ah, não sei. Eu tenho dúvidas. Várias possibilidades.

**Amanda:** Não sei. Eu já pensei em fazer várias coisas. Eu pensei em fazer jornalismo, comunicação, fotografia. Não sei... Todo mundo me pergunta: Ah, o que você quer fazer? Ah, não sei ainda. Porque ainda tenho muito tempo pra pensar. Tem mais uns três anos, né?

**Thais:** Ah, eu tenho uma dúvida. É porque vocês são da PUC. A pessoa ganha bolsa integral se ficar no primeiro lugar? Por exemplo, eu quero fazer Direito e [...] Mas eu quero tentar pra alguma faculdade pública [...]. E também pra PUC. Mas por exemplo, se eu ficar em quinto lugar, eu ganho alguma coisa?

Nos desejos destes meninos e meninas são perceptíveis as orientações familiares sobre o futuro profissional. Valores das famílias e da escola se expressam nestas expectativas, com prevalência para a primeira instância. Através destas percepções podemos sustentar que as disposições escolares modelam as expectativas de futuro e que as expectativas de futuro modelam as disposições escolares. Estes depoimentos nos levam a indagar em que medida os *habitus* escolares orientam as escolhas profissionais. *Quais experiências tornam-se estruturantes, perpassando a esfera escolar e familiar à vida profissional?* Chama atenção o interesse de alguns alunos (*Fábio*, *Ingrid*, *Olga* e *Rodrigo*) por novas profissões e o fato das famílias estarem dispostas a apoiar o interesse dos filhos

por campos menos ortodoxos. Este pode ser sinal do reflexo do conforto financeiro conquistado por estas camadas sociais, que não se preocupam em um primeiro momento com as conquistas materiais destas escolhas dos filhos, na medida em que não veem nos filhos uma via de ascensão social (Nogueira & Nogueira, 2002, 2009).

#### 6.2.4 Impressões sobre a vida escolar

##### *Os alunos pelos alunos*

*Você se considera um bom aluno? Como você é na escola?* A auto percepção destes meninos e meninas como alunos também nos possibilitou entrar em contato implicitamente com os valores e orientações das famílias e das escolas na construção e manutenção das disposições escolares. Além disso, nas formas como os alunos se veem, encontram-se desdobradas suas identidades estudantis. Cinco alunos (*Ingrid, Thais, Amanda, Carlos e Rodrigo*) se consideram como estudantes medianos. *Ingrid, Amanda e Carlos* fazem menção às tarefas de casa e às notas nas provas quando perguntamos se se consideravam bons alunos. *Amanda e Thais* referem-se às notas e ao comportamento social para se justificarem como boas alunas:

**Amanda:** Olha, eu não sou a mais ‘nerdzinha’, mas eu tento fazer todos os deveres. Às vezes eu não faço um, não faço outro, mas eu tento manter essa coisa de fazer os deveres [...]. E na sala eu converso. Eu estou conversando menos, eu acho. Melhor não [como aluna], mas eu tiro notas boas tipo sete, oito, oito e meio, assim. [...] eu acho que eu sou uma pessoa muito sociável. Então, eu gosto muito de sair, por isso que eu falo que não estudo no fim de semana, entendeu? Então, às vezes isso acaba, eu acho que ela [uma colega ‘nerd’] foca muito mais, entendeu? Acho que é uma pessoa que é mais centrada.

**Thais:** [...] eu me considero uma aluna assim, tipo responsável. Eu tento.

**Entrevistadora:** Você se acha uma boa aluna? Você é uma das melhores alunas da sala?

**Thais:** Melhores em termos de nota, não. Mas eu acho que de atitude dentro da sala, de silêncio, essas coisas, talvez. Porque é assim, as minhas notas eram mais altas, só que esse ano estão mais baixas. Ano passado eu quase não tirava nada abaixo de oito. Esse ano, a maioria das minhas notas foram setenta e dois, sei lá, setenta e um. [...] É. Eu não gosto de sete, mas eu tento ser boa.

Quando *Carlos e Rodrigo* fazem uma auto avaliação eles também ponderam sobre a coerência do próprio comportamento. Ao pensarmos na postura (inclusive

corporal) dos alunos ao explicarem sua conduta durante as entrevistas, destacamos indícios de justificativas para não alterarem comportamentos como alunos, que não são valorizados pela escola:

**Entrevistadora1:** Você se considera um bom aluno?

**Carlos:** Não sei. Acho que sim.

**Entrevistadora1:** Por quê? Você acha que poderia melhorar em alguma coisa?

**Carlos:** Acho que sim. Eu não sou um dos melhores da turma. Não tiro ótimas notas em todas as matérias, mas eu acho que eu não vou mal. Nunca tiro uma nota muito baixa. Semestre passado eu não fiquei em nenhuma recuperação e a minha menor nota foi sessenta e quatro em matemática. Mas eu não costumo... Tem gente, uns amigos meus que tiram quatro em algumas matérias. Eu não costumo tirar notas tão baixas assim.

**Entrevistadora1:** Como é que você avalia o seu rendimento na escola? Tá tudo bem?

**Carlos:** Eu acho que se... Eu tenho que melhorar pra passar de ano. Se eu melhorar vai ser bom, claro. É. Eu quero melhorar, mas eu acho que não é necessário.

**Rodrigo:** Eu geralmente não causo muita confusão, esse tipo de aluno. Mas certas vezes eu sou chamado à atenção por ficar conversando ou por vir com o uniforme errado. Me considero num nível médio.

**Entrevistadora1:** Então você não esta entre os melhores alunos da turma?

**Rodrigo:** Não. [enfático]. Mas eu também não estou naquela escória. [risos]. [...] aquele tipo de gente que fica em seis matérias todo trimestre e têm notas: três, quatro.

A ideia perceptível na fala destes meninos é de que é possível sobreviver na escola assumindo tais comportamentos. Suas famílias, apesar de levantarem algumas críticas sobre seus desempenhos e comportamentos, não demonstram atitudes mais concretas que incitem à mudança no perfil dos filhos como alunos. A atitude destes pais é sempre ponderada, com destaque para aspectos positivos dos filhos (“mas, ele é muito crítico”, “mas, ele lê muito”, “é bem informado”, “é comunicativo” e impressões semelhantes), que denotam disposições valorizadas pelas famílias e pelas escolas. Também podemos incluir as escolas neste aspecto, tendo em vista as falas de reforço positivo semelhante de muitos professores nas reuniões de pais.

Apenas *Olga* se considera uma das melhores alunas da sala e seu depoimento nos ajuda a pensar sobre a valorização do desempenho ou da sociabilidade dos estudantes no processo de avaliação. A descrição da aluna sobre os colegas reforça a característica diletante de alguns estudantes que adotam uma espécie comportamento acadêmico econômico, objetivando poupar energias em algumas obrigações escolares.

**Olga:** Eu sou certinha. É muito bom [seu rendimento]. Eu faço todos os deveres de casa. Porque eu acho que eu fui criada assim. Acho que é uma obrigação do aluno. Nunca deixei de fazer um dever esse ano. Eu presto atenção na aula, anoto tudo.

**Entrevistadora1:** Você e mais quantos da sua turma são melhores?

**Olga:** Ultimamente anda tão desproporcional. As pessoas que eram bons alunos não são mais tão bons alunos. Acho que eu podia falar eu e mais... Você fala bons de comportamento ou bom de nota?

**Entrevistadora1:** As duas coisas. Você é boa de comportamento e de nota?

**Olga:** E de nota... Tem muito aluno que é bom de nota e não é de comportamento. Tem muito aluno que não faz absolutamente nada na aula, mas parece que nasceu pra isso. Ele, por exemplo, não presta atenção nas aulas de história, mas na prova de história vai super bem. Entende tudo. Normalmente são aqueles que dormem. Mas só que ele vai bem, ele... Pro que ele presta de atenção, um sete, um sete e meio que ele tira é muito. Então se ele prestasse atenção, ele ia gabaritar. Só que ele prefere ficar com sete, sete e meio.

Dois meninos (*Vicente* e *Fábio*) se assumem como maus alunos e reconhecem comportamentos prejudiciais ao desempenho escolar. Vem à tona nas falas deles, expressões avaliativas dos professores, o que nos leva a pensar até que ponto tais avaliações influenciem na forma como o próprio estudante se vê e do quanto tais percepções os levam a uma atitude de conformação ou de mudança em relação ao comportamento.

**Entrevistadora1:** Como é o seu comportamento na sala?

**Vicente:** Ah, eu sou um aluno meio disperso. Eu me distraio facilmente. Sou assim meio relaxado também em termos de material, de dever. Mas às vezes quando eu me esforço, eu acho que eu me saio bem [confessa em tom tímido, voz e cabeça baixas] Ah, é difícil...

Quando pergunto a *Fábio* o que ele gostaria de melhorar, ele cita o próprio comportamento da sala, mas ao mesmo tempo relativiza a necessidade de mudança, demonstrando não estar disposto a alterar o comportamento em prol de melhores notas. Esta postura do aluno pode ser facilmente remetida à fala da sua mãe (ver depoimentos de *Sílvian* o capítulo anterior), que assume não valorizar tanto as notas dos filhos, preocupando-se mais com as experiências proporcionadas e interesses que a educação escolar pode suscitar do que com os conteúdos escolares e desempenho nas avaliações.

**Fábio:** Eu sento lá trás. No fundão. Eu converso bastante. É... mas...converso, converso. Dependendo da aula, eu converso mais ou converso menos [...] converso mais com os que estão lá no fundo. [...]. Tem aula que tem que prestar atenção, é difícil, muito difícil. Eu faço mais ou menos os deveres de casa, mas eu tenho o meu caderno bem organizado.

**Entrevistadora1:** Você se considera um bom aluno? O que você poderia melhorar?

**Fábio:** Não. Minha postura em sala... Ah, não sei [...]. Eu acho que eu converso muito. Eu queria conversar menos, mas isso não atrasa, não. [...] É uma parada meio: Ah, se eu conversasse menos...

**Entrevistadora1:** Sei. Não é uma coisa que você quer mudar?

**Fábio:** É. Mais ou menos.

### *Sobre a escola em que estuda*

Perguntamos aos alunos se gostavam da escola em que estudavam e se achavam a escola difícil ou rigorosa. Também pedimos que eles justificassem suas respostas apontando o que mais gostavam e o que menos gostavam na escola. Todos os alunos entrevistados dizem gostar da escola e sete deles tiveram dificuldades para apontar o que menos gostavam. O alto grau de satisfação com a escola vai ao encontro dos resultados encontrados no *survey* aplicado em 2009 e que demonstrou o alto grau de pertencimento dos alunos desta escola. Nas entrevistas, um dos aspectos mais elogiados pelos alunos foi o clima e o ambiente que a escola proporciona.

**Entrevistadora:** Você gosta da escola?

**Thais:** Gosto bastante. Eu gosto do ambiente. Eu acho muito bom. Eu acho que todo mundo que tá lá gosta de estar lá. Isso faz uma grande diferença. Eu gosto dos meus amigos, eu gosto de tudo.

O perfil de aluno que estuda na escola também é ressaltado pelos alunos. Os colegas são concebidos como pessoas de “cabeça boa”, “antenas” e interessadas no que está acontecendo na sociedade. Três alunos (*Amanda*, *Olga* e *Fábio*) destacam este aspecto como positivo, com destaque para o depoimento de *Fábio* que havia ingressado na escola naquele ano.

**Amanda:** Então, eu acho que aqui é um pouco diferente de muitos colégios. Porque muitos colégios que eu tenho amigas de fora, são uns colégios mais, digamos, caretas assim. Tirando a Escola Parque, enfim, mas eu acho que o Santo Inácio, o Salesiano são colégios mais caretas. Eu acho que aqui não. [...] Não sei explicar direito, mas acho que aqui é um colégio que tem outras ideias, sabe? Ele pensa muito no social, mas relacionado à sociedade e tal. E o pessoal que vem pra cá tem uma cabeça muito boa, sabe? É todo mundo muito ligado nas coisas que estão acontecendo. É muito legal.

**Fábio:** Porque na Barra é muito diferente assim, o pessoal, tudo lá é muito diferente [lembrando do bairro da antiga escola]. Não sei como explicar [...]. A escola era mais uma parada: Ah, acabou e tem que sair rápido. E aqui não. Aqui é uma parada mais de acolher os alunos. Eu gostava por causa dos amigos, que eu sempre estudei lá. Eu conhecia todo mundo. Além da diversidade que tem aqui, porque lá é tudo padãozinho de pessoas, é todo mundo igual lá [...].

Os alunos são totalmente desinteressados. Os alunos estão nem aí pra escola. Aqui é totalmente diferente. Todo mundo é... É bem mais legal. Ah, eu gosto das pessoas. De tudo. As pessoas aqui são mais legais, são mais abertas.

Tais impressões dos alunos refletem um discurso da própria escola, que se apresenta como interessada na política, na redução das desigualdades, preocupada em formar alunos para transformar o mundo. Lembramos que este é um aspecto que sobressai nos depoimentos dos pais como característica importante de identificação com a proposta da escola, ainda que alguns familiares não reconheçam ultimamente tanta ênfase no envolvimento dos alunos nas atividades relacionadas.

*Carlos, Rodrigo e Amanda* destacam o trabalho dos profissionais da escola, em manter, por exemplo, colegas antigos na mesma sala e em poder expressar opiniões. Para os outros alunos, o que mais gostam na escola são os amigos.

**Carlos:** Normalmente o colégio deixa amigo junto porque no final do ano você costuma anotar quem são seus amigos pra ficar na turma. [...]. Dois anos atrás mudou. Ano passado não. Eles dão um papelzinho no final do ano: três alunos da turma que você gostaria de estar junto no próximo ano. E três de outras turmas que você gostaria de ficar. Aí eles tentam botar, agrupar as turmas do jeito que todo mundo fique junto.

**Entrevistadora2:** O que é bom e o que é ruim na escola?

**Rodrigo:** Os amigos são bons e, não sei... não gosto muito de aula, assim.

**Entrevistadora2:** Tem espaço na escola pra vocês falarem quando não gostam de alguma coisa?

**Rodrigo:** Se comparar com essas outras escolas aí, sim, com certeza. Não vou mencionar nomes, mas tem outras escolas que o aluno... Não pode comentar quase nada. Ele não tem muito direito de opinião.

**Entrevistadora1:** E o que você menos gosta na escola?

**Amanda:** Assim, eu nunca parei pra pensar muito, né? O que eu não gosto da escola. Mas pensando aqui, eu acho que... Não sei o que te dizer. Nada que me incomode muito... Quando às vezes tem um professor ou outro que eu não gosto, mas isso não é incomodar na escola, né? Geralmente a gente conversa com a coordenadora ou... a gente tá falando da professora de história, que ela passava muito dever e eram muito grandes. Então, a gente conversou. A coordenadora e a supervisora foram lá na sala e aí a gente conversou com elas e achou um jeito de fazer com que ficasse menos dever. [...] Dá muito espaço pra falar, né? Você tem uma voz. Não é só a voz do professor e do coordenador, ou do diretor, dos alunos também.

*Olga, Vicente e Thais*, apesar de dizerem gostar muito da escola, apontaram aspectos a serem melhorados. *Olga* gostaria de ter mais passeios, *Vicente* aponta professores que não conseguem controlar os alunos, ao mesmo tempo em que pondera sobre a indisciplina da turma. *Thais* diz que o recurso de acessar conteúdos e exercícios através da internet é algo no qual a escola poderia investir mais.

**Olga:** Não é uma coisa que eu não gosto, mas é uma coisa que a gente pode fazer mais, é ter mais passeios. A gente tem muito pouco passeio. A gente não sai muito. É muito raro. Esse ano teve um passeio pra Academia Brasileira de Letras, a gente passou duas horas lá, e esse da Ilha Grande. Um passeio de um dia que a gente vai ali visitar um museu, alguma coisa, e volta, já anima bastante o pessoal. A gente prefere aprender ao ar livre do que numa sala de aula.

**Thais:** [...] Na aula de história também. Toda matéria que ela dá em sala, slide, vai pro site da escola, isso também é um bom jeito de estudar porque tem tudo que a gente vê em sala. [...]. Mas é só da professora de história. Acho que todos podiam começar a fazer isso.

**Entrevistadora1:** O que você mais gosta na escola? O que você menos gosta?

**Vicente:** Eu acho aqui um colégio muito bom, assim, de tamanho de sala de aula, estrutura, mas... E as aulas são boas e tal, mas eu acho que tem alguns professores, de outros anos também que eu já passei, sei lá [...] eles não conseguem controlar muito a turma. Até porque a minha normalmente é uma turma muito ruim em termos de prestar à atenção e tal. E às vezes foge do controle e aí fica um pouco difícil...

Nenhum dos alunos entrevistados considerou a escola difícil ou rigorosa. Geralmente os estudantes basearam sua avaliação, comparando com outras escolas e através de algumas impressões de colegas que estudam em outros lugares. Para os meninos e meninas a avaliação da escola em que estudam apresenta um volume menor em comparação com as demais. Para eles, nesta escola privada também há apoio aos alunos em momentos de dificuldade e proximidade na relação com professores e outros profissionais da escola.

**Entrevistadora1:** O que você acha dessa escola? É muito difícil, muito rigorosa?

**Ingrid:** Não muito porque na verdade uma amiga minha foi pro [cita nome de outro colégio católico da cidade] e outra foi pro [outro colégio católico]. Agora eu vejo como é uma escola rigorosa que elas falam e tal. Elas têm quatorze provas. Tem uma prova por dia, tem prova de informática, milhões de provas. E é por bimestre, o que é pior porque você faz quatro semanas de prova por ano. Mas eu acho que o ensino é bom. Não é tão rigoroso que nem essas escolas.

**Fábio:** Eu não acho a escola muito difícil. [...]. Eu estou tendo mais dificuldade porque também não sou muito esforçado, sabe? Mas não é a escola mais difícil. Acho dessas boas do Rio de Janeiro que tem, acho uma das mais fáceis assim. As outras ficam cobrando bem mais.

**Olga:** [...] um colégio mais rígido, você não pode se comportar do mesmo jeito que você se comporta aqui que é um colégio um pouco mais liberal.

**Entrevistadora1:** Você acha que é um colégio liberal?

**Olga:** Eu acho. Não um colégio liberal, eu acho que o modo como os professores ensinam é mais dinâmico. Eles conversam mais, interagem mais com o aluno. Não fica aquela distância de professor, e aluno do outro lado como se tivesse uma parede no meio. É mais próximo.

Essa proximidade destacada pela aluna foi possível de se notar nos corredores do colégio, na forma como os alunos falavam com a coordenadora e orientadora. Mesmo a relação com o diretor parece mais próxima e não identificamos entre os alunos qualquer receio em se expressar. A comunicação com menos cerimônia e uma menor verticalização, como destacado anteriormente pela coordenadora pedagógica (capítulo 3), também aparece como um aspecto valorizado pelos alunos, que demonstram apreço pelo clima de liberdade experimentado nesta escola.

### ***Sobre as regras escolares***

Todos os alunos demonstraram conhecer as principais regras da escola: horários de entrada, uniforme correto, comportamentos inadequados na sala de aula. Nesta escola privada, chama atenção a forma como os alunos interpretam as regras e as possibilidades de punição, tendo em vista a linha de trabalho da escola “mais voltada para a conscientização”, como defendeu a coordenadora geral de ensino. A respeito destas regras há uma dissonância instalada entre as perspectivas das famílias e da escola. A escola trabalha com a proposta de que os alunos entendam a importância destas regras (horário de entrada, uso do uniforme, cumprimento das tarefas) e atuem com liberdade e consciência. O estímulo a esta disposição é expresso na maneira como o diretor apresenta tais regras como valores: “valorização da presença”, “respeito ao outro”, “construção do conhecimento”. No dia a dia, o desencontro de perspectivas prevalece, pois ainda que as famílias admirem e defendam este projeto pedagógico, a maioria dos pais requisita da escola uma postura de autoridade, pedindo muitas vezes a punição dos filhos.

O comportamento da maioria dos alunos entrevistados em relação a tais regras – núcleo da divergência – é a de permanecer em uma espécie de negociação, testando os limites de tolerância da escola, mas sempre assumindo as escolhas. *Carlos* e *Fábio* demonstram conhecer as regras, bem como a possibilidade aceitável de desrespeitá-las:

**Entrevistadora1:** O horário da entrada, como é que funciona?

**Carlos:** A gente tem dez minutos. Se a gente não chegar lá até às 7:40h, já com os dez minutos, a gente leva um bilhete. Tem que assinar lá que chegou atrasado. Mas eles deixam você entrar a qualquer horário.

**Fábio:** A questão de chegar atrasado.... De vez em quando tem gente que chega na hora do recreio. A gente vê assim. Não tem uma regra quando você chega atrasado, assim.

O uso uniforme é diferenciado, alunos do ensino fundamental devem usar bermudas ou calças de cor lisa (preta, cinza ou azul marinho) e a camiseta do uniforme, e alunos do ensino médio podem usar roupas comuns. Essa diferenciação parece interferir na sociabilidade dos meninos e meninas do nono ano, que passam a se sentir um pouco “destacados” dos colegas do ensino médio.

**Entrevistadora1:** Você prefere? Você vai gostar de usar qualquer roupa pra ir pra escola?

**Carlos:** Eu acho que... Eu acho que eu vou gostar.

**Entrevistadora1:** Faz diferença pra você ou não faz?

**Carlos:** Não muita, mas pra muitas pessoas faz, eu acho [...]. Acho que meio que separa porque a gente estuda com gente do primeiro ao terceiro ano [ensino médio], que não usam uniforme. Meio que separa a gente de uniforme das pessoas sem uniforme. Não que um não ande com o outro, mas você meio que reconhece quem é quem.

**Vicente:** O uniforme aqui a gente não pode usar calça estampada. Eu até estou, mas não poderia. Não poderia. Até o nono ano você tem que usar a camisa da escola. No ensino médio você pode usar a roupa que você quiser. Acho que a da bermuda [regra] estampada é inútil, assim. Porque muitos alunos não gostam disso. E levam bronca à toa por causa disso. Advertência à toa. Acho que não é uma coisa necessária.

**Entrevistadora1:** O seu uniforme já tá todo estilizado, né? Você tirou a gola.

**Amanda:** Não. Pois é. Então, poder assim, não pode. Sendo que esse é o meu último ano de uniforme. A minha mãe nunca deixou eu fazer essas coisas, aí esse ano eu falei: Pô, mãe. Meu último ano, não sei o que. Ela: Ah, tá. Então tudo bem, sabe? Porque todo mundo: Ai Meu Deus. Ano que vem eu não quero usar uniforme. Eu não quero usar uniforme.

A escola atua de forma semelhante ao horário de entrada dos alunos, assumindo uma grande tolerância em relação ao descumprimento destas normas, o que parece estar influenciando os alunos a considerá-las desnecessárias.

**Entrevistadora1:** Como é que são as advertências?

**Fábio:** No início do ano eles são bem mais... Eles cobram muito mais do que agora. Aí é assim, no início do ano você vem com a camisa. Se você tá sem a camisa, o [...] é o inspetor que fica lá em baixo. Ele fica vendo quem tá sem camisa, aí ele cobra. Ele tira uma camisa do armário e te dá, se você estiver sem a

camisa. Se a pessoa tá de chinelo, ele reclama. A bermuda, a bermuda tem que ser preta, azul ou cinza, e normalmente...

**Entrevistadora1:** A tua tem todas essas cores, né?

**Fábio:** É. Tem que ser lisa, sabe? Só que, começa a chegar no final do ano, eles meio...

Alguns alunos estavam com o uniforme incorreto ou “estilizado” (modificado) durante a entrevista. Dos oito alunos entrevistados, seis assumiram ir à escola com uniforme incorreto. *Carlos* e *Olga*, apesar de irem com o uniforme certo também discordam desta norma. Quando analisamos as entrevistas dos pais, trouxemos a fala de *Zilda* (mãe de *Olga*) que nos mostrou o conflito gerado pelo descumprimento coletivo do uso do uniforme. Os depoimentos dos alunos a respeito expressaram a influência que a necessidade de adesão dos pares provoca entre os adolescentes, lembrando ainda da importância que outros aspectos assumem nesta faixa etária em que o vestuário e a moda incidem sobre a autoimagem e a identidade.

Uma das normas que parece ser menos desrespeitada entre os alunos refere-se ao uso de celular e outros aparelhos eletrônicos na sala de aula. Não por coincidência, foi relatada pelos alunos a intolerância no descumprimento desta regra.

**Vicente:** Acho que uma regra que todo mundo conhece é a do... Não usar eletrônico em sala, porque toda hora usam e toda hora é advertido. Aí tem essa regra pendurada na sala. É lei. É lei. Outras regras... É meio normal de colégio, né?

**Fábio:** Não, celular em sala quando eles veem. Eles reclamam. Se continuar, eles mandam pro inspetor. Mas, por exemplo, chiclete na sala, na [outra escola que estudava] não podia... Frescura. Aqui eles não ligam. Aqui pode. Eles são bem menos frescos.

O uso é permitido entre os intervalos das aulas e no recreio. Mesmo assim, vemos a descrição de alguns comportamentos fugidios. *Olga* nos explicou em detalhes essa dinâmica.

**Olga:** Celular, eles são terríveis. Não pode atender realmente o celular na sala de aula.

**Entrevistadora1:** Você tá com celular...

**Olga:** Mas eu peguei, botei no bolso agora quando eu subi. Quando estou na aula ele fica a mochila. Deixo no vibra, às vezes eu preciso falar com a minha mãe.

**Entrevistadora1:** Mas você manda mensagem? Você entra no facebook? Você faz alguma coisa assim?

**Olga:** Não, porque o meu não tem internet. Mas mandar mensagem, eu mando. Escondido. Às vezes quando o professor saiu, entre um tempo e outro, aí eu falo no celular. Quando o professor chega, eu desligo. [...]. Não me atrapalha não porque

eu consigo prestar atenção mesmo assim. Mas tem gente que fica no facebook falando: Ah, que aula chata e tal. É...vicia.. Mas uma coisa é você fazer em casa, outra é fazer no colégio. É uma distração desnecessária.

Em relação a outras normas de comportamento geral, os alunos citaram aquelas que são mais enfatizadas por professores e coordenadores. As alunas (*Olga, Amanda, Ingrid e Thais*) fizeram menção ao respeito que devem ter com os profissionais da escola e também deram destaque ao ambiente de liberdade (no sentido de poderem fazer escolhas), vivido na escola.

**Amanda:** Bom [...] você tem que se comportar em sala. Eu acho que é o principal. Respeitar a escola, o espaço da escola também. Não sair quebrando tudo, não sei o que. Você respeitar as pessoas assim, os inspetores, os funcionários, os professores. Acho que eles visam muito isso. Você ter respeito. Eu acho que uma pessoa também sem respeito é exatamente aquela que é totalmente: Daann, na sala de aula, sabe?

**Entrevistadora1:** Tem muita gente assim na sua sala?

**Amanda:** Não. Todo mundo tem um pouco de noção de saber que isso você não pode fazer de jeito algum, entendeu? Não tem nenhuma pessoa assim, totalmente sem noção que.... Têm vezes que assim, [alguém] faz alguma coisa errada.

**Ingrid:** Não pode correr no corredor, eu acho básico. Essas coisas, sair rolando pela escada, nem sair gritando, nem... Acho que tem algumas escolas, que eu lembro que a minha amiga do [cita nome de outro colégio católico] falou, que não pode nem abraçar, nem dar um beijinho na bochecha. Acho que ela tá inventando, não sei se é verdade.

**Entrevistadora1:** E aqui pode? Pode namorar aqui?

**Ingrid:** Pode...pode.

Todos os alunos consideram as regras da escola justas, mas disseram que mudariam algumas, principalmente quanto ao uso do uniforme. *Thais* chamou atenção sobre um problema também indiretamente destacado por outros alunos em diferentes momentos da entrevista: a necessidade da escola se atualizar em relação ao uso das tecnologias. Para a menina, a forma como os coordenadores percebem o uso da internet pelos alunos, por exemplo, é negativa e nem sempre corresponde ao real uso que fazem.

**Entrevistadora:** Você mudaria alguma regra?

**Thais:** Eu acho... Não sei bem se é uma regra, mas eu mudaria o jeito que os coordenadores... não sei. O jeito que a escola tem... A visão da escola com a internet. Eu acho que é uma visão muito, sei lá, antiga entre aspas. Falam que qualquer um pode ter os seus dados. Como se pudesse acontecer alguma coisa ruim só porque você usa a internet, entendeu? Eu não acho que é isso. Eu acho que pelo contrário, a internet é um grande meio de comunicação e muitas vezes, sabe... O Google é muito bom!

**Entrevistadora1:** Você queria que a escola visse de outro jeito...

**Thais:** Do nosso jeito. Como se não fosse uma coisa péssima, sabe? Acho que agora as coisas vão mudar, estamos fazendo mais trabalhos com o computador mesmo, durante as aulas. Esse ano começou, assim... Na aula de religião o professor criou um blog, onde a gente tem que comentar de Deus. Sobre o que ele posta e tal. Isso ainda não tinha acontecido, sabe?

A preocupação da escola com a segurança dos adolescentes na internet vem atender uma demanda recorrente dos pais. Para tanto, a associação de pais e professores costuma convidar especialista e oferecer palestras para a discussão destes assuntos. A equipe de coordenadores pedagógicos em conversas semanais também costuma dialogar com os alunos sobre a segurança deles na rede de computadores. O que parece estar incomodando a aluna é a forma negativa como tem sido discutido este assunto, que se refere a algo tão presente na vida dos adolescentes.

### *Sobre a avaliação na escola*

A avaliação é um momento do processo pedagógico, que geralmente é alvo de muita ansiedade entre os estudantes. A maior parte dos alunos estuda em função deste momento e a relação instrumental que vimos entre os estudantes da escola privada, por exemplo – tão criticada pelos educadores – é fruto da valorização dos resultados de provas e testes pela escola. As impressões dos alunos a este respeito pode dizer muito sobre o ensino ministrado, bem como a respeito do estilo dos professores e da relação que se estabelece entre eles. Muitas disposições acadêmicas, tais como: poder de argumentação, capacidade para organizar e apresentar ideias, são enfatizadas quando se discute o processo de avaliação.

No *survey* (2009), 48,6% dos alunos desta escola apontaram que os professores frequentemente realizavam uma avaliação justa e 49,3% disseram que isso acontecia algumas vezes. Sete entre oito alunos entrevistados em 2011 disseram que a avaliação dos professores era justa. Apenas *Fábio* discordou frontalmente das avaliações feitas pelos professores e descreveu as provas de português e matemática como muito difíceis e diferentes dos exercícios propostos em aula. Perguntamos ao aluno como ele se preparava para estas avaliações:

**Entrevistadora1:** Como você estuda para a prova de português?

**Fábio:** Eu estudo pelas fichas que ela dá, ela dá bastante ficha. Aí eu fico... Tem muito conceito em português: oração subordinada substantiva objetiva direta. Aí você tem que decorar os conceitos. Tem que ler e depois treina os conceitos. Chega na hora da prova você erra tudo. Não. Não tenho dificuldade pra memorizar. Tenho dificuldade pra usar o conceito. Tem professor que faz prova muito difícil. Por exemplo... A prova de matemática é uma parada impossível, assim. Você sabe a matéria inteira... A professora de matemática bota as questões mais difíceis que existem. [...] ela tá dando função de 2º grau. No teste ela bota: Esboce o gráfico. Aí tem a equação, você tem fazer. Na prova é uma parada muito mais: Joãozinho foi até a loja, comprou um pedaço de madeira que formou um ângulo e aí caiu no chão, e formou... um ângulo [...].

**Entrevistadora1:** Todo mundo pensa assim? Então a prova é totalmente diferente dos exercícios, é isso?

**Fábio:** Dos exercícios é.

À época da entrevista havia muita polêmica entre os alunos sobre a prova de matemática em questão. A dificuldade de *Fábio* expressa um aspecto apontado pelos professores de forma recorrente: a dificuldade de interpretação das questões. Nas reuniões de pais e professores desta escola privada não foi diferente. Vimos que alguns pais (*Ítalo e Ângela*, por exemplo) também descrevem questões semelhantes, associando ao fato dos filhos não saberem estudar, ressaltando que a escola tampouco, consiga ser bem sucedida nesta tarefa. A mãe de *Fábio* (*Sílvia*) faz menção à dificuldade do menino em matemática como uma defasagem herdada da antiga escola, e atendeu o filho, que pediu aulas particulares nesta disciplina.

Além de *Fábio*, outros quatro alunos (*Thais, Carlos, Vicente e Rodrigo*), apesar de não considerarem, no geral, as avaliações injustas, levantam ressalvas importantes. *Thais* não acha coerente a pergunta feita pela professora de Literatura em uma avaliação e faz alegações a respeito do suposto preciosismo da professora.

**Entrevistadora1:** Quando você não concorda com alguma correção, você argumenta?

**Thais:** Sim. Depende. Porque tem horas que tá muito errado, mas... Tem uns [professores] que nem adianta porque, por exemplo, literatura tem que ser a resposta que ela quer e pronto. Por exemplo, uma pergunta: Você saberia dizer qual é o nome do cachorro de Odisseu [personagem do livro *A Odisseia*]? Não, sabe? Você tem que ler e gravar, e às vezes [...]. Tinha essa pergunta na prova de recuperação. Eu não fiquei em recuperação porque ela me deu ponto.

**Entrevistadora1:** Você sabia o nome do cachorro?

**Thais:** Não. [risos]

*Thais* foi entrevistada em casa e seus pais estavam presentes. Tivemos a oportunidade de conversar sobre esta avaliação de literatura. À época, os pais (*Ítalo e Ângela*) também discordavam do estilo da professora e apoiavam a

indignação de *Ingrid*. Os dados do *survey* (2009) nesta escola demonstram que 43% dos alunos discutem algumas vezes a avaliação realizada pelo professor e 33,8% o fazem na maioria das vezes.

*Ingrid, Olga e Amanda* se demonstraram satisfeitas com a avaliação dos professores. As meninas defenderam a perspectiva dos professores, *Amanda*, por exemplo, disse que a professora de história leva em conta todo o processo: a participação nas aulas, a execução das tarefas, etc. Assim como *Amanda*, *Olga* demonstra uma sintonia com uma fala própria da escola muito ressaltada pelos coordenadores pedagógicos e das suas mães (*Rita e Zilda*, respectivamente. As duas mães são professoras), que parece imputar a responsabilidade dos alunos no processo de aprendizagem.

**Entrevistadora1:** O professor é justo na avaliação? Na nota que ele te dá?

**Amanda:** Na correção? Ah, eu acho. Têm alguns professores que dão nota de participação. Por exemplo, a professora de história dá nota de participação: você esta participando das aulas, esta questionando, tá fazendo os deveres, você não conversa. Eu acho que isso também tem que avaliar, sabe? Porque se você só for avaliar a prova, também fica complicado. Porque aí a pessoa só estuda, tira um notão e não conta o desenvolvimento dela em sala, tem aula particular e...

**Entrevistadora1:** Como são as avaliações dos professores? As provas são justas?

**Olga:** Eu acho muito tranquilo, mesmo. Mas se for perguntar pra qualquer um, o pessoal vai achar difícil [...] você precisa prestar atenção na aula. Não adianta nada você ficar conversando e depois falar que o professor não ensinou aquilo. Outra coisa, o professor não te dá o ponto, você tem que conquistar o ponto. Se você tira uma nota boa, foi a sua conquista. Se a pessoa tira nota ruim, a pessoa fala: Ah, não... o professor é mau professor, não ensina direito, a prova estava muito difícil. É sempre assim. [...] Mas tem dia que eu acho difícil, aí eu até falo: Gente, não achei assim tão fácil, mas não estava impossível. A última prova de matemática, o pessoal achou difícilimo, falaram: não consegui fazer quase nada. Eu fui bem.

A análise destes depoimentos sobre a avaliação nos leva a pensar sobre as expectativas desajustadas entre alunos, pais e professores. Há disposições acadêmicas importantes envolvidas neste processo e que estruturam o *habitus* escolar. Entre os alunos da escola privada no que se refere à avaliação identificamos entre a maioria entrevistada: uma atitude crítica em relação ao processo avaliativo dos professores, uma disposição para o consumo de aulas particulares, além da autonomia e conformidade e certa flexibilidade para lidar com diferentes estilos de avaliação.

### *Sobre os professores*

Metade dos alunos entrevistados (*Amanda, Olga, Carlos e Ingrid*) afirma ter bom relacionamento com todos os professores. A principal razão do bom convívio e do apreço aos professores aparece associada ao aspecto interpessoal, os alunos apontam que os professores “são amigos”, “dão conselhos” e “conversam sobre outros assuntos”, além dos conteúdos propriamente escolares. A segunda razão para que se deem bem com os professores, também presente na maior parte das impressões dos alunos, é de cunho pedagógico: os professores “oferecem ajuda”, “estão disponíveis para explicar” e “falam sobre coisas do mundo”, durante as aulas.

**Entrevistadora1:** Como é o seu relacionamento com os professores? Resume pra mim.

**Olga:** É bom. Muito tranquilo. Eles... Eu gosto bastante dos professores daqui. Eles são... Tipo, eles dão conselhos também.

**Entrevistadora1:** Que tipo de conselho?

**Olga:** Eu estava fazendo a prova de desenho no trimestre passado, eu sempre sou a última a sair das provas. E eu vi que um aluno terminou a prova mal e tal, ele estava achando realmente que tinha ido mal. Aí o professor falou pra ele: Olha, vem aqui amanhã em tal horário que eu posso te dar uma aula. Eu te ajudo a entender a matéria, mas você tem que se dedicar. Sabe? O professor ajudou o aluno. Eu acho isso legal. O professor de desenho, ele tem um tempo vago entre manhã e tarde, aí ele dá essa aula. Normalmente é pros alunos da tarde, do 8º ano. Mas aí ele reservou esse dia e ajudou o garoto.

**Entrevistadora1:** Como que é esse relacionamento com eles?

**Carlos:** Têm alguns professores que nosso relacionamento é só tipo aluno e professor mesmo. A gente se dá bem, um não desgosta do outro, mas não é nada, não conversa... A professora de matemática, ela fala, conversa sobre coisas de matemática e sobre o mundo. A de literatura também e conversam tudo, qualquer assunto atual. A de geografia gosta de conversar sobre alguma coisa que aconteceu... Fica mais divertido.

Outros alunos (*Thais, Fábio, Rodrigo e Vicente*) destacam problemas que tiveram com alguns professores. *Thais, Fábio e Vicente* apontaram problemas com os professores relacionados ao estilo da aula e à forma de explicar determinado conteúdo. Nestas falas também podemos identificar certa inabilidade e frustração destes alunos em acompanhar as aulas ou dar conta do que é exigido pelos professores.

**Entrevistadora1:** Você já teve algum problema de relacionamento com os professores?

**Vicente:** Tive um problema num trabalho de história. Eu faltei às aulas e aí fiquei em recuperação e eu faltei as aulas sobre o trabalho, e eu tive um desentendimento com a professora, mas já passou. Não chegamos a brigar [...]. Discutimos sobre o assunto, só.

**Entrevistadora1:** Mas você conseguiu resolver? Quem te ajudou a resolver?

**Vicente:** Sim. Uma conversa com o grupo. Eu faltei às aulas do trabalho porque eu estava de recuperação. Eu estava faltando à escola pra poder estudar porque as provas eram à tarde.

O depoimento de *Thais*, especialmente, reforça uma disposição ao gosto literário e ao mesmo tempo, uma dificuldade para a abstração intelectual e apreensão livre, que se faz especialmente mais necessária em determinadas disciplinas, como a literatura, por exemplo. O estímulo à leitura de obras clássicas juvenis foi um aspecto ressaltado por seus pais (*Ítalo*, jornalista e *Ângela*, oficial da Marinha. Os dois são tradutores) quando entrevistados. Na síntese da aluna (Anexo 7), é citada a coleção literária que o pai guardou para ela e o irmão mais novo: *Hobin Hood*, *Moby Dick* e outros. O pai destacou o desinteresse dos filhos por estas obras. Na entrevista, vimos que as expectativas de leitura da aluna foram frustradas com o estilo empregado pela professora nas aulas de literatura.

**Entrevistadora1:** Qual professor você gosta menos? Por quê? [A aluna hesita].

**Entrevistadora1:** Pode falar.

**Thais:** Pode? Eu não gosto da professora de literatura, nem do de desenho. Porque ela é chata [risos]. Esse ano em literatura eu esperava bastante porque a gente ia ler uns livros bem legais: A Odisseia, por exemplo, Mil e Uma Noites, Dom Quixote e são livros muito bons. Aí a gente começou lendo Odisseia, só que não foi bom. O livro é legal só que ela deixou cansativo porque todo mundo ia mal nos testes e na prova, e eu só consegui ir bem na terceira avaliação que ela deu na mesma matéria.

**Entrevistadora1:** Por que ela deixa cansativo? O que ela faz exatamente?

**Thais:** Ah, ela diz uma coisa na aula... Normalmente a aula dela é toda falada, a gente não escreve muito no caderno e ela não dá exercício, então chega na hora da prova a gente não sabe o método que ela usa pra pedir as coisas, sabe? A gente não tem uma prática de exercício. É tipo, lê o texto e faz, entendeu?

**Entrevistadora1:** Fala mais um pouco sobre essa aula.

**Thais:** Escreve assim, tópico, mas não desenvolve durante a aula. Uma aula que é bastante falada é história, só que tem ajuda no quadro, entendeu? [...] [O professor de desenho] sei lá, ele é lento. [...]. Geometria é uma coisa muito legal. Eu até já tinha pensado em fazer arquitetura, mas eu fui perdendo o interesse. Ele explica a matéria, só que é uma coisa muito lenta, muito sem graça, não tem vida. Não dá vontade de estar lá naquela hora.

*Rodrigo* destaca um suposto modo grosseiro de falar das professoras de história e português. No comportamento deste aluno, assim como no dos outros três que se sentem incomodados com os professores, percebe-se certa falta de identificação com os conteúdos escolares e uma recusa quanto ao formato das aulas, deflagrando a desarmonia existente entre as expectativas dos adolescentes e o que a escola oferece. *Tal desarmonia seria fruto do pouco amadurecimento das*

*disposições acadêmicas valorizadas e subjetivamente concebidas como necessárias à aprendizagem escolar?*

**Entrevistadora1:** Como é o seu relacionamento com os professores?

**Rodrigo:** Alguns são bons e outros nem tanto. Bem, eu tenho uma boa relação com os professores de química, física e geografia. Mas eu acho que eu não tenho uma boa relação com a de história e nem a de português. Eu acho que elas falam de um modo muito, como vou falar... de um modo muito grosso com a gente, assim.... E aí eu não gosto delas por causa disso.

Sujeição às regras, flexibilidade, capacidade de argumentação e negociação com os professores – uma compreensão do que poderíamos denominar de requisitos acadêmicos subjetivos – foram identificados através do depoimento de outros alunos (*Olga, Amanda, Carlos e Ingrid*). Um destes requisitos refere-se à negociação entre alunos e professores. *Carlos* expôs como costuma, por exemplo, negociar com os professores a diminuição de tarefas em virtude de provas ou testes.

**Entrevistadora1:** Você ou seus colegas tem problema com algum professor?

**Carlos:** Não, ninguém reclama. Da minha turma pelo menos, ninguém reclama de um professor. [...]. Tem professor que a gente acha mais chato que outros....

**Entrevistadora1:** Quais professores você acha chato? Por quê?

**Carlos:** Acho que normalmente aqueles que passam muito dever. Meio puxado a matéria. Têm alguns professores que eles passam muito dever mesmo que tenha teste no dia do dever. Eles não se importam muito com as outras matérias, só com a matéria deles. Se a outra matéria já passou muito dever ou algum teste [...].

**Entrevistadora1:** Vocês negociam essas coisas com os professores?

**Carlos:** Hã, ham. A gente pede às vezes pra mudar o dia do teste porque vai ter um trabalho importante. Alguns mudam: história, desenho e português, literatura... A professora de literatura, ela costuma ser mais... A gente pode pedir pra mudar o dia do teste pra ter mais tempo pra ler, e ela aceita.

Pedimos que todos os alunos nos apontassem os problemas mais comuns que eles ou colegas costumavam ter com os professores. Foram indicados basicamente problemas de insubordinação e do que estamos denominando como baixo *gerir acadêmico*, que não os habilitam para um bom desempenho escolar.

**Entrevistadora1:** Quais são os problemas mais comuns que os alunos têm com os professores?

**Olga:** O pessoal reclama muito... Às vezes o professor dá uma folha, um apoio e o aluno fala que não recebeu. Aí o aluno começa... meio que desrespeita o professor, fala de uma forma rude, agressiva. A pessoa fala: Ah, você não me deu. Aumenta o tom de voz. O professor olha com cara feia, aí o aluno vai diminuindo o tom de voz, né? [...] A professora de matemática, por exemplo, ela explica a matéria de um modo dinâmico, zoa a gente também. Então os alunos a veem praticamente como uma colega, sabe? É a aula que o pessoal mais gosta. O pessoal que fica dormindo acorda e brincam com a professora.

**Entrevistadora1:** Tem alguma coisa que não te agradou?

**Fábio:** Tem. Eu não gosto da minha professora de história porque ela é muito chata. História sempre foi uma solução na minha vida, sabe? Eu sempre tirei nove em história. Hoje eu tiro tipo seis e meio, sete. Estou na média, mas é uma parada que... Eu gostava de história, sabe? Eu falava: Ah, amanhã tem prova de história. Era legal estudar história. Hoje em dia é muito chato... é uma coisa horrível. São slides e ela fica apresentando e explicando eles. Aí a gente fica copiando assim, sabe? E ela vai falando e você não consegue copiar tudo. E é muita matéria [...] ela comentou isso na aula, pode cair na prova [...] Ela falou uma aula disso e tem uma questão valendo meio ponto na prova.

Vale destacar uma sensação que permaneceu em nós ao final destas entrevistas: do quanto os professores precisam “ser interessantes” para estes alunos. Quando isso acontece, os alunos apresentam falas empolgadas e tendem até a minimizar as dificuldades ou desgostos que sintam em determinada disciplina.

Podemos observar, através de depoimentos das famílias e de algumas práticas pedagógicas (sistema de recuperação flexível e trimestral, conversas semanais, mediação de encontros entre alunos e professores, entre outras iniciativas) que este baixo gerir acadêmico dos alunos é administrado nesta escola privada, com a indicação de aulas de reforço na escola ou fora; com a repetição de avaliações, entre outras estratégias de orientação tácita de gerenciamento dos problemas dos *casos difíceis*. Identificamos, ainda, suporte ao trabalho dos professores, com apoio às decisões deles e uma atmosfera de respeito ao trabalho docente.

### 6.2.5

#### **O *habitus* escolar na instituição privada: a força do capital cultural e econômico**

Quando pedimos aos meninos e meninas que nos descrevessem seus comportamentos escolares se exteriorizaram a dinâmica de algumas aulas, da rotina doméstica e da convivência na escola. Entre estes comportamentos vieram à tona alguns “efeitos perversos” da atuação dos estudantes no intuito de “salvar as aparências”, como define Perrenoud (1995: 17). Tais atitudes são tomadas dentro de contextos e atividades das quais o aluno quer escapar, subterfúgios para dar conta de situações para as quais, muitas vezes, são necessárias *atitudes dissimuladas*. Estes tipos de comportamento, de sobrevivência solitária ou coletiva na escola, estruturam o comportamento acadêmico dos estudantes, definindo algumas vezes a relação entre pares e a própria relação com o saber. Alguns destes comportamentos e atitudes que identificamos não se encaixaram exatamente nas categorias propostas

neste capítulo e geralmente foram manifestas ao final das entrevistas ou em digressões dos alunos durante as conversas, mas que expressam comportamentos importantes para se livrar de obrigações ou situações embaraçosas, na tentativa de burlar o sistema e sem a assunção de uma postura agressiva.

Estas atitudes e comportamentos acadêmicos, que valem a pena destacar, na medida em que denotam uma forte disposição escolar, foram encontrados entre algumas alunas (*Ingrid, Olga, Amanda e Thais*) que apresentavam desempenho satisfatório e que demonstraram ao longo das entrevistas alto ou bom gerenciamento acadêmico.

**Entrevistadora1:** Quando acontece de ter muitas atividades da escola, você falta o curso de inglês?

**Ingrid:** Falto. Mas... É. Eu falto mais por causa do teste. Uma vez tinha um trabalho de literatura gigante que eu fiquei até às 16:00h na escola fazendo. Acabei umas 17:00h, mas eu falto também por causa de prova. Teste, eu estudo um dia antes, que dá. Prova, eu estudo uma semana antes muitas vezes

**Entrevistadora2:** O que houve com educação física?

**Amanda:** Pois é, é que eu não faço aula de educação física. Às vezes eu estou a fim de fazer [...] porque é no primeiro tempo. Então, assim, ainda esta todo mundo meio... Eu sou muito chegada a dormir, então, eu sempre fico morrendo de sono na aula. Eu não tenho muita vontade de fazer, sabe? Mas agora o professor falou assim: Ah, já que vocês não fazem a aula, vamos ter uma conversa [...]. A gente ficou conversando sobre educação física, mas a gente conversa e tal, e ele é um professor muito legal.

Através dos insumos das entrevistas dos alunos, pudemos dar contorno aos indícios produzidos pelo *survey* SOCED realizado no ano de 2009 a respeito do comportamento, clima disciplinar e rotinas escolares. Identificamos alguns perfis estudantis na escola privada, que apresentaram níveis diferentes de amadurecimento e vigor acadêmicos. Entre estes perfis estudantis, disposições e habilidades escolares mais ou menos ajustadas, como o perfil do aluno dá conta do recado, conseguindo gerenciar a agenda, sem comprometer atividades extraescolares e o lazer, como foi o caso de *Amanda, Carlos, Olga e Ingrid*. Há outro perfil característico de alunos que apresentaram dificuldades para gerenciar os compromissos escolares (*Vicente, Thais e Fábio*), apresentando atitudes que pareciam depender em diferente medida da relação com seus pares e dos professores: receios em vista do clima acadêmico; sentir-se ou não à vontade para fazer perguntas, etc. Há, ainda, a identificação de um perfil do estudante que apresenta baixo desempenho, assumindo uma postura desinteressada e *blasé*, como é o caso do *Rodrigo*.

Ao inventariar as disposições estudantis na escola privada vimos surgir habilidades, desembaraços, domínios, predisposições e tendências que encontram correspondência (*homologias*) entre as esferas de ação da escola e das famílias. Uma postura conservadora, de esforço e dedicação, com valorização do investimento familiar é perceptível nas impressões e disposições apresentadas por *Thais* (filha de *Ítalo*) e *Olga* (filha de *Zilda*). As meninas, cujos pais têm carreiras ligadas à educação (*Ítalo* é jornalista e tradutor e *Zilda* é professora e diretora de uma creche) tem uma atitude de valorização dos professores, com ações esforçadas. As alunas pareciam se sentir mais ou menos ajustadas ao ofício<sup>68</sup> de estudantes.

Por outro lado, uma espécie de liberdade vigiada, na qual prevalece o sentimento de ambivalência e conflito na atuação familiar, na medida em que os pais se situam entre uma lógica do incitamento ao esforço, respeito à individualidade e escolha dos filhos, foi inteligível nos casos de *Ingrid* (filha de *Gustavo*), *Amanda* (filha de *Rita*) e *Carlos* (filho de *Nádia*). Estes alunos, filhos de profissionais “intelectuais” (engenheiro e pesquisador; antropóloga e professora; jornalista e editora de um jornal, respectivamente) parecem expostos a um ambiente familiar de encorajamento à experimentação e de valorização à independência. Estes alunos também se sentem ajustados e não apresentam maiores problemas de desempenho.

Uma atmosfera de liberdade, prazer e felicidade pode ser reconhecida nas atitudes e comportamentos de três meninos: *Rodrigo*, *Fabio* e *Vicente*. A atitude indiferente destes alunos em relação a alguns aspectos escolares apresentava uma crítica à educação escolar e a atuação de alguns professores. Percebemos, no entanto, que algumas questões escolares, relação abalada com alguns professores e principalmente dificuldades na organização da vida acadêmica, aliadas às disposições escolares descritas, prejudicavam o desempenho dos meninos. Um deles, *Rodrigo* (filho de *Lígia*) não demonstrou qualquer angústia ou inquietação com o baixo desempenho escolar. As mães dos meninos possuem carreiras autônomas: *Sílvia* é advogada e juíza; *Lígia* é nutricionista e consultora e *Célia*, advogada e procuradora pública. Nos depoimentos destas mães há uma certeza implícita da perpetuação da posição familiar (financeira e cultural), com abertura

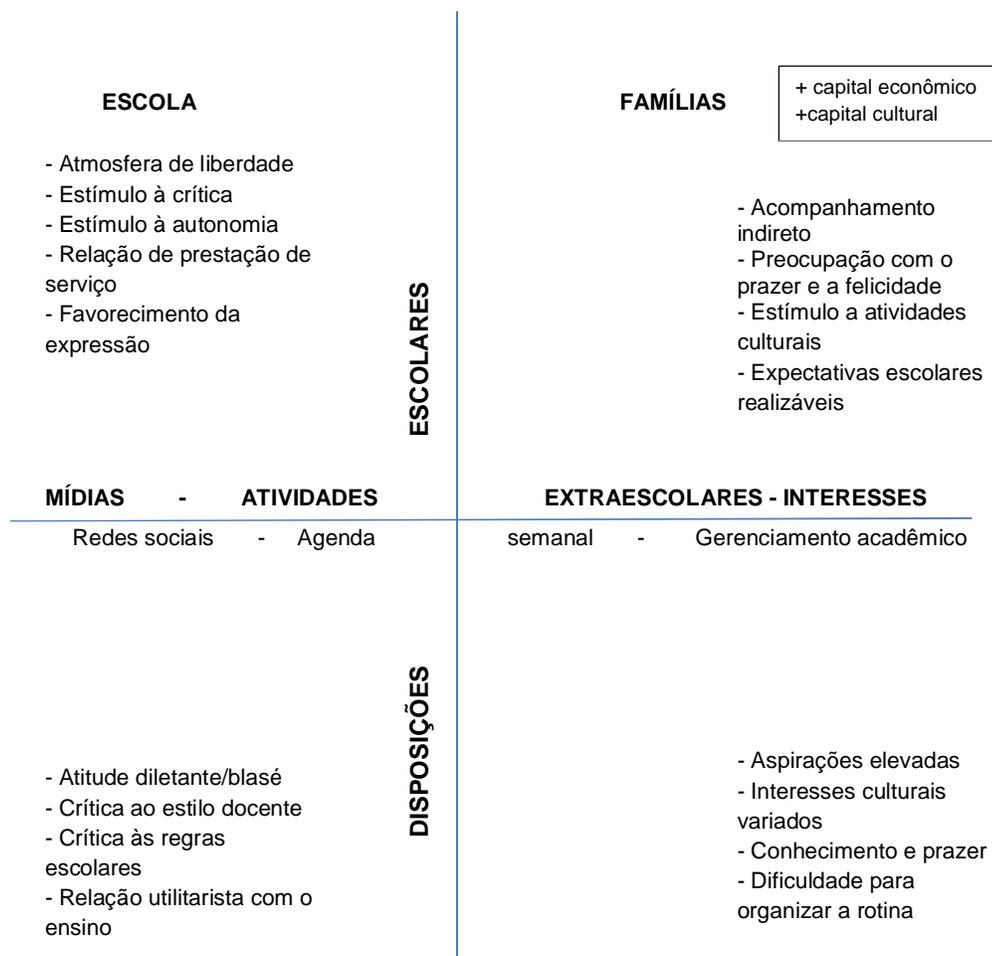
---

<sup>68</sup> No sentido proposto por Perrenoud (2005: 15), como um “gênero de trabalho, determinado, reconhecido ou tolerado pela sociedade”, na qual ser estudante converte-se em um *ofício sui generis*.

as profissões não tradicionais e a crença de que o futuro dos filhos atenderá aos interesses e investimentos da família.

Fizemos um esquema sobre a dinâmica das disposições acadêmicas que investigamos (Figura 3) na tentativa de sintetizar as influências da escola privada, com base nas singularidades institucionais e das famílias, caracterizadas pelo alto capital cultural e alto capital econômico, bem como de outras instâncias de socialização, mídia e atividades extraescolares.

**Figura 3: Disposições escolares – escola privada**



Nas rotinas escolares e domésticas, estes estudantes experimentam e são desafiados à autonomia e responsabilidade, desde a chegada à escola, na qual podendo entrar atrasados, são acolhidos e incitados à *valorização da presença*, com reconhecidas escassas chances de punição. No estudo diário e durante outras

atividades em casa, uma rotina pouco vigiada, com auto gerência das tarefas escolares e a convivência com distrações (atividades no computador, uso da televisão e internet), que se convergem em uma espécie de luta subjetiva, conforme alguns alunos enfatizaram. As relações estabelecidas com as mídias são estruturadas sob uma atenção difusa. O fenômeno chamado de “fusões multimídia” (Canclini, 2008) está associado a perfis multitarefa apresentados pelos estudantes, que interagem em diferentes meios digitais, enquanto leem e produzem escritas diversas (escolares ou não) e que apontam a existência de “fusões conceituais e operacionais” (Fernandez, 2009: 55). Algumas alunas (*Olga e Ingrid*) indicaram experimentar um uso diferenciado, produzindo conhecimento e autoria através do uso destas mídias e que nestes casos parece não prejudicar o desempenho escolar.

Nas atividades extraescolares, identificamos uma geração que mantém uma relação de consumo também no que diz respeito aos assuntos escolares. Quando enfrentam dificuldades em alguma disciplina, os alunos acionam, sem qualquer ou diante do mínimo esforço, as aulas particulares. Os adolescentes constroem a própria agenda de atividades extraescolares e apresentam interesses culturais, artísticos e esportivos diversificados. As famílias, por sua vez, parecem sempre dispostas a apoiar estes pedidos.

As dificuldades cotidianas na escola, dias puxados e aulas difíceis são caracterizadas pela dificuldade de permanência extensiva na sala de aula e no lidar com um volume amplo de conteúdos disciplinares. Nos finais de semana, há lazer e frequência a atividades culturais entre todos os alunos. Mesmo aqueles alunos com perfil de engajamento acadêmico mais elevado estudam somente em véspera de prova ou quando existem tarefas pendentes para a segunda-feira.

O comportamento acadêmico na sala de aula encontra referência nas influências familiares, contexto em que predomina uma atitude diletante em relação ao conhecimento e ao saber escolar. Há atitudes fugidias em relação aos deveres recomendados para serem feitos em sala de aula. Podemos perceber que as posturas de indiferença, que predominam o comportamento dos alunos nesta escola tem reflexo na maneira como acatam os pedidos dos professores e as obrigações escolares. No entanto, algumas ações, como fazer perguntas parecem alteradas pelas relações entre pares e interações com os professores. A pressão e o agir do grupo são influentes para a maioria dos alunos da escola privada. De forma semelhante, os lugares de se sentar na sala são alterados em virtude da interação com os colegas.

Também é relatado que a mudança de lugar ocorre na ocasião de aulas de disciplinas consideradas mais difíceis ou em caso de precisar melhorar as notas. A relação utilitarista com o ensino permeia uma série de atitudes e habilidades, assim como nos estilos diferentes de anotação, nos quais há variação no poder de síntese e foco, entre anotar somente o que o professor escreve e estar atento ao que o professor diz, a depender da importância dada à disciplina.

Uma boa relação com a leitura parece desenvolvida entre os alunos. A presença de uma excelente biblioteca na escola e de um programa de estímulo, voltado para “uma leitura de lazer” e que acontece desde os anos iniciais do ensino fundamental encontra apoio em contextos familiares com atmosfera literária: pais leitores e grande acervo de livros nas residências.

Entre as expectativas de futuro para o ensino médio encontra-se uma tímida preocupação com o vestibular e a vontade de permanência na mesma escola para a maioria dos alunos, além do desejo de alguns a se arriscar em um novo convívio. A exceção de uma aluna (*Thais*), que parece mais disposta a mudar de escola, encontra nos pais estímulo para o ingresso no ensino público federal, o que pareceu em parte ser movido por um problema de relacionamento na escola e pelo aspecto financeiro. Nas impressões dos alunos sobre o futuro podem ser percebidas muitas semelhanças com os valores e expectativas familiares, predominando a espera, o respeito ao ritmo, ao tempo e à personalidade dos estudantes.

Os alunos conseguiram associar o desempenho em algumas disciplinas às escolhas profissionais futuras. No entanto, os estudantes enfatizaram que até o ensino superior, “ainda há muito tempo para se pensar”. A presença de uma atitude tranquila nas expectativas de futuro e a certeza de concretização é permeada por aspirações elevadas, como estudar no exterior, e pelo interesse em profissões pouco tradicionais: gastronomia, moda, cinema.

Quando investigamos as impressões sobre a vida escolar, há entre os alunos o reconhecimento de diferentes níveis de dedicação. A avaliação a respeito do próprio desempenho foi diferenciada, assim como a necessidade de mudança, constantemente relativizada em virtude de outros interesses, como as conversas na escola e sair sempre aos fins de semana. Meninos e meninas reconhecem que não é preciso grande alteração de conduta para se sair bem na escola. Quando avaliam a própria escola, houve reconhecimento unânime entre os alunos entrevistados do bom clima e da dedicação dos coordenadores e professores. Os alunos valorizam a

atmosfera de liberdade e assim como seus pais, se identificam com o perfil institucional da escola e com os colegas, que são caracterizados como, interessantes, informados e preocupados com questões sociais.

Nas impressões sobre as regras escolares, o reconhecimento da não punição e uma vontade explícita de mudar as regras, principalmente em relação ao uso do uniforme. Como sabem que não serão impedidos de entrar na escola e de que é permitido não portar uniforme no ensino médio, os alunos consideram tal regra desnecessária. As opiniões sobre a avaliação na escola se dividem, mas observa-se que a maior insatisfação ocorre entre os alunos que apresentam menor desempenho (*Fábio, Rodrigo e Vicente*). Coincidentemente os pais destes alunos (*Sílvia, Lígia e Célia*) também podem ser caracterizados como aqueles que menos valorizam rendimentos escolares representados pelas notas, reconhecendo nos filhos disposições intelectuais consideradas importantes, tais como o gosto pela leitura, o interesse por assuntos diversos e o senso crítico apurado.

Há, no entanto, características comuns a todas as famílias desta escola privada, que podem ser concebidas enquanto disposições escolares constituintes do *habitus* escolar no contexto investigado. Existe uma valorização da individualidade dos alunos e um apreço pela liberdade (crítica e de pensamento) que aparece como uma diferenciação marcante entre educação e ensino. Entre estas famílias, ampliadas perspectivas sobre a escolarização dos filhos e a exigência de uma formação não voltada somente para os conteúdos. Tais perspectivas dos pais vão ao encontro da identidade institucional da escola privada e da maneira como os alunos vivem a escolaridade, tendo em mente que não precisam agir certo o tempo todo.

Neste sentido, observamos uma relação instrumental dos alunos com os saberes escolares. Uma mensagem implícita destes alunos pode ser lida como: não preciso tanto disso para a minha vida! No esquema apresentado há considerável variação de graus no que se refere às disposições escolares que elencamos. As disposições acadêmicas são alteradas dentro de diferentes limites de influências familiares e escolares na construção do *habitus* escolar. Apesar dos indícios encontrados, as questões permanecem: *O que é disposição aprendida na escola? O que é disposição aprendida na família?* Foi possível destacar as “disposições mais profundas” (Bourdieu, 2007b: 179) do *habitus* destes alunos no que se refere à experiência escolar? De certo, isso não foi possível, mas aproximamo-nos destas disposições

utilizando “o efeito das homologias” (*idem ibidem*: 218) como instrumento para identificar as semelhanças ou atitudes reflexas em campos distintos, mas essencialmente imbricados, como a família e a escola. Neste efeito, as famílias investigadas parecem influenciar fortemente a forma de atuação da escola privada. A escola, por sua vez, permanece em luta (mas ao mesmo tempo, a serviço) na valorização de aspectos que se encontram mais ou menos ajustados aos valores familiares e às formas contemporâneas destes alunos vivenciarem a escolarização.

### **6.3** **As entrevistas com os alunos da escola pública**

Como descrito no capítulo 4, entrevistamos meninos e meninas cujos pais se voluntariaram durante as reuniões na escola. Na escola pública, diante de algumas recusas destes pais<sup>69</sup> e em busca de obter um número equivalente de entrevistados nas duas escolas (pública e privada), obtivemos indicações provenientes das mães já entrevistadas, o que causou um efeito de seleção de famílias mais engajadas na educação dos filhos e de alunos com bom desempenho e comportamento. Ainda assim, a escolha baseada no critério de que os pais frequentassem as reuniões escolares permaneceu.

Em vista deste da tendência que se estabeleceu, buscamos obter indícios das rotinas de outros estudantes, através da descrição de hábitos e valores que os alunos entrevistados identificassem entre os colegas. Assim, pudemos caracterizar parte da orientação pedagógica desta escola e das disposições escolares (rotinas e valores) que estruturam os *habitus* dos alunos atendidos pela instituição pública.

#### **6.3.1** **Rotinas**

##### ***Chegada à escola***

A entrada entre os meninos e meninas da escola pública apresenta indícios de ocorrer sem contratempos. Todos os alunos entrevistados (*Otávio, Bianca, Sabrina, Nicolas, Gabriel, Rafaela, Laila e Clarisse*) dizem chegar na hora da escola, sempre entrando no primeiro tempo. O comportamento é observado

---

<sup>69</sup> Aconteceu de uma mãe marcar encontro conosco e não comparecer e de outras tentativas de entrevistas, que foram recusadas.

mesmo entre os alunos que moram em bairros um pouco mais distantes da escola, como é o caso de *Otávio*, que precisa pegar dois ônibus diariamente:

**Entrevistadora1:** Você entra na hora certa na escola?

**Otávio:** Um, hum.

**Entrevistadora1:** Você nunca chega atrasado?

**Otávio:** Não.

**Entrevistadora1:** Você mora aqui em Botafogo?

**Otávio:** Não. Eu moro em Santa Tereza.

**Entrevistadora1:** Você pega um ônibus só? E chega na hora na escola?

**Otávio:** Não. Dois. Um, hum.

*Laila* chega mesmo antes do sinal bater, pois vai de ônibus escolar. No entanto, quando perguntamos sobre as rotinas dos colegas, outra aluna (*Sabrina*) disse ser comum alguns colegas chegarem atrasados. Quando isso acontece na escola, é preciso esperar pelo segundo tempo de aula.

**Laila:** Eu entro umas 6:50h porque eu venho de ônibus escolar, aí a minha mãe paga [...]. Aí eu entro umas 6:30h, 6:50h, por aí.

**Entrevistadora1:** Então você chega antes do horário?

**Laila:** É, mais ou menos. Aí fico esperando bater o sinal.

**Entrevistadora1:** Você sempre entra na primeira aula?

**Sabrina:** Um, hum. Sempre.

**Entrevistadora2:** Nessa primeira aula tem sempre muitos alunos ou a maioria chega sempre atrasada?

**Sabrina:** Têm alguns alunos que sempre chegam atrasados, aí perde o primeiro tempo, aí só volta no segundo.

Na escola pública, os alunos usam uma ‘carteirinha’ para marcar as faltas e atrasos, esta deve ser sempre assinada pelos pais. Notamos que esta carteirinha estava caindo em desuso pelos alunos e que não eram muito cobrados pelos funcionários de apoio que os recebiam na escola. À época, estava sendo implantada a computação da frequência via *RioCard* (passe livre dos estudantes). Os alunos precisavam se dirigir a uma máquina, situada no térreo da escola para validar a presença. Além da ferramenta eletrônica de controle, o local de entrada nesta escola funciona como o gabinete da direção, com um acesso aberto para a sala dos professores. A chegada dos alunos, desta forma, é monitorada pela diretora, coordenador pedagógico e professores, que costumam conhecer os cerca os alunos pelo nome e chamar atenção de alguns publicamente. A reação dos alunos com esta atitude dos professores é tranquila, não observamos discussões no período em que permanecemos na escola.

### *Tarefas, estudo diário e outras atividades em casa*

A descrição das atividades semanais dos alunos entrevistados sugere uma rotina conservadora, com pouco (e em alguns casos, nenhum) tempo dedicado ao lazer ou a atividades extraescolares. Com exceção de *Nicolas*, os outros alunos entrevistados disseram estudar diariamente em casa, mesmo quando não havia tarefas recomendadas pelos professores. A possível causa deste resultado pode estar associada ao fato de cinco dos alunos (*Otávio, Bianca, Rafaela, Laila e Clarisse*) estarem fazendo cursos preparatórios para as provas de ingresso às escolas do ensino médio. No entanto, cabe destacar que os resultados do *survey* (2009) indicam que o tempo diário de estudo dos alunos nesta escola é alto<sup>70</sup>, sendo ligeiramente superior aos valores encontrados na escola privada em períodos de dedicação mais longos.

**Entrevistadora1:** Quando você chega em casa, o que você faz?

**Otávio:** Eu tomo banho, janto, aí eu faço os deveres da escola quando tem e vou dormir.

**Clarisse:** Esse ano eu faço tudo mais corrido porque eu estou fazendo um curso pra passar nos concursos públicos, né? Aí, eu acordo umas 6:20h. Venho pra escola de ônibus. Eu saio daqui às 11:50h, chego em casa meio-dia. Rapidinho. [...] Logo depois eu tenho que sair pra ir ao curso, aí eu só volto 9:00h da noite.

**Bianca:** Eu acordo cedo, aí eu vou pra escola, aí eu estudo. Às vezes no tempo vago eu paro pra estudar, não fico muito com o pessoal. Chego em casa, eu estudo um pouco, depois eu vou pro curso. Fico até às 8:30h da noite no curso, estudando. Chego em casa, janto, tomo banho e depois estudo de novo. [...] Muito puxado. Mas tá chegando no final, já. As provas estão chegando.

*Nicolas*, que apesar de dizer não estudar todos os dias em casa, nos descreve um comportamento assíduo e focado nas aulas. Segundo ele, esta prática o libera de estudar diariamente, salvo em épocas de avaliação.

**Entrevistadora1:** Você estuda todo dia?

**Nicolas:** Não. Estudar [...] eu não estudo todos os dias. Eu sou mais de fazer a seguinte coisa: Quando estou na aula, eu só mais de prestar atenção e assim, eu não fico estudando, estudando. Quando tem uma prova ou um teste, então um dia, dois dias antes eu faço uma revisão.

**Entrevistadora1:** Você não tem dever todo dia pra fazer?

**Nicolas:** Não. Não têm tarefas todos os dias, não.

**Entrevistadora1:** Você sabe me dizer quanto tempo você passa estudando?

<sup>70</sup> De acordo com o *survey* (2009), 32,4% dos alunos apontaram estudar por até uma hora diariamente, 33,3% apontaram estudar de uma a duas horas, 13% disseram estudar entre duas a três horas, 8,3% de três a quatro horas e 11,1% disseram estudar mais de quatro horas por dia em casa.

**Nicolas:** Bom... dever de casa eu fico o tempo que for necessário pra eu conseguir fazer o dever. Se o dever for fácil, acabo rapidamente. Se o dever for difícil, eu fico ali procurando, persistindo pra fazer o dever. E em relação a estudar, como eu já falei, eu só dou uma lida. É rápido, coisa de, às vezes, seis minutos eu já li e já sei a matéria.

Nos depoimentos de pelo menos três alunos (*Nicolas Sabrina e Bianca*), podemos identificar uma disposição diligente para com os estudos. Os estudantes descrevem movimentos de busca, averiguação e pesquisa, quando “há um tempo vago na escola”, “o dever esta difícil” ou quando “têm alguma dúvida”.

**Entrevistadora1:** Qual é a primeira coisa que você faz quando você chega em casa da escola?

**Sabrina:** Eu tomo banho e almoço. Aí depois, um tempinho assim, eu descanso e... estudo umas duas horas, por aí. Aí eu como alguma coisa e fico vendo televisão. Quando eu tenho muita dúvida, eu estudo de novo, mas depois que eu vejo que esta bem assim, eu vejo televisão.

Em virtude da descrição de rotinas “puxadas” de estudo e da aparente ausência de atividades de lazer, perguntamos aos alunos o que faziam diariamente para relaxar. Entre as meninas, assistir televisão aparece como a distração mais cotada. Elas costumam assistir novelas, programas de variedades e musicais.

**Entrevistadora1:** Como é a sua rotina quando você volta do curso?

**Clarisse:** Eu janto. Aí eu vejo um pouquinho da novela [risos]. Dou uma descansada, né? Aí eu pego, vejo se tem alguma coisa da escola pra fazer e dou uma olhadinha na matéria, vou dormir.

**Entrevistadora1:** O que você faz quando chega em casa?

**Rafaela:** Tomo banho, vejo um pouco de TV, como e depois eu estudo...de 19:30h até 21:00h e pouco, 22:00h.

**Entrevistadora1:** O que você gosta de ver na TV?

**Rafaela:** Novela, às vezes. Agora eu não estou vendo tanto. Vejo mais programas, assim, *Novos Talentos*.

**Laila:** É muita coisa pra fazer. Tem o curso, tem a escola, meio que atrapalha [referindo-se a fazer algo para se distrair [...]]. Aí eu fico vendo o programa que passa toda tarde, que fala sobre música, música pop e tal. Aí eu vejo e quando acaba eu ponho música, alguma coisa assim, pra eu escutar e fazer o dever.

Para os meninos (*Nicolas, Otavio e Gabriel*), a melhor atividade para o relaxamento é jogar videogame. Eles dizem que esta é uma atividade sob controle, a qual dedicam no máximo duas horas por dia.

**Entrevistadora1:** Você joga muito videogame? Quanto tempo você fica no videogame?

**Gabriel:** Umás duas horas quando não tem nada pra fazer. Quando tem dever, alguma coisa assim, eu fico... Às vezes nem jogo.

**Entrevistadora1:** Você consegue controlar o seu tempo no videogame?

**Gabriel:** Eu consigo. [...]. Quando eu volto do atletismo, eu descanso uns trinta e minutos e faço os deveres. Quando tem prova pra estudar, às vezes, eu nem vou para o atletismo, fico estudando porque as provas são pesadas. Primeiro eu sempre faço os deveres, depois quando não tem nada para fazer eu jogo. Eu jogo mais ou menos das 7:00h às 9:00h da noite, que é a hora que a novela começa e minha mãe vê.

A maioria dos meninos e meninas da escola pública diz estudar no lugar da casa onde houver mais silêncio. A exceção é *Laila*, que diz conseguir estudar bem ouvindo música.

**Laila:** É. Eu só consigo me concentrar escutando música. Se tiver tudo quieto assim, eu não consigo. Eu fico olhando de um lado pro outro sem fazer nada.

**Entrevistadora1:** E você estuda aonde na sua casa?

**Laila:** Na sala, na mesa. Às vezes na cama, sentada.

Como entre os alunos da escola privada, os estudantes estudam ora na mesa/escrivaninha, ora na cama.

**Entrevistadora1:** E você estuda aonde na sua casa? Descreve o lugar onde você estuda.

**Nicolas:** No meu quarto, que é um lugar calmo. Tem uma estante... uma escrivaninha, computador [...]. Eu estudo sempre no quarto [...] ali na cama mesmo, lendo o livro. Esses dois lugares que eu mais uso pra estudar.

**Entrevistadora1:** Como é o seu estudo em casa? Onde e como você estuda?

**Bianca:** Eu estudo na minha sala. Tem uma mesa, tem uma janela grande que bate muita luz e eu estudo lá, fico lá sentada, confortável. No meu quarto eu estudo às vezes, só algumas vezes, antes de ir pro curso [...].

Nem todos os alunos parecem ter um espaço só seu ou apenas destinado ao estudo. Chama atenção, a concentração e disciplina que estes meninos e meninas desenvolveram, em parte, em virtude da disponibilidade de espaço das casas e da necessidade de dividir este espaço com as famílias. Também observamos comportamentos e estratégias familiares (dos pais e dos próprios alunos) de suporte ao tempo de estudo doméstico.

**Entrevistadora1:** E como você estuda em casa? Fale sobre o lugar onde você estuda.

**Otavio:** Onde tiver mais silêncio. Mas, estudo mais na cozinha porque tem uma mesa, eu sento lá, lá eu faço meus trabalhos. Só quando esta com visita, aí eu vou e me tranco dentro do quarto, porque senão tira a minha concentração, presto atenção na conversa. Aí não dá.

**Entrevistadora1:** Mas a televisão esta ligada enquanto você estuda?

**Sabrina:** Não. Sempre na hora que eu vou estudar é na hora que minha mãe e meu irmão vão dormir de tarde. Porque eles sempre dormem.

**Entrevistadora1:** Em casa, onde você estuda?

**Rafaela:** Às vezes no quarto, na sala ou na sala de jantar.

**Entrevistadora1:** E como é? Você estuda no meio da família? Tem barulho?

**Rafaela:** Às vezes tem. [...]. Eu me importo. Mas às vezes, né? Eu não estudo assim, sempre no quarto. Fico mudando. Às vezes a minha avó tá vendo TV, aí eu vou pro quarto.

**Entrevistadora1:** É difícil estudar em casa ou você consegue? É tranquilo?

**Rafaela:** Às vezes. Não. Às vezes peço: Dá licença aí que eu...

**Entrevistadora1:** Em casa, aonde que você estuda? Como é o seu local de estudo?

**Clarisse:** É no meu quarto. Eu prefiro estudar na cama que dá pra espalhar melhor. Também, eu estudo na mesinha do computador, mas é muito pequenininho lá, aí não dá pra botar muita coisa. [...].

**Entrevistadora2:** Tem um quarto só pra você?

**Clarisse:** Tenho. É pequenininho, que foi dividido com a sala.

Pelo menos quatro alunos apresentaram flexibilidade para contornar dificuldades de espaço ou de barulho em casa na hora do estudo. Vimos que os pais de *Clarisse* (o pai é porteiro e a mãe, *Paula*, diarista), apesar da pouca escolarização, reconhecem a importância na rotina de estudos e dividiram a sala com uma grande estante para que a menina tivesse um espaço só pra ela.

### ***As atividades extraescolares***

Conforme podemos visualizar no Quadro 56, somente três alunos faziam atividades extraescolares (*Gabriel*, *Nicolas* e *Sabrina*), voltadas para a prática de esportes ou língua estrangeira, por exemplo. Merece elucidação o sentido da prática esportiva para os irmãos *Gabriel* e *Nicolas* que começaram a fazer o atletismo (e antes o futebol) por insistência da mãe (*Tereza*, 42 anos, enfermeira), que dizia que os meninos não poderiam ficar sem atividade física. O treino diário dos meninos, praticado gratuitamente em um clube tradicional da cidade, só é suspenso quando tem um teste ou prova importante, como aconteceu no quarto ano do ensino fundamental, considerado também “um ano de concurso”.

**Entrevistadora1:** Quantas horas você treina por dia?

**Nicolas:** O atletismo é meio complicado falar quantas horas porque ele começa 13:20h, 13:30h e têm treinos que demoram muito. Têm treinos longos e têm treinos curtos. Têm dias que o treino é mais leve. Então, não tem um horário. Às vezes acaba mais cedo.

**Gabriel:** Eu pego o metrô [...] pra ter tempo... Eu até chego atrasado, às vezes 13:30h, porque não dá tempo. A gente tem que comer rápido, descer muito rápido... Primeiro é assim, eu nem queria fazer atletismo, eu queria fazer natação. No Maracanã, natação é muito difícil, tem que esperar uns dois meses pra entrar. A minha mãe falou assim: Você não vai ficar sem fazer esporte [...] a minha mãe viu uns atletas correndo, aí a gente foi a São Januário pra saber do Vasco. Eles falaram que tinha atletismo aí eu entrei.

**Entrevistadora2:** Por que vocês não podem ficar sem fazer esporte?

**Gabriel:** Ela não quer que a gente fique doente, essas coisas. E também, eu sempre gostei de esporte, sempre joguei futebol. Aí eu parei, fiquei o maior tempão parado. Aí ela [a mãe] chegou assim: Não pode ficar sem fazer esporte. A gente gosta de correr, a gente gosta de fazer esporte. Só que quando a gente parou de fazer futebol, era ano de concurso, que era a quarta série. A gente parou tudo. Vocês vão ficar sem fazer nada...

Podemos sustentar que as disposições envolvidas na prática da atividade esportiva para estes meninos funcionam como um reforço ao clima de disciplina e foco que vivem na esfera escolar. Acrescido a isso, *Nicolas* e *Gabriel* frequentam um curso de preparação ao primeiro emprego, segundo a mãe, por iniciativa deles.

**Nicolas:** [...] as quartas eu não vou pro atletismo porque eu faço um curso, um curso profissionalizante, de 16:00h às 18:00h. É um curso que encaminha para as empresas. É patrocinado pelo Comitê Olímpico Brasileiro e ele treina jovens em várias áreas: administração, marketing, recursos humanos, contabilidade [...]. A gente tem todas essas aulas. Tem um professor... É uma aula normal e são vários módulos [...].

O curso preparatório, frequentado de três a cinco vezes por semana (Quadro 56) é causa do cansaço aparente entre cinco dos oito estudantes entrevistados (*Otávio*, *Bianca*, *Rafaela*, *Laila* e *Clarisse*). *Bianca*, *Otávio* e *Clarisse*, por exemplo, frequentam o curso preparatório diariamente e costumam ter aulas das 14:00h - 15:00h, até 20:00h - 20:30h. Perguntamos aos alunos como eram as aulas do curso, e concluímos que se assemelhavam a aulas de reforço coletivas. Os alunos costumavam revisar conteúdos, principalmente de matemática e português, que são ensinados desde o início do ensino fundamental, além de realizarem provas e simulados de concursos passados. Apesar do esforço, os alunos dizem gostar do curso preparatório<sup>71</sup> e dos professores de lá, *Otávio* chegou a dizer preferir o curso à escola.

<sup>71</sup> Durante o período de observação e entrevistas com alunos e pais, identificamos três destes cursos, localizados próximos à escola e que já se dedicavam a alguns anos a preparar alunos do ensino fundamental para os concursos.

**Entrevistadora1:** Como é o curso? Como são as aulas? É parecido aqui com a escola?

**Otávio:** Não. É diferente porque lá eles incentivam a gente a estudar. Lá ele dá a visão dos próximos anos, o que a gente vai enfrentar. Eles falam assim: O que a gente tem que agir na hora da prova. O que a gente tem que fazer pra poder passar.

**Entrevistadora1:** Como é frequentar a escola e depois ir ao curso?

**Otávio:** É cansativo. Eu me sinto cansado, mas é bom. [risos] Gosto mais do curso. Porque lá os professores conversam com a gente. Eles perguntam o que esta acontecendo com a gente. Falam: Qual é o seu problema? O que você não esta entendendo? E incentivam a gente a estudar. Aqui na escola os professores não conversam. Alguns professores dão a matéria e pronto, dão a prova [...]. Alguns nem perguntam: Entendeu?

**Entrevistadora1:** Como é o teu curso? Fala pra mim.

**Bianca:** É um curso preparatório pra fazer prova pro Pedro II, PH... É muito boa a aula lá. Eles brincam, só que brincam dando a matéria pra gente entender melhor. Matemática e português, redação também. Matemática é todo dia, segunda-feira é coletânea, eles pegam todas as provas que já deram, aí eles dão uma apostila pra gente com todas as provas [...]. Terça-feira eles dão aula de redação e quarta é gramática, mas eles pegam desde a quinta série até agora.

Além do curso preparatório, quatro meninas (*Laila, Rafaela, Bianca e Clarisse*) estavam, à época, frequentando um curso aos sábados promovido por uma escola privada de reconhecida qualidade, também localizada na zona sul da cidade. A escola privada procurou a direção da escola, que por sua vez, indicou estas alunas para fazer uma prova de admissão para frequentar as aulas preparatórias que estavam promovendo<sup>72</sup>. O tempo dedicado a estas atividades tem influência nas tarefas recomendadas pela escola pública, indicando a importância que os alunos passaram a dar ao curso preparatório. Destacam-se maneiras diferentes de gerenciamento desta situação entre as alunas.

**Entrevistadora1:** Você falou que às vezes você fica sem fazer o dever da escola. Quando isso acontece? Como é?

**Laila:** Às vezes. Ah, eu falo que eu não pude fazer porque eu tinha muita coisa pra fazer em casa, curso e tal. O professor: Tá bom. Aí depois ele passa outros e eu faço. [...]. Eu almoço lá [na escola] e faço o dever, se tiver algum dever pendurado. Aí eu faço, ou não, também. Quando é pro dia seguinte então, já faço rápido que às vezes eu esqueço.

**Entrevistadora1:** Quanto tempo sobra pra você fazer os deveres da escola? Uma, duas horas?

**Clarisse:** Eu pego pra fazer nos intervalos que eu tenho no curso e final de semana.

<sup>72</sup> As alunas foram admitidas para frequentar o curso e no término deste realizaram uma nova prova para conquistar a bolsa integral na escola privada.

Apenas *Sabrina* frequentava o curso de inglês, financiado pelo avô. *Laila* nos disse que gostaria de fazer um curso de espanhol e *Bianca* fazia curso de inglês no ano anterior, tendo abandonado devido à preparação para as provas de concurso. Percebemos que as meninas se ressentiam de alguma forma por não poderem ter aulas de língua estrangeira ou outras atividades. Foi manifesta a dificuldade das famílias em custear tais atividades, incluindo o curso preparatório. A este respeito, uma disposição pôde ser identificada como associada a uma espécie de senso de sacrifício apurado nestes alunos, na certeza de que estavam abrindo mão no presente em prol de uma compensação futura.

**Sabrina:** Eu faço um curso de inglês. O meu avô manda dinheiro. Ele mora em outra cidade, aí ele manda dinheiro.

**Entrevistadora1:** Fora o inglês, você faz mais alguma coisa?

**Sabrina:** Não. Eu até estava pensando, mas só que eu acho que não ia dar.

**Entrevistadora1:** O que você queria fazer?

**Sabrina:** Vôlei, no Botafogo. Até a minha prima também faz, minhas duas primas. Acho que é uns cento e dez, cento e vinte reais, por aí.

**Entrevistadora1:** Fora o curso, o colégio, você faz mais alguma atividade?

**Laila:** Não. Eu... Não. Eu pretendia fazer de espanhol só que a minha mãe vai me pôr só ano que vem.

**Entrevistadora1:** Você não tem alguma outra atividade?

**Bianca:** Não. Eu tive que parar o curso de inglês. Eu tinha feito o ano passado, mas aí eu conversei com os meus pais, eles falaram pra eu parar, pra esse ano eu dedicar aos estudos. Aí eu vou voltar ao inglês ano que vem.

Nestes depoimentos, percebe-se o quanto a posição de classe é estruturante do *habitus*. Bourdieu (2007b) propôs esta perspectiva, evidenciando que os gostos e disposições dos indivíduos de camadas médias (pequena-burguesia) apresentavam variação, “modalidades” (*idem ibidem*: 318) referentes à posição na estrutura social. Entre os burgueses em ascensão, o autor destaca como características do gosto, a “desenvoltura, graça, facilidade, elegância, liberdade”; entre os burgueses em declínio, a “restrição por pretensão” e “invocação permanente do dever”, característicos da “pretensão de ser” (*idem*). Para a pequena-burguesia em execução, o culto ao esforço e a “antecipação do futuro” estão presentes nos gostos, valores e expectativas (*idem ibidem*: 331). No caso dos estudantes da escola pública, que se situam em trânsito entre as camadas médias/baixas e as classes populares, identificamos um senso de sacrifício e esta “antecipação do futuro” como fortes disposições, que parecem influenciar o *habitus* escolar, e que se faz presente também na atuação pedagógica dos profissionais desta escola.

### *Atividades no computador, uso da TV e internet*

Todos os alunos entrevistados disseram ter computador em casa, no entanto, surpreende que a maior parte deles diga não usar com tanta frequência esta ferramenta. Quatro alunos (*Rafaela, Bianca, Gabriel e Nicolas*) disseram acessar a internet quase todos os dias, mas todos disseram permanecer por pouco tempo na rede e basicamente com o intuito de checar e-mails e trocar mensagens.

**Entrevistadora1:** Você usa a internet? Conversa com as amigas?

**Rafaela:** É. Eu fico pouco tempo. Não passo a noite toda na internet. Eu entro assim: pra ver setem e-mail, mensagem. Mas não pra ficar muito tempo.

Usar o computador enquanto estudam – hábito comum entre os alunos da escola privada – não parece presente na rotina destes estudantes. Apenas *Bianca*, que à época namorava<sup>73</sup> *Nicolas* disse que costumava trocar e-mails e falar ao telefone sobre tarefas da escola. Vale dizer também, que para os alunos, o namoro não prejudicava o desempenho na escola:

**Entrevistadora1:** Você esta namorando?

**Bianca:** Estava. Era da minha turma.

**Entrevistadora1:** E atrapalha os estudos namorar na escola?

**Bianca:** Ah, eu acho que não. Porque a gente se ajudava. Estudava junto, ficava junto. A gente se ligava, fala sobre o dever, passava e-mail sobre o dever, trabalho. Acho que isso não atrapalha muito não, mas tem que ter concentração no que você esta fazendo.

**Entrevistadora1:** Foi você quem começou a namorar esse ano?

**Nicolas:** É. [risos].

**Entrevistadora1:** Você acha que atrapalha nos estudos?

**Nicolas:** Minha mãe que falou isso? [risos] Não. Eu acho que dá pra fazer a duas coisas tranquilamente.

**Entrevistadora1:** A sua namorada é estudiosa?

**Nicolas:** Sim. [risos].

Como observamos em outros trechos das entrevistas, a presença diária da televisão é a principal atividade de lazer entre os alunos da escola pública. Assistir televisão ou acessar esporadicamente à internet, no entanto, parece não ocorrer ao mesmo tempo em que se dedicam às tarefas escolares.

**Entrevistadora1:** Você vê TV? Entra na internet?

**Otavio:** Não. Não tenho tempo, só no fim de semana, raramente...

<sup>73</sup>A pergunta sobre namoro estava nos dois roteiros, tanto na escola pública quanto na escola privada. Nenhum aluno namorava na escola privada e apenas dois alunos namoravam na escola pública.

**Entrevistadora1:** Não dá tempo nem de ver um pouquinho de televisão? Entrar no computador?

**Otavio:** Não, nem um pouquinho porque eu fico muito cansado e vou dormir. Não sou muito de computador, não. Mas às vezes, raramente, eu fico no playstation, no videogame.

**Entrevistadora1:** Você tem acesso à internet em casa? Você usa?

**Otavio:** Um, hum. Pra fazer trabalho, mas eu uso raramente. Eu tenho essas coisas: Orkut, Facebook. Eu tenho, mas nem entro.

**Entrevistadora1:** Você conversa com os colegas pelo computador?

**Otavio:** Raramente.

Uma hipótese que se pode levantar é que, em virtude do baixo impacto do computador e da internet na vida, não se manifeste entre os alunos a crítica da pouca presença das mídias na escola. A influência da informação veiculada na internet e a forma como os alunos lidam com os conteúdos nas aulas foi um aspecto importante, presente nos depoimentos dos estudantes da escola privada. Sabemos que influências da rotina dos alunos incidem sobre as disposições escolares; os alunos da escola pública, muito atentos aos conteúdos tradicionais, requisitados pelas provas de concurso ao ensino médio, parecem não terem desenvolvido muitas opiniões sobre as diferentes abordagens destes conteúdos na escola.

### ***Dificuldades: dias puxados e aulas difíceis na escola***

Dois aspectos são apontados pelos alunos como dificuldades vividas na escola. Como forma de incitar os alunos a caracterizarem os problemas escolares cotidianos, pedimos para descreverem *um dia puxado na escola*. Cinco alunos (*Laila, Clarisse, Sabrina, Rafaela e Gabriel*) disseram que os dias difíceis na escola eram aqueles em que tinham aulas de matemática. À época, os alunos apontaram que o professor de matemática não explicava bem. Os alunos ressaltaram o quanto vinham sendo prejudicados a alguns anos nesta disciplina, segundo os estudantes, o “professor não avançava com a matéria”. O depoimento de *Clarisse* ilustrou bem este problema na escola, a aluna também ressaltou o quanto o curso a ajudou a enfrentar esta defasagem, o que não ocorreu com a maior parte da sua turma.

**Entrevistadora1:** Você tem dificuldade em alguma matéria?

**Clarisse:** Eu tinha em matemática, mas esta mudando muito. O professor trocou. O professor [atual] é ótimo [...]. A gente enche o saco dele pra ele explicar quinhentas vezes, ele explica. E o curso [...] já dá uma ajuda também. Lá no curso a gente viu a matéria toda desde a quarta série até a oitava. [...] no meio da minha quinta série até a minha sétima, eu não aprendi nada com o professor. [...] E a gente foi

muito prejudicado porque o professor não dava a matéria. Não estava nem aí. Não explicava direito. Muita gente da minha sala perdeu a vontade de estudar, também. [...] Quando eu entrei pra esse curso, também me deu a matéria que estava faltando pra mim. Foi muito bom, que me ajudou a pegar o ritmo daqui. Só que nem todo mundo da minha sala fez esse curso, aí tem gente que ainda fica meio perdida em sala com o professor que tá dando aula pra gente. Tem gente que não sabe a matéria e ele não acredita, mas ele explica de novo, sabe?

**Entrevistadora1:** Quantas pessoas na sua turma, você sente que não estão acompanhando o conteúdo de matemática?

**Clarisse:** Dez, quinze pessoas.

A matemática é usualmente e oficialmente reconhecida como a disciplina em que os estudantes brasileiros apresentam mais dificuldades (Silva, 2008). Observamos que as aulas de matemática foram motivo de muitas discussões nas reuniões da escola pública; nestes encontros nota-se a influência da interação entre pais e filhos, que funcionam como uma espécie de sistema de cobrança de soluções. *Gabriel* (que não faz curso preparatório) e que se demonstrou muito insatisfeito com as aulas de matemática, assim como sua mãe (*Tereza*, enfermeira, 42 anos) durante as reuniões, nos fala sobre a intervenção da coordenação pedagógica da escola e de como se sente prejudicado pela turma em algumas aulas.

**Entrevistadora1:** Vocês já conversaram com ele [professor de matemática]?

**Gabriel:** Já. Ele até deu uma melhorada, mas ainda continua porque a turma não tem jeito, né? [...]. Ele tem um problema que ele não fala muito alto, agora ele está falando um pouquinho mais alto. Ele já tá melhorando nesse aspecto, quando você não entende ele explica direito agora. [...] só que o problema é a turma. A minha turma não deixa o pessoal dar aula, os professores. Eles gritam, eles atrapalham. Eles ficam jogando coisas, jogando giz, jogando bolinha de papel. Na hora da explicação, ficam falando alto. Quando o professor pede silêncio, eles continuam falando.

**Entrevistadora1:** Você falou que o coordenador pedagógico fez algumas coisas e que tinha melhorado, que as brigas tinham diminuído. O quê ele fez?

**Gabriel:** Ele fez um projeto pra você fazer mais amizade. Ele juntou turma com turma. Fez algumas coisas. Ele proibiu o futebol porque o futebol tinha quebrado muitos vidros. [...]. Assim, os alunos que quebram têm que pagar. Quando alguém quebra o vidro, eles fazem uma vaquinha e cada um dava um pouco, e comprava novo vidro.

**Entrevistadora2:** E eles dão?

**Gabriel:** Dão porque eles sabem que eles fizeram besteira. [...]. A advertência é assim: primeiro eles dão um papel dizendo o quê você fez e a mãe tem que assinar. Se você insistir no erro, eles dão suspensão. Tem que trazer assinada, senão...

Em outros momentos, os depoimentos de outros alunos também ofereceram indícios da interação com o coordenador pedagógico, demonstrando a importância da participação destes estudantes na manutenção da qualidade do ensino. Ainda

em relação ao clima disciplinar nas turmas, *Bianca* e *Clarisse* reforçam a informação do quanto alguns comportamentos dos alunos prejudicam as aulas<sup>74</sup> e da diferença entre as expectativas de futuro de alguns colegas.

**Entrevistadora1:** Os seus colegas atrapalham muito a aula?

**Clarisse:** Ah, às vezes atrapalha. Às vezes enchem o saco, ninguém aguenta. A gente pede pra eles ficarem quietos, aí se eles não ficam, eles saem de sala. [...]. Nem sempre quando [o professor] manda eles saem, eles ficam quietos. Eles falam: Não. Vou parar! Eles param um pouco, mas não param cem por cento. Aí o professor pede pra parar de novo. Aí eles... Quase todo dia.

**Entrevistadora1:** Quantos da sua turma querem entrar pra essas escolas que você quer?

**Bianca:** Acho que metade da turma, porque tem gente que não tá nem aí pra isso. Tem um grupinho lá atrás que não esta nem aí. Eu acho que eles querem ir pra escola estadual. Acho que eles se sentem incapazes e não querem tentar fazer essas provas [...]. Acho que se pelo menos eles tentassem...

*Rafaela*, *Laila* e *Gabriel* disseram estar tendo dificuldades em inglês. Todas as turmas de nono ano da escola tiveram espanhol como língua estrangeira durante o segundo segmento do ensino fundamental. O professor de espanhol precisou ser substituído, pois iria se tornar coordenador pedagógico da escola. Na falta de um professor de espanhol, foi encaminhado à escola um professor de inglês. Em virtude disso, muitos alunos diziam não conseguir acompanhar bem as aulas. *Bianca*, que já havia feito curso de inglês, disse que os colegas passaram a se ajudar nesta disciplina e que, segundo a aluna, estava sendo “levada a sério” pelo professor.

**Entrevistadora1:** Como esta o inglês aqui na escola?

**Laila:** Ah, tá mais ou menos. Mais ou menos porque eu nunca fiz curso, só nas escolas. Então não esta muito fácil não.

**Entrevistadora1:** E as [matérias] que você tem mais dificuldade, quais são?

**Gabriel:** Inglês, que a gente vai ter agora. Eu não estou entendendo quase nada.

**Entrevistadora1:** Como esta a aula de inglês? Você tá entendendo?

**Bianca:** Sim, eu tô entendendo. Mas só que, às vezes, alguns alunos não entendem porque ele [o professor] só fala inglês, mas pra treinar melhor eu acho que o professor esta certo porque ele tá dando que nem curso, ele não tá dando como dão

<sup>74</sup> A partir de dados do *survey* (2009), construímos um índice sobre o clima disciplinar vivenciado na sala de aula. Os seguintes itens, nos quais pedíamos aos alunos que apontassem a frequência com que aconteciam nas aulas, compuseram o índice: os professores têm que esperar muito tempo pelo silêncio dos alunos; há barulho e desordem na sala de aula; os alunos prestam atenção ao que o professor fala; os alunos prestam atenção às perguntas feitas pelos colegas; os alunos não conseguem estudar direito; os alunos entram e saem da sala sem pedir licença; os alunos procuram o professor quando precisam de ajuda. Nesta escola pública, 73,6% dos alunos indicaram que o clima disciplinar da sala de aula era regular; 24,5% dos alunos indicaram que era bom e 1,9% disseram que o clima era ruim.

na escola. Porque na escola eles dão a matéria e é isso e pronto. O professor, ele brinca com a gente.

**Entrevistadora1:** Mas você já fez curso.

**Bianca:** Já. Muita gente lá que não fez, então a gente é... Tipo assim, os que já fizeram curso, que estão fazendo curso esse ano ajudam as pessoas que não fizeram inglês.

Metade dos alunos entrevistados (*Nicolas, Gabriel, Otavio e Sabrina*) também apontaram como dias puxados aqueles em que havia no mesmo dia, atividades fora da escola: curso de inglês, prática esportiva, etc. Devido à rotina semanal exaustiva, os alunos disseram que a sexta-feira é o pior dia da semana para eles.

**Entrevistadora1:** Quais são os dias mais puxados pra você?

**Otavio:** Sexta-feira. Porque sexta-feira feira já estou exausto da semana inteira.

**Entrevistadora1:** Hoje! [risos].

**Otavio:** Aí ainda tem que ir pro curso. Tem que estudar mais ainda e a gente tem que estudar. E segunda-feira porque a gente esta relaxado e começa a estudar, aí a gente fica muito cansado, exausto já.

**Nicolas:** Calma aí. O dia mais pesado da semana? Sexta-feira. É, sexta-feira. Porque tem o atletismo, aí a gente chega, tá meio que cansado. É o dia também que ficou, vamos dizer assim, como tem sábado e domingo, quando o professor vai passar dever, é o dia que ele passa mais dever. Eu acho que é o dia mais puxado.

### *O que fazem nos fins de semana? Estudam nos finais de semana?*

Metade dos alunos estuda nos fins de semana (*Clarisse, Bianca, Otavio e Rafaela*). Nestes depoimentos há indícios de que se tratava de uma rotina adquirida no “ano do concurso”, conforme os alunos costumavam denominar aquele ano.

**Entrevistadora1:** O que você faz no final de semana?

**Clarisse:** Fico estudando. Sábado eu acordo... Agora eu comecei a fazer um curso em uma escola privada, que eles dão para alunos bons de escola pública. Sábado, seis horas da manhã eu já acordo, aí eu volto só 13:00h. Eu chego faço as coisas da escola, do curso [o curso preparatório aos sábados]. Faço vários tipos de dever, fico estudando.

**Entrevistadora1:** Tem dever deste curso, também?

**Clarisse:** Tem. Tem dever. Aí fico estudando o final de semana todo, sabe? Fico pegando questão do Pedro II pra resolver.

**Entrevistadora1:** E no domingo? Só estuda, domingo também?

**Clarisse:** Domingo também. Um, hum.

**Entrevistadora1:** Como esta sendo isso? Você esta aguentando? Esta tudo bem?

**Clarisse:** Tá tudo bem. Estou muito cansada, mas... Estou doida pra esse ano acabar logo, né? Muito cansativo. Mas é o jeito, né? Tô querendo passar.

**Entrevistadora1:** Como é o seu final de semana? O que você faz?

**Otávio:** Eu estudo. Às vezes... Quando eu acordo, tomo café, aí depois descanso um pouquinho [...] aí eu começo a estudar. Depois eu paro um pouquinho.

**Entrevistadora1:** O que você faz depois? Você não faz nada pra se divertir?

**Otávio:** Não. Às vezes minha mãe quer sair. [...]. Às vezes eu fico vendo TV.

Programas culturais e momentos de lazer não são comuns nos finais de semana dos meninos e meninas da escola pública, mesmo entre aqueles que disseram estudar esporadicamente aos sábados e domingos, quando havia tarefas para segunda-feira ou provas durante a semana. Apenas *Sabrina* e *Bianca* citaram alguns programas, tais como passear na praia, ir ao cinema e à igreja.

**Entrevistadora1:** Sábado, o que você faz no sábado e no domingo?

**Bianca:** Sábado eu acordo cedo, estudo até a hora do almoço, depois eu paro. Estudo de novo, saio com o meu pai pra dar uma volta na praia, depois chego em casa e estudo de novo. Domingo eu acordo cedo, tem que ir à igreja, depois eu volto da igreja, almoço e estudo de novo.

**Entrevistadora1:** Você estuda fim de semana?

**Sabrina:** É. Às vezes. Não muito, mas estudo.

**Entrevistadora1:** O que você faz no final de semana pra se divertir?

**Sabrina:** Eu saio com a minha tia. Ver um filme, alguma coisa. [...] Até tinha pedido pra ir a Bienal, só que não deu, aí eu deixo pro próximo ano.

### 6.3.2

#### Comportamento acadêmico na sala de aula e na escola

Com este item buscamos caracterizar o comportamento acadêmico na sala de aula e na escola, como são encaminhados pelos alunos os deveres feitos em sala e outras ações, que remetem ao desenvolvimento de disposições e habilidades, que estruturam os *habitus* escolares, tais como fazer perguntas e anotações.

#### *Deveres feitos em sala de aula*

Sete alunos afirmaram conseguir fazer todos os deveres propostos durante as aulas na escola. Apenas *Laila* disse que quando não conseguia costumava deixar para fazer em casa. *Otávio* e *Clarisse* disseram que costumam fazer os deveres propostos para aula junto com os colegas:

**Entrevistadora1:** Você faz os deveres na sala?

**Laila:** Faço. Não. Faço. Eu tento fazer, se eu não conseguir eu faço em casa.

**Entrevistadora1:** Você conversa na sala?

**Otavio:** É, mais ou menos. Quando dá exercício, eu chamo meu amigo pra tirar dúvida, aí eu falo.

**Entrevistadora1:** Você tira dúvida com colega?

**Otavio:** ã, hã. É mais colega. Eu pergunto: Já fez? Ele: Já. Se ele não fez, eu vou lá no professor.

**Clarisse:** Sou eu mais três meninas. A gente senta junta, mas a gente não faz bagunça e tal. A gente fica ali fazendo dever, uma ajuda a outra. A gente conversa também, normal.

Nesta e em outras questões sobre o comportamento acadêmico na sala de aula observou-se entre os meninos e meninas uma atitude de prontidão. Outra característica comum entre eles é de comentar sobre o volume de tarefas propostas pelos professores, sem fazer indagação ou se mostrarem insatisfeitos. Geralmente, as tarefas são simplesmente acatadas.

### *Fazer perguntas*

Todos os alunos da escola pública disseram se sentir à vontade para fazer perguntas ao professor. No entanto, quando insistimos com que alguns para que falassem sobre este hábito, *Otavio Laila* confessaram que costumam fazer mais perguntas aos colegas.

**Entrevistadora1:** Você pede para o professor falar de novo? Você pergunta ou tem vergonha de perguntar?

**Otavio:** Eu mando o professor repetir. Eu pergunto. Eu pergunto.

**Entrevistadora1:** Mas, tem curso depois para tirar dúvidas?

**Otavio:** É. Mas a matéria não é tão parecida, não. Porque a matéria do concurso é bem mais difícil. Agora que tá dando a matéria. Tá dando matemática. Português tá começando a dar também.

**Entrevistadora1:** Você tira dúvida com colega?

**Otavio:** ã, hã. É mais colega. Eu pergunto: Já fez? Ele: Já. Se ele não fez, eu vou lá no professor.

**Entrevistadora1:** Você não tem vergonha de fazer pergunta, tem?

**Laila:** Não. Tipo, quando eu não entendo, eu falo que eu não entendo, aí eu peço explicação. Se ele não explicar eu só lamento...

**Entrevistadora1:** Mas você pergunta? Ou você tira dúvida com os colegas?

**Laila:** Algumas coisas. Eu prefiro pedir ajuda pros colegas.

O clima na turma e a relação com os colegas, assim como identificamos na escola privada, também aparece como um aspecto que influencia o

comportamento acadêmico<sup>75</sup> dos alunos, como por exemplo, a desenvoltura na hora de fazer perguntas ou tirar dúvidas com o professor, ainda que tenhamos observado que isso ocorra em um número menor entre os entrevistados na escola pública. *Clarisse*, que apresenta desembaraço e vigor acadêmico em diferentes momentos da entrevista, afirma que alguns colegas têm vergonha e por isso “não pegam”, ou seja, não aprendem a matéria.

**Entrevistadora1:** Você se sente à vontade pra fazer pergunta na sala?

**Clarisse:** Sim.

**Entrevistadora1:** E os seus colegas? Têm coragem de fazer pergunta ou têm vergonha?

**Clarisse:** Eu não sei. Acho que tem uns que são mais, sei lá, não têm tanta vergonha. Mas tem uns que têm bastante e não pegam. Aí ficam [...]. Não sou não assim, não.

**Entrevistadora1:** No curso também, não?

**Clarisse:** É aí que eu pergunto, mesmo. Na escola também eu não tenho vergonha.

Para *Nicolas* e *Gabriel*, que são irmãos, um dos motivos para se sentirem à vontade é a convivência que têm com os professores, desde o sexto ano do ensino fundamental. Esta informação pode ser reforçada, quando confrontamos as impressões dos alunos antigos com a resposta de *Laila*, que havia entrado na escola no ano anterior. Estes alunos (*Nicolas* e *Gabriel*), que apresentam uma postura muito autônoma e segura, também demonstram outras habilidades que ilustram desenvoltura acadêmica, tais como, rever questões em casa, assumir que não podem aprender sozinhos e ir à mesa do professor para tirar dúvidas.

**Nicolas:** Eu falei que com quase todos os professores eu tiro todas as dúvidas, né? Mas, assim, se algum professor eu não tirei ainda todas as dúvidas, então, em casa mesmo eu já tiro as minhas dúvidas sozinho, estudando. Eu tento em casa, se eu não conseguir, então eu vou com o professor de novo. [...]. Eu chego... O professor tá ali na sala, se ele tiver dando essa matéria, então eu chego lá, levo o caderno comigo e tal, pergunto para o professor: Professor, aqui. Não consegui fazer tal questão! Aí o professor vai lá e explica na própria sala de aula no outro dia.

**Entrevistadora1:** Você tem vergonha de perguntar para o professor?

<sup>75</sup> A partir de dados do *survey* (2009), também construímos um índice sobre o comportamento acadêmico na sala de aula, com o objetivo de identificar perfis de engajamento. Os seguintes itens, nos quais pedíamos aos alunos que apontassem a frequência com que aconteciam nas aulas, compuseram o índice: acompanho a matéria exposta pelo professor; copio no meu caderno a matéria apresentada; fico à vontade para fazer perguntas; fico perdido durante a explicação do professor; discuto a avaliação realizada pelo professor; realizo as atividades que o professor propõe. Nesta escola pública, 42,6% dos alunos indicaram um comportamento regular; 54,6% dos alunos indicaram que um bom comportamento acadêmico e 2,8% disseram ter um comportamento acadêmico ruim na sala de aula.

**Gabriel:** Vergonha eu tenho, mas quando a gente não sabe tem que perguntar. A gente não vai aprender sozinho, né? Ninguém aprende. Eu consigo gravar rapidamente o que os professores falam. Eu não tenho muita dificuldade em matemática, quando eu tenho eu pergunto. [...] A gente conhece os professores há muito tempo já, desde o sexto ano.

**Entrevistadora1:** Aí você traz o dever sem fazer de casa. Você fala que não entendeu? Como é isso?

**Gabriel:** Eu falo que não entendi, pergunto pra ele, ele me explica.

**Entrevistadora1:** Teu irmão te ajuda a fazer?

**Gabriel:** Um, hum. É assim, história e geografia eu ajudo ele. Matemática e português ele me ajuda.

Na entrevista de *Tereza* (42 anos, enfermeira) percebe-se uma postura de estímulo às ações autônomas, como as descritas pelos meninos na escola: “você deve perguntar”, “você deve prestar atenção”. Estas frases de encorajamento apareceram também nos depoimentos de outras mães da escola pública.

Fazer perguntas aos colegas, fazer deveres em dupla, em grupo, são situações destacadas pelos alunos em outros momentos da entrevista e que podemos considerar como indícios importantes da manutenção/promoção da qualidade de ensino. São escassas as investigações sobre o comportamento acadêmico dos alunos na sala de aula. As informações sobre estas situações devem ser consideradas como fatores para a promoção do aprendizado dos alunos, isso porque o aprendizado muitas vezes não se configura em um ato solitário. Diferentes pesquisas (Alves & Soares, 2007; Bernado, 2008) consideram a importância da diversificação da composição social das turmas para a melhoria do desempenho dos estudantes. Em uma turma, na qual a maior parte dos alunos apresente baixo desempenho há poucas chances dos estudantes se ajudarem, por exemplo. Na escola pública, observamos que a direção e coordenação pedagógica não ignoravam tal aspecto. Para a diretora, não era admissível formar turmas inteiras com alunos que apresentassem dificuldades. Em atenção a estas nuances, também observamos a proposição de um projeto de monitoria pelo coordenador pedagógico, que pretendia fazer com que alunos de séries avançadas fizessem atividades com alunos mais novos.

### ***Lugares de sentar na sala***

O lugar de sentar na sala de aula para a maior parte dos alunos da escola pública, assim como observamos na escola privada esta associado ao aspecto da sociabilidade, que querem sempre estar perto dos melhores amigos na escola. No

entanto, na escola pública, identificamos que estão associados à escolha do lugar na sala, fatores de facilitação da atenção e do aprendizado, como identificamos nos depoimentos de, pelo menos, quatro alunos (*Otávio, Bianca, Sabrina e Nicolas*).

**Entrevistadora1:** Bom, você falou que você se comporta bem na sala. Você senta perto de quem?

**Otávio:** Dos garotos mais espertos da sala. É, porque são meus amigos. Eu só tenho amigos espertos. Eu sento no canto. Às vezes eu sento com o *Gabriel*, às vezes eu sento com o *Nicolas*. Depende muito.

**Entrevistadora2:** Por que são mais espertos? Explica o que é ser mais esperto.

**Otávio:** Não sei. Que eles entendes mais das matérias, né? Algumas matérias eu tenho mais dificuldade, eles não.

**Bianca:** A maioria das vezes eu sento na frente do professor porque fica muita zona lá trás e eu não consigo [...]. Eu não consigo me concentrar lá trás, tem muita gente falando, aí eu sento mais na frente.

**Entrevistadora1:** Você conversa com as suas amigas durante a aula?

**Bianca:** Só sobre a matéria. Às vezes. [risos]. Às vezes eu falo alguma coisa meio assim, quando o professor..., sabe? Às vezes eu converso algumas coisas com elas.

*Laila e Rafaela* sentam no meio da sala e dizem que não há nenhum motivo para escolher este lugar. *Clarisse* e *Gabriel* demonstram não se importar muito com o lugar, expressando que podem prestar atenção independente disso.

**Entrevistadora1:** Você senta aonde na sala?

**Clarisse:** É lugar marcado, aí eu sento... Ninguém respeita muito, mas às vezes, quando o coordenador chega lá, a gente troca. Mas eu sempre sento no mesmo lugar, eu e minha amiga, que ela senta do meu lado a gente já tá acostumada. É no fundo, perto da porta. .

**Entrevistadora2:** Quem marcou estes lugares para vocês?

**Clarisse:** Foi o coordenador. Já faz... Desde o começo do ano. Sabe? Eu já estou acostumada a sentar ali, então eu sento ali e fico porque eu quero. Mas isso não me atrapalha. Tem gente que acha que só porque você senta no fundo, você não tá prestando atenção, mas eu consigo.

A prática do mapeamento de lugar dos alunos também é presente na escola pública, esta é uma estratégia utilizada pelas coordenações pedagógicas, com a intenção de diminuir conversas e possíveis conflitos entre os alunos. Não pudemos investigar a influência desta prática nas aulas, mas notamos que *Clarisse* parece não se importar em confessar que muda de lugar quando o coordenador aparece.

### ***Sobre anotações e material escolar***

Todos os alunos desta escola pública fazem anotações durante as aulas, e responderam positivamente quando perguntamos se “os cadernos eram cheios”. No entanto, apenas duas alunas (*Clarisse* e *Laila*) disseram fazer anotações para além do que o professor escrevia no quadro.

**Clarisse:** É um caderno pra matemática, outro pra português e um grande pras outras matérias. Eu anoto bastante. Tudo que o professor fala eu anoto.

**Entrevistadora1:** Você anota não só o que ele escreve, mas também o que ele fala?

**Clarisse:** A maioria.

**Entrevistadora1:** Como é que é o seu caderno? Faz muita anotação ou você não gosta de anotar?

**Laila:** Eu faço anotação. Tem bastante coisa. Não, assim, eu faço. Aí, às vezes, quando o professor assim..., aí eu vou lá e anoto algumas coisas quando ele tá explicando.

**Entrevistadora1:** Você não anota só o que ele escreve no quadro?

**Laila:** Não. A maioria sim, mas se ele falar alguma coisa importante eu vou lá e anoto.

Os outros alunos entrevistados indicam uma postura mais estrita, apenas de fazer anotações simples, mais baseadas no que é disposto pelos professores no quadro-negro.

### **6.3.3**

#### **Expectativas de futuro**

##### ***Expectativas de futuro para o ensino médio***

Todas as informações que reunimos sobre o empenho desses alunos para a conquista de uma vaga no ensino público federal e de bolsas na rede de ensino privada demonstram o engajamento e a grande expectativa deles e de suas famílias sobre a escolarização. Os estudantes dispostos a sacrificar o tempo com os amigos e o lazer, apresentaram disposições semelhantes às descritas por (Bourdieu, 2007b), como características de uma *pequena-burguesia em execução*.

Todos os alunos à época das entrevistas tinham planos concretos para o ensino médio: inscrições efetuadas, estruturação de um calendário complexo de provas e informações diversas sobre bolsas e vagas.

**Entrevistadora1:** Você vai fazer o Pedro II? Que mais que você vai fazer?

**Otávio:** Um, hum. Eu vou fazer CEFET, CEFETEC, deixa eu ver..

**Entrevistadora1:** E qual escola você quer mais? Por quê?

**Otavio:** Pedro II. Ah, não sei, eu gosto do Pedro II por causa da matéria... É... Como é que se fala? Vai ser formação geral. É, isso que é bom. Ele é muito bem falado, aí eu gostei dele.

**Entrevistadora1:** Qual é a sua primeira opção de escola?

**Clarisse:** É o Pedro II.

**Entrevistadora2:** E se você não passar pro Pedro II?

**Clarisse:** Aí eu tenho o Franco. Se eu não passar pro Franco, eu tenho que ver se eu passei pro ISMART, que ainda vai sair. Aí eu posso ir pro PH. Se eu não conseguir, tem a Associação Vencer que dá bolsa pro Qi, pro Pensi e pro Sion, eu acho.

**Bianca:** Eu gostaria de ir pro Colégio Militar ou PH. É, porque eu fiz a prova do ISMART, aí agora eu estou esperando o resultado ainda.

**Entrevistadora1:** Como é que foi a prova do ISMART?

**Bianca:** Foi fácil, assim, foi boa. A prova estava bem fácil. Matemática tinham algumas coisas de lógica que estava meio difícil, mas eu acho que me dei bem. Tinham quarenta questões.

*Sabrina e Gabriel* demonstraram inquietação sobre a entrada em escolas privadas, argumentando sobre possíveis dificuldades de permanência, tais como a ênfase em determinadas disciplinas, além do aspecto financeiro e a relação com os outros alunos destas escolas, em reconhecimento às diferenças de origem social.

**Entrevistadora1:** Em qual escola você quer estudar no ano que vem?

**Sabrina:** Não sei... O Santo Inácio, o Pedro II ou o Franco. Alguma coisa assim. Meu irmão já estudou lá no Franco. Mas só que não conseguiu por causa de matemática, que ele não é muito bom. Mas ele sempre foi um bom aluno, também.

**Entrevistadora2:** Ele gostou do Franco? O que ele falava?

**Sabrina:** Gostou. É puxado. Tem muitas aulas assim. É puxado. [risos]

**Entrevistadora1:** Você quer ir pra uma dessas escolas privadas?

**Gabriel:** Eu preferiria passar em alguma escola militar. Tipo: EPCAR, Colégio Naval. Só que EPCAR e Colégio Naval, as provas são no começo, eu já perdi essas duas provas. Aí tem o colégio Militar, ainda. A EsPCEX que é uma escola em São Paulo [...], entra no segundo ano pra frente. Também vou tentar pro Pedro II, que é uma escola que eu também queria e o CEFET. Eu não queria ir pra uma escola particular.

**Entrevistadora1:** Não queria? Por quê?

**Gabriel:** Eu procuro escola pública porque tem o Riocard e também, assim, escola particular tem muito daqueles garotos que se acham que são ricos e coisa. Aí, não gosto muito dessas coisas.

Podemos sustentar que não havia diferenças entre as expectativas dos meninos e meninas entrevistados, ainda que se observem diferenças em relação à posição social das famílias de origem, principalmente em termos de escolaridade dos pais. Sobre este aspecto, foi muito semelhante o volume de informações que possuíam e a ambição que apresentaram em relação ao futuro educacional.

A escola pública, neste sentido, parece funcionar como um elemento agregador de informações para as famílias, divulgando períodos de inscrição, encaminhando alunos para cursos, sondando descontos nestes cursos, além de manter constante um clima de estímulo à ascensão social destes estudantes. Presenciamos algumas vezes em reuniões e em conversas informais o incentivo dado aos estudantes em geral, mas especialmente para aqueles sobre os quais se identificava maiores chances de êxito, ou seja, de ingresso em escolas de prestígio públicas ou privadas.

### ***Expectativas de futuro para o ensino superior e profissional***

Os tipos de respostas dadas pelos alunos em relação ao ensino superior e futuro profissional corroboraram com a intensidade das expectativas manifestas por eles e por suas famílias. Todos os estudantes pensavam em cursar o ensino superior e ainda que apresentassem dúvidas sobre as escolhas profissionais, típicas da idade, chamou atenção que pelo menos quatro estudantes (*Bianca, Sabrina, Laila e Gabriel*) demonstrassem firmeza nestas respostas.

**Entrevistadora1:** Você quer fazer faculdade?

**Gabriel:** Um, hum. Medicina.

**Entrevistadora1:** Medicina? Tem alguma outra opção?

**Gabriel:** Não. É medicina.

**Entrevistadora1:** Você já sabe o que você quer fazer no futuro depois que você terminar o ensino médio?

**Sabrina:** Eu penso um pouco. Acho que eu quero ser advogada, ou então arquiteta, estou meio na dúvida entre os dois. Arquitetura eu gosto por causa de matemática, que eu gosto muito. Advocacia, não sei, me bateu assim, eu gostei.

Com exceção de *Otávio*, que não indicou nenhum curso específico e de *Nicolas*, que segundo sua mãe, pensa em ser bombeiro; todos os estudantes indicaram profissões tradicionais e reconhecidas como pertencentes a posições sociais privilegiadas. *Clarisse* e *Bianca* associaram, assim como fizeram alguns alunos da escola privada, as escolhas profissionais ao desempenho que apresentavam em determinadas disciplinas.

**Entrevistadora1:** Você quer fazer vestibular? Pra quê você quer?

**Bianca:** Sim. Ou jornalismo ou arquitetura.

**Entrevistadora1:** São duas coisas muito diferentes, né?

**Bianca:** Muito diferente. Eu ainda estou meio indecisa porque eu sou boa em fazer redação, pra jornalismo. E em matemática, eu sou muito boa em matemática. Aí eu estou meio na dúvida do que eu quero fazer.

**Entrevistadora1:** Você já sabe o que quer fazer quando terminar o ensino médio?

**Clarisse:** Ah, eu não sei direito. Mas eu não queria trabalhar na área de exatas. Eu não gosto mesmo. Não tem nada a ver comigo. Eu queria fazer psicologia. Mas eu não sei, né? Se vai... sei lá... Não sei direito o que eu quero. Não sei se eu quero realmente isso porque eu tenho medo de escolher errado e, sei lá, me arrepende. Aí, não sei ainda.

Uma hipótese sobre a preferência dos alunos pelas profissões tradicionais é de que esta seja influenciada pela posição social das famílias, que confiantes na ascensão via escola, almejam para seus filhos profissões reconhecidas, na medida em que não podem pôr em risco todo o investimento e esforço que fizeram.

Ao mesmo tempo em que demonstraram uma firmeza de expectativa em cursar o ensino superior, meninos e meninas da escola pública apresentaram receio e indecisão. Havia insegurança em relação a possíveis escolhas erradas e nenhuma perspectiva de experimentação ou tranquilidade sobre este aspecto, para o qual se dedicaram desde muito cedo.

*Gabriel* nos contou que muitos colegas da sua turma não tinham as mesmas ambições que ele e nos falou sobre o quanto diferiam as expectativas de futuro entre eles. Além disso, o depoimento do aluno ilustra como convivem na mesma escola perfis de alunos diferentes (mesmo antagônicos), como destacou o coordenador pedagógico.

**Entrevistadora1:** Mas então eles [alguns colegas de turma] não querem fazer ensino médio?

**Gabriel:** Não, eles querem, mas querem fazer no estado. Não estão ligando. Querem ser jogadores de futebol. Pra você ver, tá em greve. Se ele entrar em greve vai treinar, vai fazer várias coisas. [...]. Os alunos que não passam em escola boa vão pra lá, então eles não querem nada. [...] O meu professor até falou: Os professores de lá, eles não têm incentivo, porque o salário deles é baixo. Aí eles não querem dar aula, aí fica nisso. Os alunos não querem ter aula, os professores também não querem. [...]. O meu professor até falou: Eles têm chance de passar pra uma faculdade, mas muito menos do que quem está lá nas outras [escolas], que querem alguma coisa.

### 6.3.4 Impressões sobre a vida escolar

#### *Os alunos pelos alunos*

Os alunos entrevistados representavam um conjunto de estudantes de bom desempenho da escola pública. Algumas disposições destes estudantes puderam ser identificadas e reforçadas quando os meninos nos falaram sobre como se viam como estudantes. Fez-se presente nestes depoimentos teor da fala de alguns

professores (bem como, do diretor e coordenador pedagógico), uma demonstração da influência que as expectativas e impressões docentes podem gerar entre os alunos. Além disso, também identificamos na forma como os estudantes se viam aspectos inerentes ao senso de pertencimento e a relação entre pares na escola.

*Otávio, Bianca e Nicolas* se viam como bons estudantes e as seguintes definições eram comuns entre eles: “sou comportado”, “fico na minha”, “tenho que focar”. *Bianca e Otávio*, disseram estudar inclusive nos horários de intervalo.

**Entrevistadora1:** Como é o seu comportamento na escola, todo dia?

**Otávio:** Bom, sou um menino comportado. Os professores não reclamam de mim. Quando dá exercício, eu chamo meu amigo pra tirar dúvida, aí eu falo. Não pode jogar bola... Eu jogo totó, às vezes eu estudo quando eu tenho teste ou prova.

**Entrevistadora1:** Você estuda no recreio ou no intervalo?

**Otávio:** Quando tem teste ou prova... ou eu fico conversando com os meus amigos.

**Entrevistadora1:** Como é que você se comporta na escola? Você falou pra mim que nas aulas vagas você fica estudando.

**Bianca:** É. Porque às vezes tem gente fazendo bagunça. Eu não gosto de andar com o pessoal que faz bagunça, aí eu fico na minha estudando.

**Entrevistadora1:** Mas você não tem nenhuma colega que estuda junto?

**Bianca:** Tenho. Ela também às vezes fica estudando. A gente lê livros...

**Entrevistadora1:** Você tá entre os melhores alunos da turma, não é? É? Você é a melhor aluna?

**Bianca:** Uma das... É. Acho que sim.

**Entrevistadora1:** Resume pra mim o seu comportamento na escola. Como que você se comporta?

**Nicolas:** Eu vejo assim, dentro da sala eu tenho que focar pra captar tudo que o professor esta ensinando, mas fora da sala acho que sou normal. Definindo o normal... Eu me considero uma pessoa tranquila na questão de... Às vezes jogo bola no recreio, mas sou uma pessoa tranquila. Na maioria das vezes gosto de ficar sentado conversando. Sou uma pessoa calma. Eu me considero assim.

É interessante notar que outros dois alunos (*Laila e Gabriel*) também assumam uma mudança no comportamento fora da sala de aula. Os alunos demonstraram domínio sobre esta alteração na conduta. *Gabriel*, que parece controlar a postura na sala, nos falou sobre a importância de ter um comportamento mal avaliado pelos professores e o que isso poderia acarretar na sua vida acadêmica futura.

**Entrevistadora1:** Você esta entre os melhores alunos da turma? Como é o seu comportamento todo dia na escola?

**Laila:** [risos] Acho que sim. Na sala de aula eu sou quieta, tento prestar atenção, só que tem gente que acaba atrapalhando. E na hora do recreio... Ficam tipo falando e tal. A gente pede silêncio, não para. [...] Eu peço. Aí na hora do recreio eu sou

mais, digamos, ativa. [risos]. É que eu não fico parada num lugar só. [...]. Falo com todo mundo, até com os pequenininhos se puder eu falo.

**Entrevistadora1:** Fora da sala você é diferente?

**Gabriel:** É. Muito. Porque na sala eu fico olhando assim, fico quieto [...]. Eu falo às vezes, mas eu falo só o que é necessário. Às vezes uma brincadeira, mas uma vez ou outra. Fora da sala eu já brinco mais. [...].

**Entrevistadora1:** Como você se comporta na escola?

**Gabriel:** Na turma tento prestar atenção, às vezes, eu brinco... Às vezes eu conto piada. Às vezes eu brinco com os professores. Mas eu não atrapalho a aula porque eu quero prestar atenção. A gente já tá no último ano da escola, se a gente começar a brincar e não prestar atenção... Imagina se eu reprovado? [...]. Tem bolsa aqui na escola, se você tiver um errinho você não ganha bolsa. [...]. Tem a bolsa do ISMART. [...] um projeto que os empresários pagam a escola pra gente. A prova é assim: primeiro a prova escrita, depois tem psicológica, eles vão falar com você, aí depois eles vão falar com os nossos professores e diretores. Depois eles vão falar com a nossa família, ver como é a nossa casa. [...] Se nós conseguirmos passar em todas essas fases, a gente entra ou no São Bento ou no Santo Inácio ou no Zacharias.

Seis alunos se consideravam como “um dos melhores da turma” (*Bianca, Sabrina, Nicolas, Gabriel, Laila e Clarisse*) e dois alunos se consideravam medianos (*Otavio e Rafaela*). *Rafaela* se considerava boa aluna, mas assim como alunos disse que precisaria melhorar as notas em determinadas disciplinas.

**Entrevistadora1:** Como você avalia o seu rendimento? Podia melhorar alguma coisa?

**Nicolas:** [risos] Bom, eu acho que... Sei lá... Eu sempre acho que pode melhorar alguma coisa.

**Entrevistadora1:** Como você avalia o seu rendimento na escola? Em que você acha que tem que melhorar?

**Rafaela:** História, mesmo. Estudar mais.

**Entrevistadora1:** Você se considera um bom aluno?

**Otavio:** Isso eu não sei dizer, não. Mas eu acho que, mais ou menos, mais ou menos. Eu estou entre os mais ou menos.

### ***Sobre a escola em que estuda***

Todos os alunos dizem gostar da escola, sendo o mais destacado por eles nesta avaliação, a dedicação dos profissionais da escola e a relação que mantinham com eles. Como ocorreu com a escola privada, o grau de satisfação identificado nos depoimentos dos alunos foi ao encontro dos resultados do *survey* aplicado em 2009, demonstrando o bom senso de pertencimento entre os estudantes desta escola. Todos os alunos fizeram menção aos professores, quando indagados sobre o que mais gostavam na escola. Durante estas declarações, foi evidenciado o clima

acolhedor que os alunos experimentavam: os meninos se sentiam ouvidos, sentiam que os professores se preocupavam com o futuro deles. A despeito da relação amigável dos professores com os bons estudantes, também há reconhecimento do empenho deles com os alunos que apresentavam dificuldades.

**Entrevistadora1:** Você gosta daqui?

**Otávio:** Gosto. Ah, têm vários motivos. Tem a direção da [cita nome da diretora]. Ela é muito boa, gosto muito dela. Tem a [cita nome da diretora adjunta]. Têm alguns professores que incentivam. Tem o [cita nome do coordenador pedagógico]. É muito legal, a direção.

**Entrevistadora1:** Fala pra mim o que você mais gosta e o que você menos aqui.

**Bianca:** O que eu gosto é que é muito família. Todo mundo se conhece. Todo mundo conhece todo mundo aqui. Os professores também. Os professores, o pessoal, toda direção. Até o coordenador é super legal com a gente. Ele tem diálogo com os alunos. Eu gosto.

**Entrevistadora1:** O quê você mais gosta daqui?

**Nicolas:** Eu vejo que os professores se esforçam. Mesmo em casos difíceis de alunos, eles se esforçam pra fazer com que esse aluno aprenda. Eles se esforçam pra dar... Tentam dar o melhor deles ali.

Ainda que reconhecessem a qualidade da escola, aqui e em outros momentos identificamos indícios do reconhecimento da posição da escola pública entre as demais escolas públicas ou privadas. A fala de *Nicolas* é um bom exemplo, na medida em que admitiu a existência de escolas consideradas melhores. Por outro lado, *Gabriel* e *Bianca* fazem comparações com outras escolas da rede municipal em que estudaram, destacando as diferenças que notavam no trabalho dos professores.

**Nicolas:** Porque eu vejo que é uma... Até como vocês estão aqui, né? É uma escola, vamos dizer assim, é uma boa escola. Não excelente, mas é uma boa escola na média das escolas.

**Gabriel:** Porque aqui a gente tem mais chances. [...] Porque aqui tem uma fama que é uma escola boa, então, os professores que vêm pra cá são bons. E lá, os alunos de lá [compara com outra escola municipal] quase não querem nada. Os daqui às vezes querem alguma coisa, eles fazem curso. Até um antigo professor de história falou a mesma coisa. Lá eles não querem nada, aqui vocês ainda querem alguma coisa. A maioria da minha turma quer passar pra uma escola...

**Entrevistadora2:** Por que aqui é melhor que a escola municipal na qual você estudava antes?

**Bianca:** A professora faltava muito. A gente não tinha aula. Eu fiquei um mês sem aula. [...] Aí eu vim pra cá. Aqui todo dia tinha aula. Ela sempre passava dever de casa, ajudava a gente. [...] Em comparação com outras escolas, eu acho aqui melhor. Os professores, eles incentivam os alunos. Eles ajudam os alunos.

Quando perguntados sobre o que não gostavam e o que poderia melhorar na escola, quatro alunos (*Laila, Otávio, Gabriel e Bianca*) ressaltaram o trabalho dos professores<sup>76</sup>: falta de controle da turma, e não saber explicar direito foram os aspectos mais ressaltados pelos alunos.

**Laila:** E o que eu menos gosto é que alguns professores, eles não sabem explicar direito. Entendeu? Acaba prejudicando a gente. Aí, tem algumas coisas que eu aprendi no curso, que eu só sei por causa do curso. Se fosse por aqui eu não iria saber. De matemática [...] Bhaskara. Equação de 2º grau. Eu vi isso mais no curso, porque se fosse se basear por aqui a gente não ia aprender nada.

**Bianca:** O professor de matemática, ele não tem muito controle sobre a turma. A turma fica a maior zona. Aí eles [diretora e coordenador] conversam com a gente, pra gente tentar falar normal, conversar com o professor sobre essa relação. [...]. Ele fala [o professor de matemática]: Ah, tem que fazer silêncio. Ele só fala isso e vai em frente. Ninguém respeita ele. Aí fica meio difícil. [...] a professora de artes, ela falta muito e ela grita muito com a gente. Assim, ela não passa matéria, chega na hora da prova a gente não sabe o que ela vai dar. Ela também não tem controle com a turma.

**Entrevistadora1:** O que é não ter controle com a turma? Explica pra mim.

**Bianca:** [...]. Os professores que têm controle, eles são meio rígidos e são brincalhões, eles deixam a aula interessante. Ela não deixa a aula interessante. Ela só fica brava, não explica direito as coisas. Não explica o que é pra fazer. Também, ela falta muito, então a gente perde muita matéria. A gente fica sem saber o que fazer.

Apenas *Sabrina*, faz menção à infraestrutura da escola como um aspecto que não gosta, assim como fez sua mãe *Úrsula* (43 anos, dona de casa). Por não ter pátio na escola, a aluna desistiu de frequentar as aulas de educação física:

**Entrevistadora1:** E o que você menos gosta?

**Sabrina:** Da falta de estrutura. Uma quadra, alguma coisa assim. A gente tem que fazer a aula de educação física fora em horário diferente. Às vezes vai ser lá na [cita nome de uma universidade próxima à escola e de uma quadra, que são cedidas]. Depende da hora e do dia por turma. A minha era na segunda-feira [...]. Eu não faço mais. Eu agora faço trabalhos. Porque ia ser muito puxado. Eu estudo em casa, eu tenho inglês também e aí não ia dar. Eu fico cansada.

Três alunos (*Gabriel, Clarisse e Rafaela*) dizem que o mais incomoda são os comportamentos de alguns colegas na sala de aula e na escola. Estes e outros depoimentos dos alunos reforçam que não havia uma boa relação com os colegas que apresentavam perfis muito diferentes dos alunos entrevistados.

**Gabriel:** Outra coisa que eu também não estou satisfeito, às vezes tem muita briga aqui. Briga de alunos. [...]. Até diminui um pouco. Têm alunos que não respeitam o outro e começam a bater por coisas fúteis tipo: Teve uma vez que eu estava

<sup>76</sup> Apenas um aluno (*Nicolas*) não conseguiu apontar qualquer aspecto que não gostasse na escola.

jogando futebol, aí o garoto [...]. Ele ia me bater por causa de um jogo de futebol. Na minha sala tinha uma garota, ela pediu pra fechar a janela porque a claridade estava entrando, ela não estava enxergando. [...] Aí começou um bate-boca, aí veio uma garota e deu um soco na cara dela. Atrapalhou a aula.

**Rafaela:** O que eu não gosto? Dos alunos que não se esforçam, né? Eles poderiam se esforçar, se interessar mais.

**Entrevistadora1:** Quantos alunos têm na sua sala e quanto têm esse perfil de não se esforçar?

**Rafaela:** Trinta e dois [...] cinco, no máximo, têm poucos mesmo que não se esforçam, mas eles atrapalham a aula.

A maior parte dos alunos não considerava a escola difícil ou rigorosa. Apenas *Otávio* pondera, destacando o rigor de alguns professores durante as aulas e avaliações.

**Entrevistadora1:** Você acha a escola difícil?

**Otávio:** Mais ou menos. Porque têm alguns professores que dá pra tirar nota fácil e têm aqueles professores que são, que pegam no nosso pé [...]. aquelas matérias difíceis, eles colocam prova comparando com as escolas particulares. Por exemplo, tem a professora de Geografia. [...] Se alguém falar ela já fica irritada, ela já dá bronca, fala assim: Sai de sala. Mas tem que prestar muita atenção... A prova é prestar atenção baseada na aula. Tem que prestar atenção, não é só escrever. Tem que prestar atenção.

Entre os alunos que pareciam se sentir à vontade com o clima de disciplina e rigor da escola, houve ênfase sobre a atenção e o foco que deveriam manter durante as aulas. Também foi interessante observar a comparação feita pelos alunos de outras escolas de rede privada (geralmente escolas de menor porte, consideradas de baixa ou média qualidade) com outras unidades da rede municipal, na qual reconheciam que a escola em que estudavam era igual ou superior em vários aspectos.

**Entrevistadora1:** Você acha que a escola é muito rigorosa? É uma escola difícil?

**Bianca:** Não. Eu não acho. Assim, ela tem... Ela é igual às outras, os alunos eu acho que são um pouco mais interessados que as outras. E os professores têm prazer de dar aula aqui, então acho que é assim...

**Entrevistadora1:** Você acha que aqui é uma escola difícil, muito difícil, rigorosa?

**Sabrina:** Muito difícil, não. Nem tanto rigorosa, mas ela tá na medida do possível, assim, não passa dos limites, mas também não é tão baixo assim. Eu gosto. Da minha prima é particular. O nível é o mesmo.

**Entrevistadora1:** É. Você acha que a escola é muito difícil?

**Gabriel:** Difícil não é. Tem que estudar. A média pra passar é cinco [...]. Não é difícil você passar, o difícil é o pessoal estudar, né?

**Entrevistadora1:** Você tem uma média sua? Qual é a sua média?

**Gabriel:** Sete.

**Entrevistadora1:** Sete. Pra sua mãe também, a média dela é sete?

**Gabriel:** Um, hum. É. Que é B. Se eu tiro menos que B, R [regular] eu já fico meio coisa porque [...]. Se eu tiro menos que sete no boletim, que nunca aconteceu, mas eu posso perder bolsa por causa disso.

*Gabriel* também nos contou sobre a diferença entre as avaliações oficiais, padronizadas pela SME e as avaliações feitas pelos professores da escola. O aluno reproduziu um pouco do discurso da escola sobre estas provas. Em algumas reuniões ouvimos estas explicações, nas quais a diretora se comprometia a continuar (mesmo sem obrigação de fazê-lo) com uma avaliação própria e “mais forte”.

**Entrevistadora2:** As provas da prefeitura são mais fáceis ou mais difíceis do que as da escola?

**Gabriel:** Mais fáceis. É. Vem até explicado... Não é só a nossa escola, têm várias. Uma escola lá de Realengo não vai ter o mesmo desempenho que a nossa. Aí eles botam as provas fáceis pra todo mundo... Pra escola de lá ter pelo menos uma chance de tirar uma nota boa, que é pra estudar. Só que pra gente fica fácil. Mas pra eles pode ser difícil.

### ***Sobre as regras escolares***

O conhecimento das regras escolares pelos alunos, o resguardo e prudências demonstrados, ilustra o clima disciplinar vivido na escola e a atuação rígida da direção e coordenação pedagógica. Nenhum dos alunos entrevistados apresentava problemas disciplinares, todos estavam com o uniforme correto durante a entrevista e se demonstraram favoráveis às normas escolares. Os alunos conheciam as regras de comportamento da escola, com detalhes: uso correto do uniforme, a proibição do uso de aparelhos eletrônicos na sala de aula, horários de entrada e as punições previstas. Mesmo regras recentes, como a proibição do jogo de futebol durante o recreio eram de conhecimento dos alunos e todas as consideraram justas. A punição (advertências orais e por escrito, convocação de pais, etc.) é uma realidade nesta escola. Os alunos reconheceram que burlar as regras poderia resultar em advertências e outras consequências.

**Entrevistadora1:** Quais são regras básicas desta escola?

**Bianca:** As regras... Bom, agora o [coordenador pedagógico] colocou uma regra que não é mais pra jogar futebol, porque quebraram muito vidro da escola. Aí, ele suspendeu o futebol, mas tem gente ainda que joga [...] leva pra secretaria e ele conversa com eles e, às vezes, eles levam advertência. Outra regra é que quando a gente tem tempo vago na hora do recreio dos pequenos, a gente não pode brincar com o totó. .

**Entrevistadora1:** É pra não misturar os grandes com os pequenos?

**Bianca:** É. E também não pode usar o refeitório na hora deles. Tem que ser no nosso recreio.

**Nicolas:** [...]. Alguns alunos não cumprem as regras do uniforme, mas a diretora esta ali em cima do aluno pra que ele use. Tem a regra do horário, mas também poucos vêm [atrasados], mas é mais por causa do ônibus. O 107 é o ônibus usado com mais frequência e ele demora mesmo. [...] presença também porque tem um número lá certo de presença, se faltar é reprovado. O máximo de faltas é de dez com cada professor. Quem tiver mais que isso, então o aluno esta reprovado na matéria.

Os alunos descreveram comportamento de colegas envolvendo conflitos relacionados ao uso do uniforme, aparelhos eletrônicos e acesso à internet durante as aulas, que são muito semelhantes àqueles encontrados na escola privada.

**Entrevistadora1:** Celular na sala pode usar? Mp4?

**Rafaela:** Não, mas tem gente que usa.

**Entrevistadora1:** Você usa?

**Rafaela:** Quase, não. Twittar, né? Facebook. Atender telefone, não atendem, não.

**Entrevistadora1:** Você faz isso? Você usa o facebook na sala?

**Rafaela:** Não, meu celular nem tem.

**Entrevistadora1:** Quantos colegas seus vêm com uniforme errado?

**Gabriel:** Cinco. Vêm de boné, depois eles vêm com outra camisa. [...]. Eles até vêm, só que pra pegar o ônibus, depois eles tiram. Eles vêm de chinelo, alguns. Eles falam que estão com dedo machucado, mas eles não estão. Eu sei que quando eles vêm de chinelo é pra tirar pra jogar futebol descalço.

**Entrevistadora1:** Você acha que as regras da escola são justas? Tem alguma regra da escola que você não concorda?

**Gabriel:** Com todas eu concordo. Para eles [os colegas], eles não concordam por causa do uniforme. Querem vir com qualquer roupa, com boné... Eu gosto de usar boné, mas não na escola.

Algumas regras na prática, tais como horário de entrada e a possibilidade de uso de aparelhos eletrônicos nas aulas dependem dos perfis dos professores. Um exemplo disso é que os alunos sabem quando podem entrar atrasados em algumas aulas.

**Entrevistadora1:** Quais são as principais regras que você deve cumprir aqui?

**Sabrina:** É... Celular não pode. Não pode ouvir música, mp4 não pode. Correr no corredor. Umás coisas assim. [risos] [...]. Não pode chegar atrasado.

**Entrevistadora1:** Há tolerância? Qual é a tolerância de entrar atrasado?

**Sabrina:** Acho que é de vinte minutos. Até as 7:20h o portão tá aberto. Aí se você não chegar, você tem que entrar por trás e perde o primeiro tempo, aí só volta no segundo. Mas têm alguns professores que deixam.

**Entrevistadora1:** Você conhece as regras da escola?

**Rafaela:** Ah, a entrada é 12:50h. Se você chegar uma e cinco, mas os professores acabam liberando quem chega mais atrasado.

**Entrevistadora2:** Muita gente chega atrasada? Assim, na hora mesmo de iniciar a aula, quantos dos trinta e dois alunos estão lá na sala na hora certa? Normalmente.

**Rafaela:** Poucos, quinze, sei lá. Aí vão chegando com o tempo...

Todos os alunos consideravam as regras justas. As atitudes de alguns colegas que burlam as regras eram mal vistas pelos alunos entrevistados.

**Entrevistadora1:** Eu vi que você tem celular e que sua mãe ligou. Você costuma atender o celular nas aulas?

**Gabriel:** Não. Eu não trago nem celular pra escola por causa desse negócio. A minha mãe pode ligar no meio da aula, atrapalha. [...]. Tem uma garota que é da minha turma, que ela chega, atende o celular no meio da aula. Aí o professor faz o quê? Fica olhando, espera ela acabar tudo. [...]. Têm os professores que atendem o celular. Tem uns [professores] que atendem e eles acham que podem atender também.

**Entrevistadora1:** E tudo bem? O professor não reclama?

**Laila:** Não. Ele fala: Pode atender. É. Atendem [os colegas], só que atendem escondido às vezes. E alguns usam fone de ouvido na sala de aula. Aí quando o professor vê, ele pede pra tirar, mas o aluno...

**Entrevistadora1:** E atrapalha a aula?

**Laila:** Quando tá, eu vou lá e peço pra abaixar ou então tirar. Eu peço. Abaixa aí. Tá alto e não sei o quê.

Não identificamos nos depoimentos dos alunos sobre as regras escolares, nenhuma discordância sobre as mesmas. Ao contrário, todos os meninos demonstraram acatar as normas escolares com pouca crítica a respeito, salvo a insatisfação com o comportamento dos colegas indisciplinados e com a postura dos profissionais da escola em relação a eles, demonstrando que gostariam de ver maior rigor com aqueles que burlam as regras.

### ***Sobre a avaliação na escola***

Os alunos em geral consideram justa a avaliação feita pelos professores. No *survey* (2009), 62,6% dos alunos desta escola pública apontaram que os professores frequentemente realizavam uma avaliação justa e 34,6% disseram que isso acontecia algumas vezes. Para a maior parte dos alunos na escola pública, os professores avaliavam com base no que ensinaram nas aulas. Nestes depoimentos podemos perceber a boa relação dos alunos com os professores e a disponibilidade destes para explicar.

**Entrevistadora1:** Você acha que a avaliação é justa? Ou você já se sentiu injustiçada com alguma prova?

**Sabrina:** É... Não. Não. Tudo que eles passam cai no teste, na prova, eles passam antes. Eles dão revisão. Eles explicam direito. Quando tem dúvida eles explicam de novo. Aí eles falam que se for necessário mil vezes, eles vão explicar de novo. É sempre assim.

**Entrevistadora1:** Você acha que a avaliação que os professores fazem aqui é uma avaliação justa? Você discorda de alguma coisa?

**Clarisse:** Não. Eles passam a matéria e dão na prova o que eles passaram. Não inventam nada. [...]. Assim, tem um ou outro que acha que o professor não deu a matéria. Mas nem sempre é por isso, sabe? Ou essa pessoa que falou, faltou e o professor deu a matéria, por exemplo.

Entre os alunos entrevistados também havia um sentimento de que os professores estavam empenhados para que eles passassem nos concursos do ensino médio, como pode ser percebido na fala de *Gabriel*.

**Entrevistadora1:** Como foram as provas?

**Gabriel:** Foi bem. Eu não fiquei em nenhuma matéria reprovado.

**Entrevistadora2:** Você já tem o resultado?

**Gabriel:** Os professores já estão dando já. Já falaram até quem reprovou. A maioria que ficou foi em português. Porque a minha professora de português faz a prova muito difícil. Tipo prova de concurso mesmo, mais difícil ainda que concurso. Aí, muita gente como não estuda, dá mais atenção pro curso que eles fazem, curso preparatório e não liga pra escola. Não estuda e fica mal na prova.

A despeito do clima de concordância com a forma de avaliar dos professores, também identificamos que os alunos, *Nicolas* expressa a possibilidade de conversar com os professores sobre as provas e testes, demonstrando que costuma argumentar sobre as avaliações.

**Entrevistadora1:** E você considera essa avaliação justa? Você acha que os professores avaliam direito?

**Nicolas:** Sim. Sim. Uma avaliação justa. Teste, prova... Cada um avalia do seu jeito, né? Têm uns que passam dois testes ou prova. Têm uns que passam vários trabalhos. É uma avaliação justa.

**Entrevistadora1:** Quando você não concorda com a avaliação o que você faz?

**Nicolas:** Bom, a gente até conversa com os professores. [...] a gente chega pro professor.... Acho que até todos os professores são fáceis de conversar. Não tem um que chegue... Ah, professor a sua avaliação aí tá meio puxada, tal. O professor não vai ignorar, ele vai levar em consideração.

### ***Sobre os professores***

Todos os alunos entrevistados disseram gostar dos professores e manterem um bom relacionamento com eles. No depoimento de alguns estudantes são perceptíveis a amizade e o afeto que eles sentem por alguns docentes.

**Entrevistadora1:** Como é que é o seu relacionamento com os professores?

**Bianca:** Os professores são muito amigos meus. Às vezes eu conto alguma coisa pra eles, eles ajudam.

**Entrevistadora1:** Coisa pessoal? Fala segredo?

**Bianca:** É.

**Entrevistadora1:** Você se dá bem com os professores ou tem algum que...?

**Clarisse:** Todos eles. [tom enfático].

**Entrevistadora1:** Fala pra mim como é o seu relacionamento com os professores.

**Sabrina:** Têm, como eu falei, têm alguns que não tem diálogo, mas têm outros que falam direito com a gente. Conversa. Brinca, às vezes, também. Aí deixa a aula mais descontraída. Eu gosto.

**Entrevistadora1:** Tem algum que você não gosta?

**Sabrina:** Não. É. Eu gosto de todos.

A maior parte dos alunos da escola pública admirava os professores, principalmente se remetendo ao rigor e dedicação. A forma de apresentar os conteúdos e a descontração também foram aspectos destacados pelos alunos.

**Entrevistadora1:** Quais os professores que você mais gosta?

**Otávio:** Ah, a professora de ciências e a professora de geografia. Porque a professora de ciências, ela é tipo assim, fica falando sacanagem pra gente prestar atenção na aula, aí todo mundo ri, presta atenção. E de geografia, eu acho geografia muito legal. Eu acho a matéria muito boa. Todo mundo acha.

**Entrevistadora1:** Quais os professores que você gosta mais? Por que você gosta deles?

**Sabrina:** Eu gosto da de português; da de ciências e do de geografia. Porque eles são mais rígidos. Eles têm moral em sala na aula. Porque senão, se o professor não bota moral fica todo mundo bagunçando. Eles explicam bem também

Os alunos deram ênfase em diferentes momentos das entrevistas aos professores que apresentavam controle sob as turmas, além daqueles que sabiam abordar assuntos de forma variada, demonstrando, sobretudo, domínio da disciplina. A fala de *Nicolas* resume bem esta impressão recorrente entre os alunos.

**Entrevistadora1:** Quais professores você mais gosta? Por quê?

**Nicolas:** Mais gosto? Professora de ciências. Porque eu acho que ela não fica só na matéria. Ela tem os momentos de descontração e ela sabe explicar bem a matéria dela. Ela sabe dar bem o que ela tá pretendendo. Então, é uma pessoa que eu gosto. Ela, e a professora de geografia. Pelos mesmos motivos e porque eu acho que também é uma pessoa de pulso firme, quando ela precisa ter pulso firme. Gosto dela.

**Entrevistadora1:** Como que é o pulso firme dela? Me explica.

**Nicolas:** Por exemplo, a aula dela é um silêncio. É calma porque o aluno, vamos dizer assim, não é ... medo. [...]. A gente consegue fazer tudo na aula dela porque é uma aula calma. Por isso, por ela ter esse respeito. E a professora de português, porque é uma professora bastante empenhada. Ela sempre tá persistindo pra puxar até o, vamos dizer assim, o pior dos piores alunos. Não quer nada com nada, ela tá lá insistindo nele. Então, são as professoras que eu mais gosto.

Perceber que os professores se importavam foi um aspecto muito enfatizado pelos meninos e meninas da escola pública. Talvez por este motivo, aquilo que foi

mais destacado por eles quando falavam dos problemas que tinham com os professores estivesse associado àqueles docentes que faltavam ou que pareciam pouco comprometidos com as aulas.

**Entrevistadora1:** Com os outros professores você se dá bem também? Tem problema com algum professor?

**Otávio:** Me dou. É. Esse [professor de matemática] de não falar, de falar pra dentro. Tem uma professora, de artes, ela começa a gritar com todo mundo. Ela fica dando mais bronca do que aula. Tem um professor que fica saindo toda hora de sala, o de história [matéria que o aluno apontou ter dificuldade] Fica saindo, mas só que ele fala que não sai, mas sai. Ele manda a gente fazer um dever e a gente faz, aí na hora de corrigir ele manda um texto gigante. Ele não lê o texto [junto com a turma], a maioria das vezes, e começa a corrigir.

Seis alunos (*Bianca, Sabrina, Nicolas, Gabriel, Clarisse e Rafaela*) apresentaram uma crítica apurada ao trabalho dos professores: identificaram quando a aula era “improvisada”; os alunos demonstraram em diferentes momentos não gostar dos professores que não conseguiam controlar a turma e diferenciaram ações docentes que envolvessem autoridade ou autoritarismo, por exemplo. Ao mesmo tempo, os alunos reconheceram que o principal problema que os professores tinham com os alunos referia-se à falta de respeito e a comportamentos inadequados da turma. Nestas situações, os alunos identificaram que muitos colegas não sabiam falar com os professores e que não conseguiam ficar quietos ou prestar atenção nas aulas – o oposto das disposições acadêmicas favoráveis ao desempenho que apresentavam.

**Gabriel:** [...] a minha professora de artes, ela às vezes não sabe muito o quê passar. [...] Ela inventa coisa pra fazer na hora, às vezes, ela não tem o quê passar. A gente fica meio sem fazer nada. Fica sem aula.

**Entrevistadora1:** Você sente que ela não planejou a aula, é isso?

**Gabriel:** É. Às vezes ela não planeja, ela inventa na hora. Porque a turma é meio, é assim, tem um pessoal que faz muita bagunça [...] o pessoal não respeita porque se ela vai fazer na hora, ela vai pensando, pensando e o pessoal fica brincando.

**Entrevistadora1:** Quais são os problemas mais comuns que os alunos têm com os professores?

**Nicolas:** Têm, têm vários. A questão de, às vezes, não respeitar o professor. Querer ser mais, vamos dizer assim, querer ter mais autoridade do que ele. O professor tá falando alguma coisa, aí a pessoa não está prestando atenção, tá conversando, virado pra trás. Aí quando o professor chama atenção, o aluno quer bater boca, discutir. Isso é uma questão que já teve até discussões sérias, aluno e professor. [...].

**Entrevistadora1:** Tem muito disso nas aulas? Em todas as aulas?

**Nicolas:** Tem bastante. Todas não. Têm aulas que o professor consegue controlar a turma.

### 6.3.5

#### O *habitus* escolar na instituição pública: herança escassa e esforço de reconversão

As entrevistas com os estudantes da escola pública deixaram em nós a sensação de sacrifício e do trabalho intenso que os meninos e meninas enfrentavam naquele ano letivo. A atmosfera do esforço vivido por estes adolescentes perpassava também aquele ambiente escolar, onde se podia notar o empenho de gestores e professores na manutenção da qualidade e da imagem de qualidade que a escola vinha conquistando a alguns anos.

Outra característica que se manteve muito presente e que já foi destacada em diferentes momentos no presente trabalho, foi a proatividade dos alunos, que desempenhava papel importante, impulsionando a exposição de problemas e conflitos escolares e com isso, a manutenção da qualidade da escola. Tal atitude proativa dos alunos, aliada ao perfil de famílias engajadas na escolarização levavam à discussão e encaminhamento muitas questões concernentes ao ensino propriamente (professores que não explicavam bem, atraso nos conteúdos, entre outras questões), que eram cobradas durante as reuniões de pais. As mães dos alunos entrevistados, sem exceção, tinham uma postura de vigília e de cobrança. Observamos por diversas vezes, satisfações e esclarecimentos que diretoras, professores e o coordenador pedagógico prestavam a estas mães.

Procuramos examinar com os alunos conflitos que surgiram durante o trabalho de campo. Alguns depoimentos, que também não se encaixaram nas categorias propostas como ocorreu com as entrevistas de alunos na escola privada, ilustram o sistema de ação conjunta que se forma entre os alunos, suas famílias e a direção da escola na manutenção da qualidade do ensino.

**Entrevistadora2:** O quê aconteceu com a disciplina matemática e como se resolveu ou não se resolveu?

**Nicolas:** [...] na reunião de pais os pais que recebem o boletim. E ela [a mãe do aluno] já tinha conversado com a diretora sobre o professor. Assim que o professor entrou, na segunda aula dele eu já tinha conversado com a minha mãe e ela já tinha conversado com a diretora. A diretora falou que, como ela não conhecia ainda o trabalho do professor ela ia esperar um pouco. Então quando a minha mãe recebeu a nota ruim ela foi falar com a diretora. Aí a diretora: Não. Tá. Eles são bons alunos mesmo, eu vou ver o que eu posso fazer em relação a isso. Vou conversar com o professor, vou falar do histórico deles e tal.

*Nicolas* e o irmão *Gabriel* estavam tendo problemas na compreensão do conteúdo em matemática. Ele é filho de *Tereza* (42 anos, enfermeira), que esteve sempre presente na escola. No depoimento desta mãe identificamos a postura de vigília e de reivindicação, que aparece refletida na fala dos filhos.

*Laila*, ao final da entrevista, no momento em que perguntávamos aos alunos se gostariam de registrar mais alguma coisa ou fazer alguma pergunta para nós, deixa uma mensagem na qual reivindica maior facilidade na substituição de professores.

**Entrevistadora1:** Você quer dizer mais alguma coisa pra nós?

**Laila:** Não. Tipo: Eu acho que só deveria ter mais professores disponíveis caso aconteça alguma coisa com alguns ou eles trocarem o professor. Se a gente não tiver gostando, trocar. Porque não tem como você ter uma aula com um professor que não sabe explicar e tal. Acho que foi ano passado, a gente fez um abaixo assinado para o professor de matemática sair. Era outro professor. Ele não sabia explicar. Ele não estava nem aí pra gente. Ele era muito ruim, muito chato. Não gostava dele. [a aluna foi muito enfática].

**Entrevistadora2:** Aí ele [o professor de matemática] saiu, veio esse e você também não gosta. E aí?

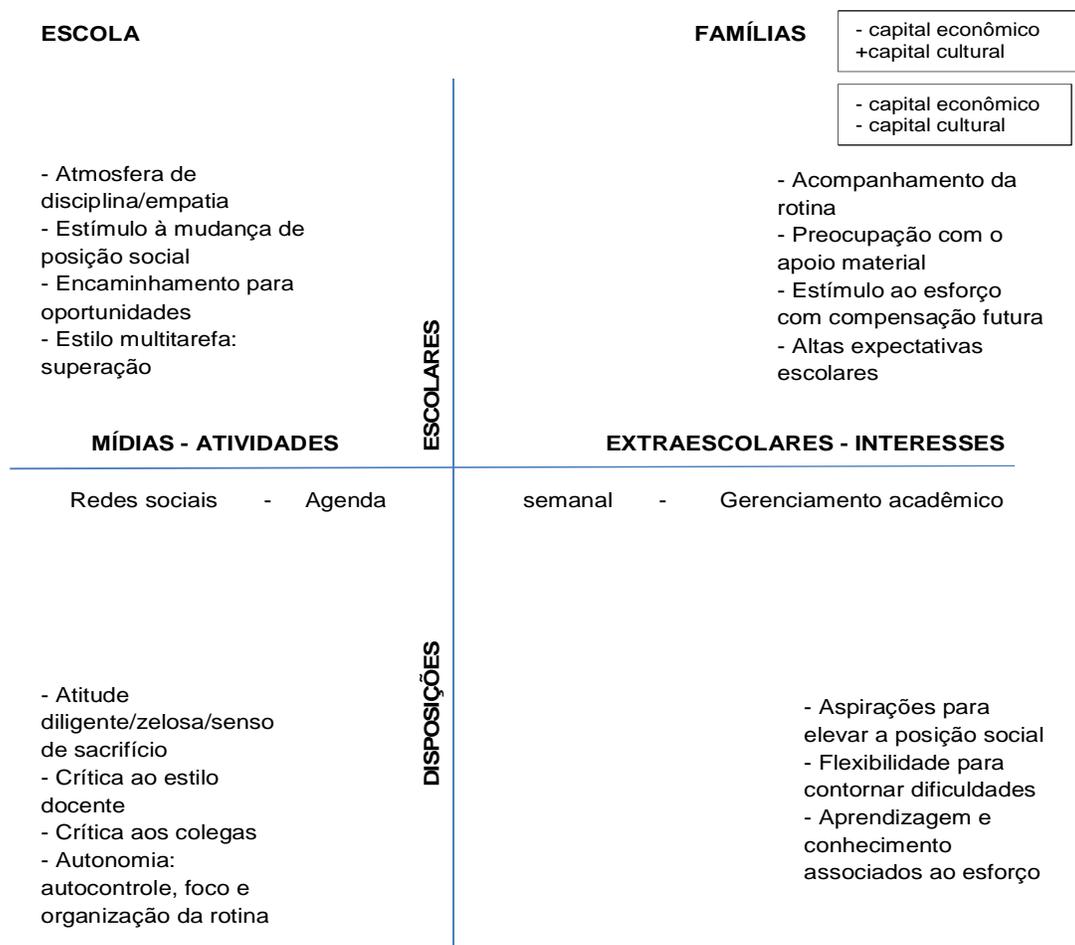
**Laila:** É. Não é que ele seja chato. É que ele não sabe explicar. Isso atrapalha. O outro era chato e não sabia explicar. Só que com o curso já fica melhor.

Em alguns depoimentos mais e em outros menos foi notória esta atuação crítica sobre o trabalho dos professores. Por outro lado, a vontade de manter a imagem de qualidade da escola parecia impulsionar os profissionais às intervenções sobre o trabalho docente. Para estes professores (diretores e coordenadores), trabalhar em uma instituição reconhecida dentro da rede municipal de ensino aparecia como sinal de distinção. Também vale ressaltar a posição que esta escola pública ocupava dentro do sistema, que a reconhecia como “modelo” sobre a qual deveria manter atenção e monitoramento, ainda que nem sempre tenhamos observado que isto ocorresse de forma objetiva.

Entre os alunos desta escola não identificamos “atitudes dissimuladas”, mas a descrição de um “ofício de estudante” (Perrenoud, 1995). Responsabilidade, obrigação, respeito e subordinação estão representados nas atitudes, posturas, disposições e valores expressos pelos estudantes desta escola pública. As dificuldades e percalços cotidianos parecem ter modelado o *habitus* escolar destes alunos, muitos acostumados em manter a concentração nos momentos contrários e a aproveitar as oportunidades, compreendidas pelas situações em que se pode obter uma explicação ou mesmo um conselho de algum professor ou outro profissional da escola.

No esquema abaixo (Figura 4), podemos ressaltar a homologia nas disposições escolares identificadas e os valores familiares que estimulam a experiência escolar dos alunos nesta escola pública.

**Figura 4: Disposições escolares na escola pública**



Por meio deste esquema (Figura 4) inventariamos um exemplo no qual as disposições escolares e familiares se encontram convergidas de forma mais ou menos ajustadas. No caso das famílias investigadas no setor público, as expectativas e valores familiares, como o estímulo ao esforço e o acompanhamento da rotina, aliada às altas expectativas escolares encontram apoio e desenvolvimento na escola, que por sua vez, mantém um clima de disciplina e incentivo à superação. Durante a reunião de início de ano, a diretora informava

que a escola poderia ajudar os alunos que se esforçassem, ou seja, ajudar a conquistar vagas em boas escolas, para aqueles que estivessem dispostos a estudar. Tal discurso e projeto encontram em algumas famílias, como as que os alunos entrevistados pertencem, um contexto ideal para o estabelecimento de “contratos de sucesso escolar” (Lacerda & Paes de Carvalho, 2007). Nesta escola observamos estratégias para a distinção, na medida em que atuam identificando os alunos com potencial para o bom rendimento escolar, os quais podem ajudar a manter a imagem de qualidade da escola. Imagem esta que atrai um grande número de estudantes, que muitas vezes não são capazes de acessar posições escolares prestigiadas (vagas nas escolas públicas federais e bolsas nas escolas privadas de prestígio) da cidade. Para estes alunos, resta garantir que se encaminhem para o ensino médio. As escolas técnicas e a carreira militar em diferentes áreas são, no limite, as mais altas expectativas sonhadas (previstas) para estes meninos e meninas.

Entre as disposições escolares – *habitus* escolares – características de alguns alunos (especialmente, *Clarisse, Otavio, Laila e Sabrina*), pode se observar uma espécie de herança escassa (escolar, cultural e econômica) e um esforço estratégico de “reconversão” (Bourdieu, 2007b: 122). A reconversão se torna possível a partir do empenho das famílias em proporcionar os meios materiais e simbólicos para que os filhos ascendam na escolarização com distinção, mesmo diante dos constrangimentos sociais: baixa escolaridade das mães, baixo capital cultural objetivado e poucos recursos financeiros. As mães de *Clarisse (Paula, 40 anos, diarista)* *Otavio (Joana, 40 anos, empregada doméstica)* e *Laila (Flávia, 44 anos, vendedora ambulante)* possuíam ocupações voltadas para o setor de serviços, nos quais se exige baixa escolaridade e que são reconhecidos por uma baixa, baixa/média remuneração. No entanto, chama atenção o alto capital informacional em termos de ensino que estas famílias apresentaram. Estas mães eram muito bem informadas sobre os concursos e cursos preparatórios ao ensino médio. Além de a escola funcionar como um espaço para a promoção destas informações levanta-se a hipótese de que ao trabalharem para famílias de alto capital cultural, estas mães estejam adquirindo nos espaços de convivência, conhecimentos importantes para apoiarem a escolarização dos filhos, bem como estímulo simbólico e concreto para isso, como a dispensa do trabalho para participar das reuniões escolares, como ressaltou *Joana*. A este respeito, convém

o investimento em novas pesquisas para que se investiguem as características destas famílias, que trabalham para classes sociais mais favorecidas e que por isso, usufruem de informações e oportunidades as quais não estariam disponíveis em outros meios de trabalho e que podem possibilitar a ascensão escolar dos seus filhos. A mãe de *Sabrina* (*Úrsula*, 43 anos, dona de casa) possuía o ensino médio completo, apresentando semelhantes características no que se refere às informações sobre o mercado escolar. Observamos que esta aluna apresentava, inclusive, algumas vantagens extras pelo fato da mãe não trabalhar e circular culturalmente pelo bairro, onde se encontram oportunidades de cursos gratuitos, acesso a bibliotecas públicas e cinemas com preço acessível.

As disposições escolares – *habitus* escolares – de *Bianca*, *Nicolas*, *Gabriel* e *Rafaela* expressam as influências familiares de um capital cultural e capital social em aliança. Nas experiências narradas por estes alunos, foram notadas estratégias para a manutenção e superação da herança (cultural e financeira). As mães destes alunos possuíam ensino superior, sendo uma delas (*Adriana*, mãe de *Bianca*) com mestrado na sua área profissional. Estas mães eram capazes de ajudar nas tarefas escolares, indicar leituras, oferecer livros e estarem atentas aos conteúdos ensinados pelos professores. Apesar da indicação de um médio/baixo poder aquisitivo, todos os esforços eram mantidos para financiar o curso preparatório para os filhos, por exemplo. O nível de participação destas mães na escola também era diferenciado. *Deise* (45 anos, bacharel em música), mãe de *Rafaela*, tinha um histórico como colaboradora na escola, tendo auxiliado na organização da biblioteca e ajudado em festas, *Adriana* (Química, Mestre), mãe de *Bianca*, mantinha uma boa relação com a direção e com os professores. Segundo *Bianca*, sua mãe era amiga de um dos donos do curso preparatório que frequentava, tendo conseguido descontos por conta disso. O ingresso de *Bianca* e da irmã na escola pública havia sido facilitado por um contato da avó materna na SME. Tais situações demonstram as influências do capital social de algumas famílias. *Tereza* (42 anos, enfermeira), mãe de *Nicolas* e *Gabriel* mantinha uma postura muito vigilante na escola, cobrando pela substituição de professores, por acertos no boletim, entre outras questões. As requisições desta mãe eram atendidas e ela reconhecida como mãe de bons alunos. Entre estas mães, também pôde ser identificado um alto capital informacional, através do conhecimento sobre as boas escolas e sobre oportunidades para os filhos.

Como características e disposições comuns a todas as famílias da escola pública, a boa vontade cultural e a presença de uma lógica do esforço e sacrifício, em vistas de uma compensação futura e a crença na educação. A escuta atenta aos filhos, participação nos eventos escolares, diálogo e monitoramento do ensino público, com ênfase nos conteúdos são aspectos que transpareceram na maior parte dos depoimentos.

As rotinas descritas pelos alunos na escola pública demonstraram entre eles a internalização do *ofício de estudante*. A chegada à escola parece transcorrer sem atrasos. Na rotina doméstica, não há relatos sobre dificuldades para dormir ou acordar, há respeito e constância nos horários, controlados pelos próprios alunos. As tarefas recomendadas para casa e o estudo diário oferecem novamente indícios de ordem e da autonomia dos estudantes. Nos espaços para estudar em casa, a presença de adaptações das famílias para favorecer o estudo: alternar horários, estudar enquanto outros dormem, pedir silêncio, acomodar espaços, etc.

As atividades extraescolares dos alunos estavam voltadas para a preparação para as provas do ensino médio, na prática, tais atividades extras eram escolares no sentido estrito. Nos depoimentos de algumas mães parece existir uma preocupação constante de que conteúdos escolares podem fazer falta e serem requisitados no futuro. Há uma atmosfera de que os filhos podem se encontrar devassados, por isso a necessidade do curso preparatório aparecer com tanta força. Na descrição dos alunos sobre os cursos, identificamos outros tipos de ensinamento escolar nestes espaços, atividades para ensinar a estudar, além de muito incentivo e encorajamento. Apenas três alunos tinham atividades extraescolares, voltadas para o esporte, no caso de *Gabriel e Nicolas*, cursado de forma gratuita, e para o ensino de línguas, no caso de *Sabrina*, que era financiado pelo avô. Atividades artísticas e musicais não estiveram presentes nos depoimentos dos alunos, nem durante os finais de semana. Muitos alunos disseram estudar aos sábados e domingos, tendo poucos momentos de lazer, com a descrição de programas, que requisitam baixos recursos financeiros: idas à praia, passeios, cinema e ida à igreja. Neste contexto, a aquisição de disposições e fruição cultural para estes alunos, passa a depender muito da escola, que por sua vez, não está voltada para o desenvolvimento destas habilidades.

Os depoimentos sobre as relações diárias com as mídias mostra a forte presença da televisão na vida destes adolescentes. Assistir TV e jogar videogame

(usando a TV) foram as atividades para relaxamento e lazer mais apontadas entre os alunos da escola pública. Apesar de todos terem computador, com acesso à internet em casa, meninos e meninas indicam uso esporádico destes recursos, o que aparenta ser um reflexo do controle familiar sobre as rotinas.

Sobre os dias mais difíceis da semana, a sexta-feira é apontada em virtude do grande volume de estudo ao longo da semana. Sobre as dificuldades na escola, chama atenção que a maior parte dos alunos tenha pouco conhecimento da língua inglesa. O ensino de matemática também aparece como um problema, indicando ser uma questão a ser investigada em toda a rede de ensino municipal.

Em relação ao comportamento acadêmico na sala de aula, os alunos demonstram o desenvolvimento do vigor que adquiriram em algumas disposições escolares importantes. Nenhum aluno disse ter vergonha de fazer perguntas, ao contrário todos demonstraram maior desenvoltura e menos dependência de atitudes associadas ao clima da turma. A interação com os colegas também se manifesta como um aspecto importante para os adolescentes desta escola, que costumam tirar dúvidas e estudar junto com os colegas. Meninos e meninas acatam as recomendações dos professores para fazer tarefas na sala de aula. As anotações em sala, no entanto, parecem ser mais restritas e apenas duas alunas (*Clarisse e Laila*) indicaram costumar anotar o que o professor fala.

São altas as expectativas de futuro dos alunos da escola pública, que pensam concretamente a respeito. Eles também associam as profissões ao desenvolvimento que alcançaram em determinadas disciplinas e se demonstram propensos às profissões tradicionais: medicina, direito, psicologia, arquitetura.

Os hábitos de leitura quase não foram destacados pelos alunos, bem como pelas mães. Nenhum aluno indicou usar a biblioteca da escola, que observamos estar muitas vezes fechada. Apenas *Sabrina* (filha de *Úrsula*) citou dois livros de literatura juvenil (gênero ficção) que tinha lido recentemente, indicando que a escola costuma recomendar leituras.

**Entrevistadora1:** Você lembra dos últimos livros que leu?

**Sabrina:** Eu li um aqui pra escola, O Escaravelho do Diabo.

**Entrevistadora1:** Ah, eu já li esse livro.

**Sabrina:** Minha mãe também.

**Entrevistadora1:** Hã, ham. Mais algum? Você lembra?

**Sabrina:** A Marca de Uma Lágrima que a minha prima me emprestou.

Nos depoimentos das mães pudemos observar que algumas se ressentiam de não poder estimular o hábito da leitura (como fez *Deise*, mãe de *Rafaela*) entre os filhos. Talvez a conjuntura à época tenha causado reforçado este efeito, em virtude da escassez de tempo disponível dos alunos (voltado para a preparação dos concursos) para este tipo de atividade.

Em diferentes momentos, os alunos indicam a dedicação e empenho dos seus professores, tendo demonstrado uma crítica severa aos docentes faltosos e aos que “explicavam mal” os conteúdos escolares. Chama atenção a riqueza de detalhes na avaliação dos professores, que eram apontados por não saber planejar a aula ou não apresentar domínio sobre a matéria. Semelhante rigidez foi percebida na forma como os alunos avaliam os colegas de turma, ressaltando como o comportamento de alguns alunos prejudica o clima acadêmico na sala de aula. Estes e outros indícios nos levam a supor que exista a convivência de meninos e meninas com origem em diferentes camadas sociais nesta escola pública. Não investigamos mais detidamente a forma como a escola lida com os alunos de famílias com menor capital cultural, no entanto, pudemos perceber um tratamento diferenciado entre os alunos.

Ainda que sejam notáveis as oportunidades e estímulo à ascensão destes alunos via escolarização, o pouco conhecimento do inglês, o baixo desenvolvimento de habilidades para dominar e apreciar saberes que se relacionam à literatura e a outras atividades culturais parece deixar uma lacuna na formação destes estudantes. Muitos alunos pleiteavam vagas em escolas privadas, nas quais tais aspectos são ainda mais valorizados. Apesar do gerenciamento acadêmico, com o cumprimento de todas as atividades escolares e do alto senso de responsabilidade entre eles, parece estar sendo promovido um ensino *tout court*, no sentido de estar voltado fortemente para os conteúdos escolares, e que pode não estar munindo os estudantes de outros conhecimentos e habilidades necessários para acessar determinadas esferas culturais e profissionais.